

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO - OESTE DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM**  
**DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

**MARCIA ADRIANA SCHÜLLER**

**AS ESCOLAS DO CENTRO-SUL DO PARANÁ, E SUA SENSIBILIDADE EM**  
**ABORDAR A QUESTÃO DO TRABALHO INFANTIL NA FUMICULTURA**

**Irati - PR**

**2015**

**MARCIA ADRIANA SCHÜLLER**

**AS ESCOLAS DO CENTRO-SUL DO PARANÁ, E SUA SENSIBILIDADE EM  
ABORDAR A QUESTÃO DO TRABALHO INFANTIL NA FUMICULTURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Erivelton Fontana de Laat

**Irati - PR**

**2015**

Catálogo na Fonte  
Biblioteca da UNICENTRO

S386e	<p>SCHÜLLER, Marcia Adriana. As escolas do Centro-Sul do Paraná, e sua sensibilidade em abordar a questão do trabalho infantil na fumicultura / Marcia Adriana Schüller. – Irati, PR : [s.n], 2015. 115f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Erikelton Fontana de Laat Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná.</p> <p>1. Dissertação – educação rural. 2. Sociologia – escola do campo. 3. Exploração – sobrevivência. I. Fontana de Laat, Erikelton. II. UNICENTRO. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 20 ed. 370.9</p>
-------	---

MARCIA ADRIANA SCHÜLLER

AS ESCOLAS DO CENTRO-SUL DO PARANÁ, E SUA SENSIBILIDADE EM  
ABORDAR A QUESTÃO DO TRABALHO INFANTIL NA FUMICULTURA

Dissertação aprovada em 30/09/2015 como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Erivelton Fontana de Laat  
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

Membros:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Cesar Rey Xavier  
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Armino José Longhi  
Universidade Estadual do Paraná

An mein lieber Newton, der Mann meines  
Lebens, und an unser sehr geliebter Sohn  
Abraham - unser Schatz.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais Werner Heinrich e Ana Maria, pelas lições de humildade e incentivo aos estudos;

Aos meus irmãos pela amizade e pela linda infância que tivemos juntos ao brincar pelos campos da Colônia de Terra Nova;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Erivelton de Laat, pela orientação e direcionamento do trabalho;

Aos membros da banca Prof. Dr. César, Prof. Armindo e a Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Rita, pelos apontamentos para a melhoria do trabalho.

Aos diretores e professores que participaram deste trabalho disponibilizando de seus conhecimentos sobre o tema;

E, ainda, especiais agradecimentos ao Newton, pela paciência e bondade, ao buscar toda a bibliografia de que precisei.

A todos meu muito obrigado.

## RESUMO

Tem esta dissertação por objetivo buscar as circunstâncias em que a exploração do trabalho infantil e a participação infanto-juvenil ocorrem na fumicultura da região centro – sul do Paraná e quais as suas relações com a escolarização. Aspectos históricos – sociais aos quais os trabalhadores rurais são submetidos. Amparando- nos em autores nacionais e estrangeiros que estudaram o tema, adotamos as seguintes categorias: a) a dignidade humana e o trabalho infantil e Histórico da questão; b) o trabalho infantil no cultivo do fumo e suas consequências; c) o binômio escola- trabalho. Quanto aos aspectos metodológicos, foram realizados a leitura sobre o trabalho infantil; pesquisa de campo através de entrevistas com membros da educação em escolas rurais nos centros fumicultores dos municípios paranaenses de Irati, Fernandes Pinheiro, Rio Azul, e Rebouças. Nas entrevistas realizadas foram ouvidos professores e diretores, sobre a participação da escola na vida cotidiana da criança e do adolescente. Da necessidade de tentar solucionar a questão do menor trabalhador. Conclui- se que a criança e o adolescente do chamado meio rural realizam tarefas no campo e no âmbito doméstico combinados em forma familiar. O que se questionou é o fato de o trabalho de tais menores estar intimamente relacionado às formas de aprendizagem e sobrevivência, pois, nos dias atuais, esse trabalho faz parte de uma cadeia produtiva mais ampla cujo objetivo é a produção de valores em benefício da família, da organização familiar. Face à sociedade, a escola é apontada como a solução do problema do trabalho infantil. Mas, se por um lado, a escola é vista como a válvula de escape para tentar amenizar o que haver de degeneração precoce e ao mesmo tempo dar oportunidade aos filhos dos trabalhadores o acesso ao ensino, e no entanto não é capaz de solucionar os problemas cuja origem se acha entranhada nas contraditórias relações que submetem o homem comum à vida e sobrevivência na sociedade onde vive.

Palavras-chave: Exploração de trabalho infantil, Professores, Escola do campo, fumicultura.

## RESUMEN

El objetivo de esta disertación es presentar las circunstancias en que la explotación de la labor infantil y participación infanto-juvenil que ocurre en la fumicultura de la región Centrosur de Paraná e sus relaciones con la escolarización. Aspectos historicosociales a los cuales los trabajadores del campo son sometidos. Con base en autores nacionales y extranjeros que han estudiado la tierra, hemos adoptado las siguientes categorías: a) la dignidad humana y el trabajo infantil. Historia de la cuestión; b) el trabajo infantil en el cultivo del fumo y sus consecuencias; c) el binomio escuela – trabajo. En lo que dice respecto a los aspectos metodológicos, han sido realizados lectura acurada de bibliografía especializada; pesquisa del campo através de entrevistas, con los miembros de la educación en escuelas rurales en los centros fumicultores de los ayuntamientos de Irati, Fernandes Pinheiro, Rio Azul e Rebouças. Han participado de las entrevistas maestros e directores que hablaron sobre la participación de la escuela en la vida diaria del niño y los adolescentes. De la necesidad de encontrar una solución a la cuestión del menor trabajador. Se concluye que el niño y el adolescente de dicho ambiente rurales. Tareas en el campo y en el medio doméstico combinados en forma familiar. Lo que se discute es el hecho del trabajo del menor estar estrechamente relacionado a las formas de aprendizaje y supervivencia, pues, en los días de actuales, esse processo hace parte de una cadena productiva más amplia cuyo objetivo es la producción de valores en beneficio de la familia y sua organización. En la sociedad la escuela es vista como una solución para el trabajo infantil. Pero, si amenizar lo que puede existir de denegación precoz y al mismo tiempo ofrecer mejor oportunidad a los hijos de campesinos de acceder a la enseñanza, no se capaz de presentar una solución a los problemas cuyo origen se encuentra ligado a las contradictorias relaciones que someten al hombre común a la vida y supervivencia en la sociedad donde vive.

Palabras-clave: Explotación del trabajo infantil, Maestros, Escuela rural, Fumicultura.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFUBRA- Associação dos Fumicultores do Brasil  
ANDI- Agência de Notícias dos Direitos da Infância  
ANVISA- Agência Nacional e Vigilância Sanitária  
ASPTA- Agricultura Familiar Agroecologia  
CELEM- Centro de Línguas Estrangeiras Modernas  
CLT- Consolidação das Leis do Trabalho  
COANETI- Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil  
DESER- Departamento de Estudos Sócio- Econômicos Rurais  
ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente  
FNPETI- Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil  
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IPARDES- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social  
OIT- Organização Internacional do Trabalho  
ONGs- Organizações não Governamentais  
PETI- Plano Estadual de Erradicação de Trabalho Infantil  
SEAB- Secretária de Cultura e Abastecimento do Paraná  
SINDITABACO- Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco  
UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: CONTEXTO E JUSTIFICATIVA.....	13
1 REFLEXÕES SOBRE A DIGNIDADE HUMANA E O TRABALHO INFANTIL.....	17
1.1 O TRABALHO INFANTIL NA VISÃO DOS ESCRITORES, DO PASSADO E PRESENTE.....	17
1.2 UMA FIGURA UNIVERSAL E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	22
1.3 O TRABALHO INFANTIL E UM PRÊMIO NOBEL.....	24
1.4 A SITUAÇÃO NO BRASIL E A SUA DISSEMINAÇÃO, APESAR DA LEGISLAÇÃO CONTRÁRIA.....	26
2 TRABALHO INFANTIL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....	29
2.1 CAUSAS E REFLEXOS DO TRABALHO INFANTIL NA SAÚDE.....	34
3 DO FUMO, SEU CULTIVO E O TRABALHO DO MENOR.....	38
3.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O CULTIVO DO TABACO NO BRASIL.....	39
3.2 TRABALHO INFANTIL NO ESTADO DO PARANÁ.....	42
3.3 O TRABALHO INFANTIL NA FUMICULTURA NO ESTADO DO PARANÁ.....	44
4 DA QUESTÃO DA ESCOLARIZAÇÃO NO MEIO RURAL.....	47
4.1 O QUE É E COMO SE DESENVOLVE A ESCOLARIZAÇÃO NO MEIO RURAL.....	50
5 METODOLOGIA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	54
5.1 MATERIAL E MÉTODOS.....	54
5.1.1 Tipo de estudo.....	54
5.1.2 Métodos de coleta.....	55
5.2 TRABALHO DE CAMPO.....	56
5.2.1 Entrevistas.....	56
5.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	57
6 ANÁLISES E DISCUSSÃO.....	58
7 CONCLUSÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
APÊNDICE A - Entrevista no Colégio Estadual Nossa Senhora Aparecida.....	86

APÊNDICE B - Entrevista no Colégio Estadual de Faxinal dos Francos localizado no município de Rebouças.....	92
APÊNDICE C – Entrevista Colégio Estadual de Gonçalves Junior.....	99
APÊNDICE D - Entrevista com o Colégio de Angaí.....	108

## APRESENTAÇÃO

Aprender por experiencia es llegar a conocer mejor una cosa o una especie de cosa, aprender más acerca de una persona o de las personas en general, penetrar más adelante en el vasto espacio en torno nuestro, ver si esto o aquello es materia de ley o de causalidad, etc.

J. N. Findlay in La Disciplina de la Caverna

Quando o meu orientador, Prof. Dr. Erivelton Fontana de Laat, me sugeriu a questão do trabalho infantil, pensei de imediato na dificuldade do tema por ser algo ainda muito polêmico e que tem dado margem a muitas discussões no Congresso Nacional e tem propiciado uma farta legislação a respeito, por sinal das mais conflitantes. O assunto tinha inclusive ramificações que levavam ao abandono da sala de aula, ao menor de rua e até mesmo à delinquência juvenil. Depois havia a bibliografia a buscar, selecionar e utilizar. O material bibliográfico é, realmente, imenso, um emaranhado de legislação e documentos, e complementações que se repetem, material nem todo ele de primeira qualidade, pois existe por detrás do lado teórico e disciplinador, todo um material panfletário que não ajuda nem completa o lado dos estudos teóricos, além de muito estudo de campo, que, muita vez, parece repetir-se, como quase sempre costuma acontecer com esse tipo de pesquisa sobre assuntos de muita repercussão social, exacerbada mais ainda pela mídia que não perde tempo em explorá-los. O que pude observar durante as leituras foi o caráter altamente panfletário, uma certa tendência à paixão ideológica que fazia com que o material a ser utilizado se mostrasse de difícil análise e utilização em uma dissertação acadêmica.

O panfletarismo<sup>1</sup> destrói a serenidade da pesquisa acadêmica e causa-lhe males por vezes irreparáveis para os resultados a serem atingidos

. E uma tese, uma dissertação, um ensaio teórico, podem conter tudo, menos uma vertente tendenciosa (o que lamentavelmente acontece com muitos desses artigos e estudos escritos ao sabor das paixões políticas do momento!) se se deseja demonstrar algum acerto

---

<sup>1</sup> O panfletarismo político, seria, portanto, a adoção de medidas meramente sensacionalistas em prol de um tema. Em geral tem propósitos pouco sinceros, mas leva os seus manipuladores a acreditarem que sim, que procedem da forma mais acertada. Na verdade, encobre apenas uma realidade ao tentar apresentar outra. É francamente tendencioso, e temos um exemplo flagrante na questão da maioria penal. Não é o interesse da sociedade o que está em jogo, mas tendências políticas e princípios de partidos políticos. Mas acreditam que agem bem em politizar sob capa ideológica um tema de importância social nacional. Uma contrafação da “carnavalização” de um tema, de criação de um mestre da Antropologia e da Sociologia, Roberto Da Mata, segundo o qual se destroem princípios pela sua facilitação e adaptabilidade excessivas de um fato social ou cultural.

vislumbrado e deles esperar algum resultado que sirva de modo prático aos que virão depois deles e que decerto precisarão destas pesquisas universitárias para sanarem as suas inquietações, se é que alguém pode pensar que a inquietação intelectual pode ter fim.

O primeiro que fiz foi partir para a busca da bibliografia que viria a utilizar. Procurei, por conseguinte, com isenção, separar, para usar da linguagem bíblica, o joio do trigo, após o quê, pudesse tirar as minhas ilações desapaixonadas. Procurei manter uma neutralidade que, em tais casos, é sempre difícil de ser conseguida a não ser com muito esforço e autodisciplina. Friso, contudo, que cada dia esse material sobre o tema aumenta mais. Muitas vezes trata-se apenas de repetição, como pude concluir de algumas leituras.

Depois, como pesquisadora, posso situar-me estudando e escrevendo sobre o tema, de forma o mais possível neutra, porquanto venho do campo, da roça, como comumente se diz: convivi de perto e pessoalmente, com o fenômeno do trabalho infantil e adolescente, do duro trabalho campestre, no cuidado do campo e dos animais. O mundo campestre não é para mim ficção romanesca, nem fantasia, mas a mais pura experiência de trabalho e vivência, de sofrimento e aprendizagem. E mais ainda: venho de uma comunidade em que outra língua, outros costumes, tradições, maneira de ser, vigiam (e vigem ainda), malgrado achar-se hoje essa colônia na qual passei a minha meninice e adolescência bastante desfalcada da gente daqueles dias, dos primeiros descendentes dos pioneiros, e estar a ser, pouco a pouco, conquistada por pessoas de outros costumes e etnias e língua.

## INTRODUÇÃO: CONTEXTO E JUSTIFICATIVA

Nos dias atuais o conceito trabalho infantil soa tão óbvio, tão evidente, que raramente nos damos conta de que esta expressão, não gerava tantos problemas e tantos questionamentos no passado. Claro que, o trabalho, em seus diferentes conceitos e formas, sempre se fez presente na vida do ser humano, incluindo crianças e adolescentes, e ainda se faz presente em muitas sociedades no Oriente e em África, e mesmo aqui, no Continente Sul-Americano, em países nossos vizinhos. No entanto, com o passar dos anos, o trabalho infantil, tornou-se um objeto de discussão relevante na questão social da infância e do adolescente. A transformação do trabalho infantil em questão social está interligada, historicamente, às mudanças ocorridas no mundo do trabalho, aos movimentos sociais relacionados aos direitos humanos e às mudanças sobre a concepção de infância e adolescência e seus deveres e direitos.

Conforme a Organização Internacional do trabalho (OIT, 2003), o trabalho infantil tem já antiga presença histórica marcada no Brasil, tudo ainda nos dias de descoberta e conquista do País pelos portugueses, e, logo mais, com a extração do pau-Brasil, quando os indígenas, incluindo suas crianças, teriam sido obrigados a trabalhar para os conquistadores. A industrialização do Brasil, em parte, teve forte presença da mão de obra infantil. No final do século XIX, no Estado de São Paulo, 15% dos operários nas indústrias eram crianças e adolescentes. No início da década de 1900, esse percentual cresceu 100%. O setor têxtil chegou a ter 40%, da sua mão de obra constituída por crianças (MOURA apud OIT, 2003).

O trabalho infantil é proibido por lei no Brasil, conforme estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8069/90, e a Constituição Federal de 1988. A proteção da criança e do adolescente tem como prioridade oferecer condições para que o seu desenvolvimento se faça de forma natural, e que este fenômeno pode ser compreendido como um desdobramento do princípio da dignidade humana.

Somente na Constituição de 1988, houve, realmente, um olhar especial para o menor trabalhador, privilegiando-lhe a educação e a profissionalização, as quais servem como preparação para um futuro trabalho, contrário ao labor prematuro que pouco estimula o desenvolvimento intelectual, ou uma vida digna dentro da sociedade, como consta no art. 227, da Carta Magna de 1988, que dispõe:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda

forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Além disto, deste aspecto legal e, portanto, cominatório, entidades de defesa do menor e Organizações não Governamentais (ONGs), manifestam-se clara e diretamente contra o trabalho infantil.

Consta no Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8069/90 no art. 4 que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

E logo em seguida no art. 5 que:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma de lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL, 1990).

Segundo Ariès (2006), até a Idade Média, a criança misturava-se aos adultos nos trabalhos e nos jogos, vestia as mesmas roupas e frequentava os mesmos locais, inclusive lugares insalubres e batalhas. Ela não recebia tratamento diferenciado, não havia censura ao que poderiam ver e ouvir nem havia fortes laços emocionais com os pais. A socialização e educação da criança eram feitas longe da família, por meio da aprendizagem, ou seja, a criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las.

No fim do século XVII mudanças comportamentais foram se consolidando, e os pais se tornaram mais cuidadosas e afetivas com a criança, passaram a vesti-la com trajes diferenciados e a se preocupar com a sua educação, disciplina, higiene e saúde. A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Ou seja, a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, por meio do contato com eles, para ser mantida na escola, o que se estenderia até nossos dias (ARIÈS, 2006).

Segundo a OIT (2003), a infância é um período de vida que não deve ser destinado ao trabalho, mas à educação e ao desenvolvimento. O trabalho infantil por sua vez, pela condição a que a criança é submetida, dizem os seus opositores, muitas vezes põe em risco a possibilidade de ela vir a tornar-se um adulto produtivo, assumindo o seu devido lugar na comunidade.

Como a educação é considerada o principal fator para o bom desenvolvimento de uma sociedade, por qual motivo um jovem que cresceu em meio a este mundo rural e criado e familiarizado com essa vida rural, onde tem os seus amigos e parentes, sair em busca de uma nova vida e de novas realizações fora deste meio, que é o seu e com o qual tanto se identifica? Será que a resposta se encontra em uma educação distorcida, que não educa o jovem do meio rural para sua realidade, para o seu desenvolvimento dentro dessa sociedade rural, juntamente com a sua família? Ou será que o problema está na vida opressiva e sem perspectivas em face dos trabalhos árduos que este jovem enfrenta? Será que esta discrepância entre educação e trabalho infantil, assume assim ares de enorme desproporção entre os seus objetivos de vida e as suas reais necessidades, através da adoção dos instrumentos falhos proporcionados por uma educação distorcida?

Poder-se-ia apontar, entre muitas outras hipóteses, o fato de estar a ser ministrada uma educação artificial, ou seja, a adoção da formação dos profissionais que trabalham no meio rural, para um público escolar absolutamente rural, mas revestidos aqueles de formação focada na realidade urbana, ou talvez de profissionais que vieram dar a este meio rural, mas que consideram a questão da ocorrência do trabalho infantil como algo normal da sociedade rural. Aceitam-no como meros espectadores. Impassíveis e alheios à realidade que os circunda, mas que eles não percebem. Haveria outras hipóteses, entre elas a da simples indiferença profissional: o professor não se sente estimulado a mudar o que já encontra feito e limita-se a cumprir com as suas obrigações profissionais para que é pago.

Muitas são as causas atribuídas à existência do trabalho infantil. Não há dúvidas que a abolição do trabalho infantil demandará ainda muitos anos, tendo em vista as suas profundas causas, como a pobreza familiar resultante do desemprego ou subemprego dos pais, de seu limitado acesso ao treinamento e das deficiências de proteção social, às deficiências quantitativas e qualitativas do sistema educacional. Mas, como explicar o fato de que famílias que se encontram nesta situação não usufruam da mão de obra infantil para a complementação da renda familiar, para a sobrevivência de todos? Como as instituições educacionais se sensibilizam diante deste tema árduo e triste?

Para responder estas indagações lançou-se o seguinte objetivo geral: buscar a visão e a sensibilidade das equipes pedagógicas que lecionam nas escolas do meio rural diante do trabalho infantil na lavoura do tabaco, através dos seguintes objetivos específicos: - Investigar a percepção de diretores e professores sobre as repercussões do trabalho infantil em seus alunos e compreender a relação entre a instituição de ensino e o trabalho infantil na fumicultura;- identificar a formação da equipe pedagógica em relação ao conteúdo trabalho



infantil;-aprofundar a compreensão teórica sobre a exploração do trabalho infantil no campo e a sua ligação com a escola.

Com o objetivo de situar a discussão e apresentar os referenciais teóricos, os próximos tópicos discorrem sobre as especificidades que abordam e caracterizam infância e adolescência na literatura universal, a proibição do trabalho infantil, consequências do trabalho infantil, a importância da educação escolar para a formação humana, a questão da escolarização no meio rural, o cultivo do fumo e o trabalho do menor no estado do Paraná, e a discussão envolvendo a participação de diretores e membros da equipe pedagógica das escolas situadas no meio rural na região centro - sul do Paraná, sobre a sensibilidade em relação ao trabalho infantil.

## 1 REFLEXÕES SOBRE A DIGNIDADE HUMANA E O TRABALHO INFANTIL

### 1.1 O TRABALHO INFANTIL NA VISÃO DOS ESCRITORES, DO PASSADO E PRESENTE

O interesse da pesquisadora, não é traçar a história do trabalho infantil no mundo, muito menos em Irati e demais municípios do centro-sul paranaense, e sim mostrar, em rápidas pinceladas aspectos do trabalho infantil e do trabalho do adolescente, passando pela questão de como conhecidos escritores, nacionais e estrangeiros, no passado e no presente, encararam a situação. Sobre o assunto existem dezenas de estudos monográficos, reportagens, documentos resultantes de investigações do Ministério do Trabalho, artigos e dissertações e teses. Sempre existiu o trabalho do menor, desde recuadas eras, para encurtar, desde sempre, mas somente faz pouco tempo os legisladores despertaram para esse delicado problema social e tentam, através de uma legislação severa, coibi-lo. É preciso, contudo, encarar o assunto de forma menos romântica, como algo que é, e não o que deveria ser.

Vejamos alguns desses escritores:

Um dos mais portentosos escritores ingleses do século XIX, Charles Dickens, trata em vários de seus romances, da questão do trabalho infantil, mas foi em *David Copperfield*<sup>2</sup>, considerado o seu melhor romance, que se estendeu mais, analisando o drama do menor trabalhador. Para muitos, seria este um romance autobiográfico, ainda que ele nada dissesse a respeito, ou até chegasse a negá-lo. Dickens foi muito pobre e seu pai, preso por dívidas conforme com a rígida legislação da época, deixou a família em péssima situação, sendo aí que o futuro grande escritor inglês teve que trabalhar em fábricas, até mais de doze horas diárias, em precárias condições de salubridade e em total desconforto. O livro comoveu o público e os políticos voltaram-se, então, para o drama que existia por detrás do trabalho da

---

<sup>2</sup> Dickens (1994). No melancólico prefácio, o romancista diz que lembrar aquelas cenas (o do trabalho infantil sem tréguas) fora algo muito doloroso e ele chegava a temer que, com as suas emoções, pudesse arrastar o leitor para essas confidências pessoais e emoções privadas (“wearing the reader with personal confidences and private emotions” – Prefácio). Apesar da sua tentativa de distanciamento das emoções, aliás, atitude bem inglesa, o leitor sente a dor que há nas lembranças. O trauma do rude trabalho infantil nas fábricas teria acompanhado Charles Dickens por toda a sua vida, até mesmo quando ele era famoso e recebido na mais seleta sociedade de Londres e do mundo. A sua educação foi fragmentária. Os seus estudos foram autodidaticamente feitos, de maneira portanto muito irregular, ainda que, com os anos, tenha logrado adquirir boa cultura geral e literária a ponto de pronunciar conferências nos Estados Unidos e na sua própria pátria. Foi excelente conferencista, muito apreciado nos Estados Unidos.

criança no então mais poderoso império da terra. Chamou a atenção das elites políticas e das próprias autoridades encarregadas de zelar pela justiça do reino, como se dizia naquela época. Começaram a alterar a legislação concernente ao trabalho do menor nas fábricas, houve inicialmente muita celeuma, porém, como todo fato político que fervilha, causa comoção, depois serenou e no dealbar da primeira grande guerra, ainda havia graves distorções na questão da regulamentação do trabalho do menor. Deu-se-lhe, sim, mais cuidado com a saúde, afastou-se o menor dos lugares infectos, ainda que, na maioria das fábricas e indústrias têxteis o assunto pouco mudasse. Não havia separação nem de local, nem de tarefas entre adultos e menores, todos a trabalhar juntos em péssimas condições de higiene e comodidade, como em outro romance, *Hard Times*<sup>3</sup>, no qual diz que eles, “children and adults are caged and enslaved, with no freedom until their spirit is broken” (crianças e adultos ficam engaiolados e escravizados sem nenhuma liberdade, até que seus espíritos se rompam). Frase de extrema tristeza e dor. *David Copperfield*<sup>4</sup>, em termos pessoais, trouxe muito dinheiro e fama para Dickens e no campo político, agitou a opinião inglesa para algo que estava bem diante dos olhos, e que o inglês comum, de tão acostumado com a situação, não parecia dar-se conta da sua existência. Até se considera, possivelmente com algo de exagero, o serviço de Dickens à causa do trabalho infantil, comparado ao que acontecera nos Estados Unidos durante a escravidão, com a publicação do romance famoso *A Cabana do Pai Tomás*, que fez com que o até então hesitante Presidente Abraham Lincoln se decidisse a lutar de frente e com coragem contra a escravidão africana vigente no país. Mas não foi este o único romancista a relatar o que os ingleses chamam de autêntico *slave labour* (trabalho escravo) da criança obrigada a cumprir duros horários, de jornadas de trabalho em pé de igualdade com os adultos.

---

3 Dickens (1994). Neste belo romance, Dickens descreve uma escola primária e a dureza com que as crianças eram tratadas, sem a menor liberdade.

4 Em *David Copperfield*, há o protesto profundamente humano do homem que veio da baixa classe social, muito trabalhou desde criança e afinal saiu-se vencedor, tornando-se o mais glorioso e lido romancista inglês do período vitoriano. O livro é modelar, de leitura agradável e atraente, mas enorme. A edição de que se valeu a pesquisadora, tem mais de 700p., em letra pequena. As edições sucedem-se de ano para ano e continua a ser um dos livros mais lidos da Literatura Inglesa do século XIX. No prefácio, o autor confessa que a sua mente estava dividida entre o prazer e a tristeza ao completá-lo. E confessava ainda que *David Copperfield*, era o seu filho favorito... Mas em *Hard Times* o tema volta a aparecer como aparece em *Oliver Twist* e em outras obras do romancista. Parece ser um tema recorrente em Charles Dickens, de onde inferirem os seus biógrafos que o seu trabalho em criança o marcou profundamente.

George Eliot, em *Adam Bede*, também pinta o mesmo quadro, ainda que não tão comovedoramente quanto o fizera Dickens. Não esqueçamos que Dickens viveu intimamente o problema. Ele por sinal fala em *slave labour*. Volta ao assunto em *Hard Times* e nos demais em que aparecem personagens de crianças no enredo romanesco. Dickens não o viu de longe, mas vivenciou-o quando menino para ajudar seu pai, preso por dívidas. Uma coisa é, na arte, observar e transplantar um assunto, outra é vivê-lo e depois transplantá-lo para esse mundo da arte. Foi um autor americano, muito preocupado com a adolescência abandonada, Horatio Alger, Jr., quem chamou a atenção das autoridades e do público em geral para o drama que se desenrolava por detrás do menor abandonado nas grandes cidades. Ele é um clássico do assunto hoje e muito respeitado (o que não aconteceu na sua época!). A sua mais conhecida obra, *Ragged Dick, or, Street Life in New York with the Boot Blacks*<sup>5</sup>, é o relato doloroso dos menores que, sem pais nem teto, viviam pelas ruas de Nova Iorque e terminavam por praticar toda a sorte de delitos, terminando muitos deles na prisão ou mortos. É uma clara acusação ao desleixo do Estado e suas autoridades para com os menores, tudo exposto sem pieguice nem sentimentalismo barato, nem apelo à demagogia, como costumam fazer outros. Um relato direto e incisivo, bem à americana, em apelo à razão e ao bom senso dos americanos endinheirados. Surtiu efeito e muitos milionários de Nova Iorque criaram instituições que passaram a cuidar da educação e da ocupação para os menores. O trabalho infantil é descrito em muitos outros autores famosos como Mark Twain<sup>6</sup>, este de forma bastante divertida, pois mistura a descrição do trabalho a que eram submetidos os meninos e meninas americanos, sem que isto lhes tirasse os momentos de diversões e mesmo aventuras, como as relatadas em *As Aventuras de Tom Sawyer* e *Huckleberry Finn*; e em Victor Hugo, Daniel Defoe e Thomas Hardy, para somente citar uns poucos e os mais frequentemente citados. Neste último, no romance *Judas o Obscuro*<sup>7</sup>, considerado dos mais dolorosos da Literatura Universal, a personagem central, o menino Jude Fawley, presta serviços à sua tia, padeira local, distribuindo pão pelas casas, e trabalha com um fazendeiro no campo de trigo. Ao fazer a entrega do pão Judas, que sentia entranhado amor pelos estudos e queria aprender

---

<sup>5</sup> Alger (1990). É um relato vívido da vida do adolescente de classe baixa nas grandes cidades. Aqui é na maior cidade americana, Nova Iorque. O autor comenta com piedade a vida dos menores abandonados e defende a tese de que isto é um motivo para que lutem mais e vençam. Como outros americanos, não apela em nenhum momento para o sentimentalismo.

<sup>6</sup> Nas suas memórias, este romancista, dos mais famosos da América no século XIX, conta como trabalhava duro na sua adolescência, mas, curiosamente, atribui o seu sucesso na vida ao fato de haver trabalhado desde criança... Chega a tecer elogios à sua vida trabalhosa navegando pelo Mississippi...

as línguas clássicas, latim e grego, cujo conhecimento na Inglaterra do seu tempo dava prestígio e renome a quem as conhecia, coloca na sua carrocinha das entregas um suporte que lhe permitia ler e estudar com o livro aberto enquanto percorria o povoado. Era um menino apenas, mas desejoso de ser alguém. E assim estuda a gramática das duas línguas. É de observar, porém, que não há uma condenação explícita ou veemente do trabalho do menor: era algo comum em quase todas as sociedades e, com exceção das famílias de classe nobre, ou as da alta burguesia, todos trabalhavam, meninos e meninas. Estudar era o sonho de muitos, mas havia o trabalho para ajudar a família, ou para não ser pesado a quem o acolhia em sua casa, como era Judas Fawley, órfão e esquecido, tinha na tia Drusila a pessoa que o acolhera e tinha que pagar-lhe com o seu trabalho de menino entregador de pães. Camilo Castelo Branco, portento da Literatura Portuguesa, um dos seus maiores e mais festejados romancistas do século XIX, apresenta na sua vasta obra, exemplos de crianças que trabalham arduamente em misteres que deveriam ser reservados apenas aos adultos, retratando-as em livros de novelas ou contos, como os reunidos nos dois volumes das Novelas do Minho (1965). Dickens pinta o duro trabalho citadino, enquanto Camilo vai ao campo, ao meio rural, mormente os do Norte de Portugal.

Hardy descreve as pequenas aldeias vis-à-vis os centros culturais mais importantes. Mundos e realidades diferentes, mas sempre a mesma dureza da vida da gente pobre que tinha que pôr os filhos a trabalhar em rudes trabalhos nos quais mesmo os adultos se cansavam... Muitas outras obras mostram casos de trabalho infantil, quase sempre na lavoura. São quadros, por vezes duros, mas sempre fiéis da sociedade rural daqueles dias, mas não uma condena. Era a regra seguida por todos os povos na Europa...

Na Literatura Brasileira o trabalho do menor aparece em bons autores do Romantismo e das fases contemporâneas. Entre estes, é Humberto de Campos um dos poucos que relembra o trabalho infantil com mágoa, levando-o para o lado sentimental nas Memórias, mas disto tirando vantagem, pois é uma forma de engrandecer-se: menino sacrificado e pobre, chegando

---

7 Hardy (1958). O romancista escreve: “Como Judas era obrigado a acordar às três horas da madrugada para esquentar o forno, amassar e cozer o pão que ia distribuir um pouco mais tarde, via-se forçado a se deitar logo que terminava o trabalho. Assim, se não pudesse ler os seus clássicos pelos caminhos, ser-lhe-ia quase impossível estudar” – p. 35, cap. V. O leitor condói-se dos esforços do menino auxiliar de padeiro que queria ascender na escala social pelos estudos, em uma Inglaterra na qual a sociedade estratificada punha obstáculos à ascensão de pessoas provenientes dos baixo extratos da sociedade, ou, pelo menos, de pessoas pouco aquinhoadas pelas finanças... A vida de Thomas Hardy estaria em parte retratada na de sua personagem mais dolorosa, Jude Fawley, pelo menos no que tange à infância pobre do romancista e na sua dificuldade para estudar.

mais tarde o memorialista às culminâncias da glória ao ingressar na Academia Brasileira de Letras graças à sua obra literária (na época, Humberto de Campos era dos mais lidos autores brasileiros, sendo hoje até de modo injusto, pouco lido). O famoso memorialista, que deixou belas páginas, foi o inaugurador da que se chamaria, com ironia, de “literatura chorosa”, quase sempre de cunho autobiográfico, que caía na simpatia do leitor comum daqueles dias. Aí, neste livro de muito sucesso, o autor não condena explicitamente o trabalho infantil, mas encontra ao narrar como passa a virada do século, maneira de enaltecer-se como trabalhador infantil. Não há nessas páginas dolorosas a condenação frontal ao trabalho infantil que se esperaria, e sim, mágoa, tristeza, ressentimento. Quer servir de lição aos pósteros, quer enaltecer-se aos olhos do leitor. Parece que ele tenta dizer ao seu leitor: trabalhei desde menino, mas cheguei aonde quis. Como haveria de condenar explicitamente se era, então, regra geral o trabalho infantil no lar com os pais e a família, ou junto a terceiros (o caso específico do autor, e mais ainda que servia de ajuda para a mãe viúva e pobre e os irmãos? Como condenar o que acontecia em todos os níveis? Depois, esses trabalhadores infantis, saíram todos vitoriosos mais tarde, e o fato de terem trabalhado duramente na infância soava quase como exaltação àqueles que cedo trabalharam.

A pesquisadora não encontrou nos livros que pesquisou um só daqueles romancistas brasileiros que condenasse com aspereza a questão do trabalho infantil. Não elogiavam, mas não condenavam. Como se escreveu acima, era algo comum na época o trabalho infantil. E, por falar de autobiografias, vale lembrar que o industrial americano, Henry Ford, em livro que teve ampla repercussão, *Minha Vida e Minha Obra*<sup>8</sup>, conta que desde menino trabalhara arduamente e que graças a esse trabalho sem tréguas, chegara a ser milionário, um dos homens mais ricos e poderosos do mundo a ponto de tratar direto com o Presidente da República todas as vezes que precisava de algo de interesse das suas indústrias, ou que o Presidente precisava de algo para o Governo. O seu livro, vaidoso e sem humildade, era o elogio do self-made man<sup>9</sup>, e o quanto valia, aos olhos dos americanos, o trabalhar desde a

---

8 Ford (1925). Há edições da Freitas Bastos e uma ainda mais antiga de 1922, da Companhia Editora Nacional. A tradução de Silveira Bueno, grande mestre da Língua, é a mais famosa. O tradutor acusou, mais tarde, o editor Monteiro Lobato de pôr, indevidamente o seu nome como tradutor, o que infelizmente parece ser verdade. Lobato fazia isto mesmo!

9 Expressão muito usual do American English e muito usada nas biografias de celebridades. É aquele que se fez por si só, que teve educação irregular, trabalhou desde criança, mas venceu e se tornou uma figura de relevo em sua classe. É intraduzível em português e só aproveitada através de paráfrases... É mais que tudo uma criação da engenhosidade e do trabalho americano.

mais jovem idade. Vale salientar que Ford não critica o trabalho do menor. Era algo com que esses memorialistas conviviam desde a infância e que o fato, portanto, não apresentava nada de novo. Deles todos parece ser Dickens o mais incisivo na condenação. E, voltando aos brasileiros, como que saindo do parêntese necessário que se fez, também em José Lins do Rego comparecem personagens infantis que trabalham na lavoura e em serviços domésticos, e em Jorge Amado temos o lado perverso do menor abandonado quem, por não trabalhar nem estudar, faz parte de grupos de desordeiros em Jubiabá. Seria o lado moralizante, já que um dos aspectos negativos assumidos pelo menor que nem estuda nem trabalha, mesmo que não fosses está a posição pretendida pelo romancista baiano. Machado de Assis, dos mais ilustres escritores nacionais, tinha como motivo de honra ter sido trabalhador infantil e em todas as suas biografias, lá está este fato de sua vida. Não há, por conseguinte, uma rígida condenação do trabalho infantil nos termos em que sociólogos e teóricos da educação de hoje em dia teorizam e pregam.

E há casos narrados nesses romances, sobretudo nos naturalistas, e já nos da fase modernista, que apresenta ao leitor o lado perverso do trabalho do menor, quando o romancista narra casos de empregadas domésticas menores, quase meninas, em que patrões, ou os filhos dos patrões, as seduzem, desvirginam e as engravidam, com a subsequente expulsão da menor do seio da família junto à qual servia. Nos autores franceses, Émile Zola e Octave Mirbeau, por exemplo, os casos são quase sequenciais e narrados como uma realidade comum naqueles dias e para a escola literária a que se filiavam, o Naturalismo. Havia quase que uma tácita aceitação, o que aumentava sobremaneira a injustiça social. Falhas de educação? Vícios de uma sociedade burguesa? Não, era a necessidade econômica que alimentava aquele estado de coisas sumamente injusto. Havia toda uma distorção quando a família da menor violentada e engravidada tinha que aceitar, tacitamente, a situação desonrosa por necessidade e por miséria. Pensava-se mais em termos de estreita colaboração familiar, de ajuda às dificuldades da vida que para a gente de classe baixa e em geral vinda dos baixos extratos sociais da população, sempre foi difícil em todos os tempos, ora mais, ora menos. Há personagens de Mirbeau, como a maliciosa Clementina dos Segredos de Alcova(1947), que, obrigada a trabalhar muito cedo em casas de famílias, adolescente ainda, termina por prostituir-se, tornando-se depois, verdadeira devassa, mantendo relações sexuais com quase todos os seus patrões. A questão da sedução da menor, como então se dizia, especialmente se bonita e vinda do campo, era uma das mazelas do trabalho do menor nas grandes cidades. A personagem de Segredos de Alcova, era proveniente de família muito pobre, que vinha dos meios rurais, e que vai servir em casa de família de boa condição social e, a partir daí, há toda

uma alteração moral na sua jovem vida. Só que Clementina, tira partido, à sua maneira, se é que se pode chamar de tirar partido a própria desonra e a contumácia na desonra... O romancista, porém, não moraliza, nem condena o trabalho do menor. Afinal distorcer o que seria uma realidade, não seria obrar de acordo com a naturalidade e o realismo que a época pedia. Limita-se a mostrar uma realidade que existia e parece existir ainda, infelizmente.

## 1.2 UMA FIGURA UNIVERSAL E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

Quem era essa figura universal que se preocupa com a educação das crianças? Refiro-me a Gandhi, o cognominado Mahatma, a grande alma, homem da resistência passiva e que ajudou a dar independência à Índia com o seu pensamento do ahimsa,<sup>10</sup> justamente esse protesto sem violência e sem perturbação da ordem político-social. Indiano, ele vinha do país onde ainda hoje o trabalho da criança continua a ser como em séculos passados, escravo ou próximo do escravo. Grandes figuras da vida política e cultura da Índia, no presente um dos grandes emergentes, sempre se têm manifestado contra o trabalho infantil, que leva à exploração do menor, à prostituição, ao abandono da escola. O assunto, apesar de insistentemente condenado, persiste ainda e tem sido explorado em filmes da chamada Bollywood, a Hollywood dos indianos.

Nada menos do que na sua famosa autobiografia (GANDHI, 1993), que se tornaria das mais conhecidas e apreciadas do século XX, logo traduzida a muitas línguas indianas (híndi, bengali, marathi, tâmil, etc.) e ao inglês e línguas do Ocidente. Livro difícil para o entendimento ocidental pela série de conceitos e episódios profundamente orientais, enraizados na Cultura indiana, ele traz até ao leitor de todas as idades e épocas, a preocupação do ideólogo para com a educação da criança e o prejuízo que o abandono da sala de aula causa não apenas ao indivíduo, mas ao desabrochar da criança. Não se trata aí de um ataque frontal à questão, como fará o Prêmio Nobel de 2014, mas uma advertência.

Entende-se a posição de Gandhi: ele vinha de outra época, e nascera em um meio profundamente dominado pelas divisões de castas e grupos sociais, um meio onde vigia a “intocabilidade”, a casta dos párias, em que o simples toque da pele, do corpo de uma pessoa desta casta por um de casta superior, era inadmissível. Era ofensivo. Depois, o líder indiano

<sup>10</sup> Palavra intraduzível em língua portuguesa. Palavra do sânscrito muito difundida por Gandhi. Poder-se-ia interpretar como o desprendimento total de uma pessoa para com as coisas do mundo. Na sua Autobiografia, Gandhi fala com frequência de ahimsa e tenta explicar a expressão ao leitor ocidental, a quem o livro se destina, no cap. XXXIX. Realmente é muito difícil de compreensão para um leitor ocidental.



em hipótese alguma admitia a violência, mesmo a verbal, daí que o leitor não encontrará um ataque frontal, mas uma suave lamentação e protesto contra a escravidão da criança, seja pelo trabalho, seja pela obrigatoriedade de ter que aceitar um modelo escolar que não se lhe adaptava. Advoga a educação com plena liberdade, aquela que não fizesse distinção entre alunos (era a sua preocupação maior, já que vivia em um país no qual as diferenças de classes, graças ao sistema de castas, eram assombrosas), e que ele pudesse escapar do que chamava de “citadels of slavery”, ou seja, das “cidadelas da escravidão”, que iam das diferenças de castas ao trabalho infantil, prejudicial ao bom desenvolvimento da criança<sup>11</sup>.

O que os seus concidadãos aceitavam, caladamente, dentro do vasto país, as extremas diferenças ditadas pelas castas sociais, ele, Mahondas Gandhi, experimentaria na África do Sul dominada pelos afrikaners<sup>12</sup>, tendo muitas vezes que descer da calçada para que o elemento branco, nativo, pudesse passar. Mas por outro lado, insistia em que era necessário o treinamento da criança para que, assim, elas pudessem mais tarde enfrentar a vida fora da sala de aula. Tenhamos presente, porém, que o grande problema da evasão das salas de aulas nas pequenas aldeias indianas, tinha mais a ver com a questão das castas e a assombrosa quantidade de línguas e dialetos que se falam na Índia e que há mais de uma dezena de línguas consideradas oficiais, além do inglês, hoje a língua franca do subcontinente e uma ponte linguística entre os indianos. Ora, estes problemas são desconhecidos do povo brasileiro: aqui há, oficialmente, apenas uma língua e não existem divisões de classes, pelo menos não no sentido de estratificação social, como existia, por exemplo, na Alemanha, no Reino Unido, nos países nórdicos, antes das grandes guerras.

Os grandes homens têm lembrado sempre a questão da educação infantil que, pela sua importância, não pode ser esquecida das ações de governo, nem da preocupação dos líderes políticos ou culturais.

Desta forma, se quisermos lembrar um dos grandes homens que não se omitiram, nem esqueceram a educação do menor, o seu abandono da sala de aula e os prejuízos que isto tudo pode trazer, temos que lembrar em lugar de destaque entre os líderes do século XX, o de Gandhi.

---

11 Gandhi (1993), cap. Education of Children, de p. 199-202.

12 Trata-se da minoria que dominava a África do Sul, eram os colonizadores de origem calvinista, descendentes dos huguenotes franceses e do elemento holandês, que falavam a língua afrikaans e se constituíam no grupo mais importante porquanto assim se consideravam, eles, que construíam ali naquelas distâncias do continente africano, uma nova nação e formavam uma nova nacionalidade.

### 1.3 O TRABALHO INFANTIL E UM PRÊMIO NOBEL...

Para surpresa certamente de muita gente que costuma ver o Prêmio Nobel da Paz ser concedido a políticos ilustres, estadistas vitoriosos e grandes figuras internacionais, neste ano de 2014 houve uma mudança radical e o galardoado foi um ativista indiano Kaylash Satyarthi, do Estado de Madhya Pradesh, engenheiro de formação e que lidera a organização Global March Against Labor (Marcha Global Contra o Trabalho Infantil), um conjunto de 2.000 grupos sociais presente em 140 países. Ele dividiu o prêmio com a adolescente paquistanesa Malala Yousafzai<sup>13</sup>, de 17 anos, o mais jovem premiado na história da premiação, quem luta pela educação das meninas no seu país, que encara a educação da mulher como um dever do Estado e uma necessidade da sociedade, de qualquer sociedade que se acredite civilizada, defesa que segundo os extremistas islâmicos fere os princípios do fundamentalismo corânico e é uma ofensa à estabilidade do Estado islâmico...

Não esqueçamos que o trabalho infantil era uma forma de escravidão em questão de horários. A criança, o menor era submetido a um horário escravizador. No famoso romance *Das Parfum*<sup>14</sup>, de Patrick Süskind (1995), conta-se a história dolorosa de um jovem, Jean-Baptiste Grenouille, quem trabalha, ainda nos seus 13 anos, entre 15 e 16 horas sem parar. É a história do protagonista, uma personagem estranha, que vem do baixo mundo onde vive a puerícia, a meninice e a adolescência. Trabalha Grenouille nos mais rudes serviços em jornadas que iam de 15 a 16 horas seguidas, em péssimas condições que poucos resistiam, morrendo antes de chegar aos trinta anos.

Em vibrante entrevista concedida à Rede de Televisão Globo, e difundida na sua edição de 02 de novembro de 2014, com a jornalista global Poliana Abritta, Kaylash declarou que se rebelou desde menino quando via alguns companheiros de sua idade a estudar nas escolas da aldeia, enquanto outros não podiam fazê-lo. Aquilo o feriu e ele se perguntou: “Por

---

<sup>13</sup> Malala foi ferida gravemente pelos fundamentalistas, escapando por muito pouco e sendo submetida a diversas operações, inclusive reparadoras, simplesmente porque defendia o estudo das meninas de sua idade e a participação delas nas salas de aula, dirigindo-as para, mais tarde, cursarem a Universidade... Para a opinião dos islamitas fundamentalistas, estudar e sair de casa para estudos superiores é considerado grave ofensa à pureza religiosa e contrário aos ensinamentos radicais do Corão.

<sup>14</sup> Vide: filme *Perfume. A história de um assassino*. Paris Filmes, com Ben Wishaw, Alan Rickman, Rachel Hurd-Wood e Dustin Hoffman. Para o livro, utilize-me da edição brasileira em tradução feita do original: *O Perfume*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1995.

que uns meninos trabalham e outros não? Por que uns meninos estudam e outros não?” As crianças da sua aldeia trabalhavam desde muito cedo, com pouco mais de cinco anos, ajudando os pais, no campo, nos celeiros, nos serviços domésticos, nos estábulos, no cuidado de irmãos menores.

Não sobrava tempo para ir à escola. Depois, não era o simples ajudar, mas o trabalho pesado, sem tréguas, como ele mesmo declarou na entrevista. Homem discreto e humilde, realmente condoído da desgraça de milhões de crianças do seu país, ele cuida de abrigos e creches juntamente com sua mulher. Suave e comedido nas palavras que saem cautelosas e profundas da sua boca (algo profundamente oriental, aliás, em que a Palavra tem sempre um significado transcendental e orgânico, que não se confunde com o uso, ou mau uso, que delas fazem os ocidentais, em que se patenteia mais ação e menos reflexão do pensamento!), Kaylash acentuou que o trabalho infantil impedia o pleno desenvolvimento da educação nacional e que teria sérias consequências no próprio desenvolvimento político e social da Índia. Condena – é o primeiro a fazê-lo com ênfase - com veemência o trabalho infantil, algo muito comum na sua Índia nativa, prática muitíssimo generalizada, especialmente entre as classes baixas e os intocáveis.

A sua luta é, também, a de muitos brasileiros, mas como antes se disse é preciso paciência, educar primeiramente os pais e a sociedade local para que entendam que forçar a criança ao trabalho prejudica mais do que ajuda. Não funciona através de decretos, nem de uma legislação minuciosa, não funciona mediante ameaças, nem medidas apelativas, como tem sido feito amiúde no Brasil. É vencer uma tradição de séculos, até mesmo de milhares de anos e que certamente levará muito tempo até que se amolde aos novos parâmetros sociais, às novas exigências do Estado moderno, do que se entende por educação.

#### 1.4 A SITUAÇÃO NO BRASIL E A SUA DISSEMINAÇÃO, APESAR DA LEGISLAÇÃO CONTRÁRIA

Daqueles dias em diante, a situação mudou bastante e há ostensivo combate ao trabalho infantil. Na Europa e na América surgiram legislações específicas que disciplinam a questão e cominam penalidades para os que as desrespeitam. Mas ele persiste. Raros países do mundo podem gabar-se de haver solucionado o problema por completo. Na África, Ásia, América Latina, o trabalho infantil, não apenas o familiar, mas o para com terceiros, é ainda amplamente difundido. No Brasil, que possui uma das mais duras legislações a respeito, cuja lei de proteção ao menor talvez possa parecer exagerada e mais papista do que o papa, o

trabalho infantil é ainda muito difundido, seja o âmbito rural, como no cidadão. Nem todos olham a questão como os sociólogos e teóricos que tratam dos direitos do menor. A defesa do trabalho infantil, no âmbito doméstico, ainda que tenha perdido força, tem muitos seguidores.

A TV – Escola, no dia 19 de setembro de 2014, dedicou três longas reportagens sobre o tema geral “O trabalho do colono italiano no Rio Grande do Sul”. Programa bonito, mostrando a bela região dos vinhedos a partir de Garibaldi, mostrou como vivem, trabalham e pensam, os colonos de origem italiana, muitos deles já na terceira ou mais gerações brasileiras, mas conservando fortemente arraigadas as tradições culturais, os usos, os costumes, a prática do cultivo e aproveitamento da uva e a feitura do vinho, algumas vezes ainda de forma artesanal, outras já a nível industrial, ou semiindustrial.

Curiosamente, nenhuma das pessoas entrevistadas se mostrou contrária ao trabalho do menor, pelo contrário, meninos e meninas manifestavam-se favoráveis a esse trabalho, como forma de ajudar e manter a família unida, promovendo casamentos endogâmicos - com os quais se preservam o dialeto trentino<sup>15</sup>, na maioria das vezes, os costumes, a culinária e o patrimônio com a cultura de vinhedos e a feitura do vinho local. Pelo contrário, mostravam-se favoráveis, o que certamente deve ter surpreendido os que condenam o trabalho do menor. Não tive oportunidade de indagar da repercussão das entrevistas por parte dos estrênuos defensores da total abolição do trabalho do menor. Contudo frisavam que esperavam fazer estudos universitários, voltando para o torrão natal e ali continuar na profissão de vinhateiros.

O assunto, como acima se disse, é cercado de controvérsias por vezes acirradas e apaixonadas e, com a paixão, perdem o seu lado racional e a sensatez que se espera de tão séria discussão. Para surpresa da investigadora, a Folha de S. Paulo, na sua edição de sexta-feira, 24 de outubro de 2014, traz longa reportagem sob o título, igualmente surpreendente, “Bolívia vai permitir que crianças de 10 anos trabalhem”, projeto de Lei que já se encontra

<sup>15</sup> Quase sempre o trentino, que vem da região do Trento, ou o vêneto, da igualmente nortista região de Veneza. São regiões onde o cultivo do vinho é muito difundido, e esses imigrantes trouxeram as suas técnicas que adaptaram à situação brasileira em comunidades gaúchas, Vale do Rio dos Sinos e Serra Gaúcha, sobretudo, e catarinenses, em Urussanga e vizinhanças, e na região das serras. Hoje aquele dialeto é conhecido como Talian, (como essa nova língua, que alguns lingüistas consideram como a mais nova dentre as neolatinas, passou a ser chamada e conhecida dos falantes e dos estudiosos, que já são muitos no Sul do nosso País), há livros e dicionários bilíngües e está amplamente difundido na região. Com o passar do tempo, é provável que esse grupo homogêneo e orgulhosamente falante do Talian, venha a tornar-se rarefeito, a menos que se mantenham firmes na sua região. A investigadora compara esta situação com a situação da sua colônia natal, Terra Nova, onde, aos poucos, o número de falantes de alemão e de plattdeutsch vai-se tornando rarefeito pela chegada de novos moradores sem quaisquer vínculos com os pioneiros alemães do passado, falantes unicamente do português-brasileiro.

nas mãos do recém-reeleito presidente Morales para sanção. O Presidente declarou-se, logo de início, favorável. Naquele país o trabalho infantil é generalizado, mas o novo projeto regularizava que de 10 a 14 anos o menor poderia trabalhar como autônomo, de 12 para 14 anos, para terceiros, mas o aludido projeto especificava que não poderia haver exploração e sim que o menor pudesse trabalhar livremente. Em outras palavras, que ele pudesse prover o seu sustento e ajudar à sua família. O mais interessante é que não houve um cronista que escrevesse contra tamanha aberração, mesmo entre aqueles que deblateram contra o trabalho do menor no País. Parece que a postura panfletista, ou mais precisamente, as simpatias ideológicas que aproximam os dirigentes nacionais dos da vizinha república, impedia uma crítica mais direta. O trabalho do menor escravo no país vizinho é algo clamante, mas dos nossos líderes e jornalistas não parte um único protesto. Ora, segundo interpretação da UNESCO, o trabalho escravo do menor, não diz respeito apenas às legislações nacionais, mas é, também, uma questão de Direitos Humanos! Transpõem fronteiras, línguas, culturas.

Não esqueçamos que nem sempre é puro descaso dos pais, ou insensibilidade das famílias em pôr os menores a trabalhar. Penso que de livre vontade nenhum pai, nenhuma mãe, pensaria, em sã consciência, impedir que o filho criança, a filha de pouca idade, pudesse deixar de educar-se e instruir-se. É a miséria local, a extrema pobreza de certas regiões, sobretudo no Norte e no Nordeste, que levam a medidas antipáticas e aparentemente desumanas. Se as crianças não ajudam, como sobreviveriam? Há localidades nordestinas onde tudo falta a começar da água, que os meninos têm que buscar em baldes e latas de cacimbas e poços a até mais de quilômetro de distância de sua casa, muitas vezes à cabeça. Se não o fazem, enquanto as mães cozinham e cuidam da casa, como ter as refeições? Ninguém defende o trabalho infantil e quem escreve estas linhas menos ainda, pois o enfrentou desde muito cedo, ainda nos seus cinco anos, contudo é um olhar realista e nada romântico sobre a questão.

A realidade não é bonita. Torna-se bonita no papel, nas linhas dos decretos, na legislação bem discriminada e ordenada. Na pura realidade do dia a dia é outra coisa, muito diferente. Os grandes problemas sociais não se coadunam com o romantismo de muitos teóricos, nem com o sabido oportunismo de muitos militantes políticos. É preciso tudo vivenciar, acompanhar no dia a dia, sentir na pele a situação anômala, como o fez o Prêmio Nobel Kaylash. Aliás, ele mesmo o disse. É a ação educativa, não os gestos espalhafatosos e barulhentos que hão de mudar esta triste realidade vigente no Terceiro Mundo e nos países emergentes. Vale ressaltar que o Jornal Nacional da Globo, na sua edição de 11 de junho de 2015, lembrava que ainda existem 160 milhões de menores em trabalho escravo, espalhados

pelos mundo, para lembrar, como antes se escreveu, que o assunto e sua problemática estão ainda longe de se esgotarem.

## 2 TRABALHO INFANTIL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Em primeiro lugar uma pergunta que não quer calar: o que se entende por trabalho infantil? O mais apropriado seria acreditarmos que se trata de trabalho ilegal de menor, porquanto existe o trabalho autorizado e, por conseguinte, protegido. O trabalho ilegal de menor, como o nome diz, estaria além das fronteiras que demarcam as atribuições do menor, os seus direitos, a sua proteção através de estatutos, alguns bastante rigorosos, mas também, por infelicidade, letra morta na sociedade constituída.

No Nordeste brasileiro fala-se de “trabalhador mirim”, mirim palavra pertencente a língua tupi e nheengatu, que significa “pequeno”, logo, trabalhador de pouca idade”, por extensão. Seja como for, para o escopo do presente trabalho, referir-nos-emos a trabalho infantil como aquele grupo de trabalhadores formado por crianças e adolescentes utilizados no trabalho agrícola, cobrindo a faixa etária dos 5 aos 15 anos (FNPETI, 2013).

Parece ser tão antiga quanto a própria agricultura, uma vez que, no momento em que o homem passa a dedicar-se, sistematicamente, ao cultivo da terra para dele retirar o seu sustento de cada dia, vamos encontrar o menor de idade como parte integrante dessa força de trabalho. Neste estudo, a expressão “trabalhador infantil” refere-se ao pequeno trabalhador do campo em situação de ilegalidade e abuso. Trata-se da participação direta nas atividades produtivas de um membro pertencente à comunidade, ao grupo social, ou à própria família. Seja como for, traduzimos este trabalho árduo do menor como sendo marcadamente exploratório da condição infantil e, também, como parte de um ciclo que se renova com o passar das gerações, porquanto através dos anos e das gerações os menores seguem nessas tarefas do campo.

Os principais problemas dos menores na agricultura dizem respeito às condições de vida e de trabalho e por igual à educação, [...]. Mas não há negar que tais fatores, sobretudo quando aliados a condições de trabalho desfavoráveis, perturbam, em particular, a integridade física, mental e psíquica do menor, comprometendo-lhe não raro a evolução. Esse desgaste é debitado às gerações seguintes, com serias repercussões no organismo social (CALDEIRA, 1960, p. 39).

Quando abordado este polêmico tema do trabalho infantil, que não se trata apenas de problemas regionais deste ou daquele país, mas um problema mundial, a despertar mais uma das tantas discussões acirradas a serem levantadas sobre a classificação das piores formas de trabalho infantil, condenada e disciplinada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)

2008, por meio da Convenção 182, de 1999. Lembramos que esta foi confirmada e ratificada pelo governo brasileiro.

As piores formas de trabalho infantil elencadas nos estatutos que tratam da matéria e secundadas por especialistas dos direitos do menor referem-se a:

(a) todas as formas de escravidão ou práticas análogas à escravidão, como venda e tráfico de crianças, sujeição por dívidas e servidão, trabalho forçado; trabalho forçado ou compulsório, inclusive recrutamento forçado ou compulsório de crianças para serem utilizadas em conflitos armados;

(b) utilização, procura, aliciamento e oferta de criança para fins de prostituição, ou de utilização na produção de material pornográfico, ou espetáculos pornográficos;

(c) utilização, procura e oferta de crianças para atividades ilícitas, particularmente para a produção, e tráfico de drogas conforme definidos nos tratados internacionais pertinentes;

(d) trabalhos que, por sua natureza ou pelas circunstâncias em que são executados, são susceptíveis de prejudicar a saúde, a segurança e a moral da criança (OIT, 1999, p. 1-2);

(e) todas as atividades empregatícias realizadas por menores de 15 anos de idade, conforme a Convenção n. 138 da OIT e as atividades domésticas, incluindo afazeres domésticos realizadas por longo período de horas, em ambientes insalubre, em localizações perigosas, ou com uso de equipamentos perigosos ou pesados.

Com a Convenção 182, com base no qual o Presidente da República, assinou o Decreto nº. 6.481/08 (BRASIL, 2008b), no dia 12/6/08, que aprova a lista das piores formas de trabalho infantil, proibindo, para qualquer pessoa abaixo de 18 anos de idade, a inserção nas atividades listadas. Era um diploma legal que viria em defesa do menor, protegendo-o contra a exploração e a humilhação. Mas o Brasil é imenso, é um continente e é difícil uma supervisão mais abrangente. E o resultado é que existe ainda muito descumprimento aos estatutos legais.

Toda pessoa menor de 18 anos está incluída no termo “criança” conforme consta na Convenção 182; portanto é necessário uma leitura cuidadosa das normas, pois o termo “trabalho infantil” deverá ser compreendido como trabalho infante juvenil, ou seja, inclui, crianças de 0 a 12 anos e os adolescentes de 12 a 18 anos.

A lista elaborada como as piores formas de trabalho infantil, abrangia vários tipos de atividades, tais como: agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal; pesca; indústria extrativa; indústria de transformação; construção; comércio (reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos); transporte e armazenagem; saúde e serviços



sociais; serviços coletivos, sociais, pessoais e outros; serviço doméstico; trabalhos prejudiciais à moralidade; levantamento de cargas; ao ar livre, com exposição ao sol, chuva, frio; em alturas superiores a 2 metros; manuseio de produtos químicos; em espaços confinados, etc. (BRASIL, 2008b).

Conforme dados oficiais, todos estes trabalhos, executados com frequência são esgotantes, tendo sobre tudo a idade desfavorável para as exaustivas jornadas de trabalho. Como via de regra devem trabalhar em posição de incômodo físico, expostos a temperatura elevada, ou sujeitos a locais onde a umidade é grande, ou que tenham que transportar pesadas cargas, o que certamente é prejudicial para a sua saúde e desenvolvimento físico e mental.

De acordo com a OIT (2008), com a ênfase na abolição do trabalho infantil atesta de que a infância é um período de vida que não deve ser consagrado ao trabalho, mas à educação e ao desenvolvimento, uma vez que o trabalho infantil acarreta uma vida sem infância com uma grande possibilidade de se tornar a criança em um adulto produtivo e muitas vezes sujeitas a ambientes violentos e inseguros. O trabalho infantil, além dos problemas sociais que representa, dos desacertos legais, é o responsável, também, pela morte de alguns dos momentos mais livres e felizes da infância, de qualquer infância: os dias de folguedos e inocentes brincadeiras que aquela fase da vida requer.

Programas de reportagem investigativa como o Globo Repórter (22/08/2013), na Globo, têm, com alguma frequência, mostrado a vida sem vida de meninos que carregam pedras em caminhões, jovens que trabalham com fogo para torrar castanhas no Nordeste e tantos outros. É este um dos aspectos, mas tenhamos ainda presente uma outra questão, a da saúde: crianças e adolescentes que trabalham nessas atividades pesadas e insalubres, estão, geralmente, sujeitos a uma série de transtornos, que terminam por afetar o seu desenvolvimento físico, psíquico e intelectual.

O conceito de trabalho infantil definida pela Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil (Conaeti), é:

Trabalho infantil refere-se às atividades econômicas e/ou atividades de sobrevivência, com ou sem finalidade de lucro, remunerada ou não, realizadas por crianças ou adolescentes em idade inferior a 16 (dezesesseis) anos, ressalvada na condição de aprendiz a partir dos 14 anos, independentemente da sua condição ocupacional (BRASIL, 2004, p. 9).

A seguir, um quadro que mostra os principais dispositivos legais que regulamentam a proibição do trabalho infantil no Brasil:

Quadro 1 – Principais restrições normativas ao trabalho infanto-juvenil

Lei	Dispositivo
Constituição Federal (1988)	Art.7º. São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social;[...] XXXIII) proibição de trabalho noturno, perigoso e insalubre a menores de 18 anos e de qualquer trabalho a menores de 16 anos, salvo na condição de aprendi, a partir de 14 anos.
Estatuto da Criança e do Adolescente ECA Lei nº 8.069/1990	Art. 60. È proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz. [...] Art. 67. Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não – governamental, é vedado trabalho; I. Noturno, realizado entre vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte; II. Perigoso, insalubre ou penoso; III. Realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social; IV. Realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola.
Consolidação das Leis do trabalho (CLT)	Art. 402. Considera-se menor, para os efeitos desta Consolidação, o trabalhador de 14 até 18 anos. Parágrafo único – o trabalho do menor rege-se á pelas disposições do presente capítulo, exceto no serviço de oficinas em que trabalhem exclusivamente pessoas da família do menor e esteja este sob a direção do pai, mãe ou tutor, observado, entretanto, o disposto nos arts. 404,405 e na Seção II. Art.403.È proibido qualquer trabalho a menores de 16 (dezesesseis) anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos 14 (quatorze) anos de idade. Parágrafo único – o trabalho do menor não poderá ser realizado em locais prejudiciais à sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a frequência à escola.

Fonte: Brasil (2008).

Os autores Piovesan e Luca (2010, p. 362), expõem a lista de intervalos apresentada e desenvolvida pela UNICEF, para identificar o trabalho infantil com critérios distintos por faixa etária:

- (I) Na faixa etária de 5 a 11 anos de idade, toda atividade empregatícia que ultrapasse 1 hora ou o trabalho doméstico que ultrapasse 28 horas por semana;
- (II) Na faixa etária de 12 a 14 anos de idade, toda atividade empregatícia que ultrapasse 14 horas ou o trabalho doméstico que ultrapasse 28 horas por semana;
- (III) Na faixa etária de 15 a 17 anos de idade, toda atividade empregatícia ou doméstica que ultrapasse 43 horas por semana.

Por mais que, esta definição apresentada pela UNICEF tenha de positivo a inclusão do trabalho doméstico no escopo do trabalho infantil, este conceito, foi criticado pela própria em documento de 2007, sendo demasiado ao número de horas que a criança pode trabalhar dentro de casa antes que este seja considerado trabalho infantil. Uma vez que, o trabalho doméstico é essencialmente desenvolvido por meninas, esta definição apresenta um grave desequilíbrio: enquanto um garoto de 10 anos seria considerado trabalhador infantil se ultrapassar mais de 1 hora por semana, para as meninas seria preciso trabalhar mais de 28 horas em afazeres domésticos para tal caracterização. Logo, é preciso reconsiderar este número máximo de horas tolerável no trabalho doméstico, pois como está pode prejudicar o desempenho escolar (UNICEF, 2007).

Conforme Vilani (2010), não é qualquer atividade laboral<sup>16</sup> que insere no conceito de trabalho infantil, pois ele se aplica a criança que trabalham em atividades substitutivas da mão de obra adulta. Para a autora o tipo de trabalho que se quer abolir da vida da criança é aquele em que elas atuam regularmente ou durante jornadas contínuas, fazendo disso uma fonte de renda destinada ao sustento próprio ou da família.

Ainda há um destaque importante sobre as consequências do trabalho infantil no desenvolvimento intelectual da criança, devido ao tempo que é dedicado ao trabalho:

O engajamento em atividades laborais limita o tempo que a criança dispõe para brincar, bem como o tempo destinado ao envolvimento em outras atividades que estimulem o raciocínio e a criatividade, importantes para o desenvolvimento das funções cognitivas. A fadiga provocada pelo trabalho prejudica a capacidade de atenção, o que, frequentemente, resulta em baixo interesse pelas atividades escolares, reduzindo o seu rendimento escolar, segundo o que teorizam Mynaio-Gomez e Meirelles (1997).

Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2001), o trabalho infantil se caracteriza pela condição de exploração e prejuízo à saúde e ao desenvolvimento da criança ou adolescente que realiza a atividade, bem como o impedimento ou o comprometimento do exercício do direito à educação e ao brincar.

Segundo o pensamento de Vygotsky (1998), ao brincar a criança realiza desejos, ou seja, a criação de situações imaginárias na brincadeira libera a criança das amarras da realidade imediata, dando-lhe oportunidade para controlar uma situação existente. O autor

---

<sup>16</sup> E expresso “labour” (inglês), “lavorare” (italiano), e “trabajar” (espanhol), que remetem a ideia de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultados consumível e incomodo inevitável (ALBORNOZ, 2008).

ainda destaca que o brincar difere muito do trabalho e de outras formas de atividade, uma vez que na brincadeira a criança cria o seu mundo imaginário.

Conforme os estudos têm demonstrado, qualquer trabalho infantil prejudica a permanência e a frequência da criança na escola e por isso, vem prejudicar o seu desempenho escolar. Logo, seguindo a mesma linha de pensamento do autor Vygotsky a brincadeira possibilita não somente o imaginar, mas também o compartilhar, construir e reconstruir, usar a criatividade, respeitar regras, e assim considerar o outro para viver em sociedade.

## 2.1 CAUSAS E REFLEXOS DO TRABALHO INFANTIL NA SAÚDE

Conforme publicações fornecidas pela ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância), em parceria com a OIT e UNICEF (VIVARTA, 2003), o trabalho de menores deve ser observado por meio de duas perspectivas complementares: a da demanda, o por que o mercado de trabalho procura e aproveita-se da criança como força de trabalho, e além da oferta de mão- de – obra infantil, ou seja, quais são os reais motivos que levam as crianças a trabalharem tão precocemente? Com relação a demanda, precisamos levar em conta dois elementos: A estrutura familiar e a dinâmica do mercado de trabalho. O mercado por sua vez, apresenta espaços apropriados para a incorporação desse tipo de mão – de - obra, principalmente a agrícola, que contrata a família, e não o trabalhador individual, e cuja remuneração depende do volume de produção apresentado.

Com esta demanda de oferta de mão – de – obra infantil, precisamos considerar quatro fatores que determinam as motivações e as causas que levam estes menores ao trabalho. Tais quais são:

### (1) A pobreza

Historicamente a pobreza é citado como sendo o principal fator do menor trabalhador. A pobreza quase sempre constitui uma situação propícia para o ingresso precoce de crianças no mundo do trabalho. A baixa renda de muitas famílias é, muitas vezes, insuficiente para sua própria subsistência, fazendo com que elas adotem como estratégia para complementação da renda familiar, o ingresso no mercado de trabalho da maioria dos membros da família, incluindo as crianças.

O grande problema é que a sociedade brasileira é marcada pela desigualdade social, possuindo um modelo econômico que oferece espaços e até incentiva a incorporação da mão-

de-obra juvenil, privilegiando o lucro acima dos valores humanos. Isso gera graves consequências como a pobreza e índices alarmantes de desemprego, levando pais a lançarem mão de seus filhos com o objetivo único e existencial maior que é a sobrevivência.

A pobreza é apontada como o principal fator, mas há outros motivos ao lado desta causa principal que contribuem para agravar o quadro, como o desemprego, as tradições culturais, falta de fiscalização, sistema educativo ineficiente e inadequado além do próprio desejo das crianças de trabalhar desde cedo.

## (2) A insuficiência do sistema educacional

Por mais que, o trabalho prejudique a frequência e o rendimento escolar do menor trabalhador, há também os problemas internos ao sistema educacional que desempenham um papel decisivo nas altas taxas de repetência e evasão destes menores.

Um sistema educacional deficiente também contribui para empurrar crianças para o trabalho. Mesmo tendo acesso à escola, crianças e adolescentes das camadas pobres são mais atingidos pela repetência. Após repetir várias vezes, a criança – por si mesma e pelos pais – é considerada “incapaz” de aprender, saindo da escola e sendo destinada ao trabalho. Um sistema escolar eficiente deve assegurar a permanência de todas as crianças na escola, com aprendizagem efetiva (DELGADO, 2004).

Na visão de Medeiros (2011), o trabalho infantil é apontado como um reflexo cultural que pouco valoriza a infância e a educação, como sendo problemas de longo prazo nos sistemas educacionais. Em parte também aponta uma falha da educação no passado, que não foi capaz de preparar uma nova geração de pais que dessem prioridade à educação de seus filhos, sem descartar uma falha no presente, que de modo algum consegue prover escolas com ensino em tempo integral, capazes de suplementar naquilo que muitas famílias de baixa escolarização não são capazes de fazer, uma vez que muitos destes pais, eles próprios, ex – trabalhadores infantis, desconhecem os motivos da proibição do trabalho infantil.

A autora Kassouf (2004), afirma que o trabalho do menor é também encontrado nos países do Primeiro mundo, todavia tal trabalho não é considerado como necessidade de sobrevivência, mas sim desejo de consumo pessoal, em que este trabalho, muitas vezes, é interpretado como não prejudicial aos estudos, por ser em tempo parcial. No entanto, a autora aponta que tal afirmação é polêmica e enfrenta e enfrenta resistência, porque muitos discordam dessa visão.

Segundo Galasso (2005), o trabalho realizado por adolescentes aponta efeitos positivos apresentando características que o identificariam como: dá a oportunidade de

desenvolver habilidades, melhora autoconfiança e autoestima, auxilia a desenvolver o espírito de equipe, ajuda o adolescente a desenvolver responsabilidade e a crescer como pessoa.

A implantação de escolas públicas em tempo integral tem sido apontada como a solução ideal para ajudar a combater o trabalho infantil, uma vez que a criança estaria num ambiente protegido, longe das situações de risco, às quais o trabalho precoce as expõe (VILANI, 2010).

### (3) O sistema de valores e tradições da nossa sociedade

As questões culturais e comportamentais estabelecidas nas classes sociais levam à uma construção positiva em relação ao trabalho de crianças e adolescentes. O trabalho precoce é valorizado como um espaço de socialização, onde as crianças estariam protegidas do ócio, da permanência nas ruas e da marginalidade.

Consta em Brasil (2007), que a questão cultural tem origem na cultura escravocrata brasileira, de que trabalhar contribuiria para a formação do caráter. Para muitos pais, o trabalho infantil não é um meio de subsistência familiar, mas sim uma importante fonte de aprendizagem. Além disso, não se pode deixar de considerar o orgulho do país, em algumas situações, como quando transmitem o próprio ofício ao filho.

Razões culturais também valorizam demasiadamente o trabalho como forma e realização de ser humano. Souza (2006) menciona que se o trabalho fosse realmente o mais apropriado modo de educação das crianças, os filhos de famílias abastadas estariam trabalhando, mas não é o que ocorre. Na verdade, o trabalho precoce atua como uma forma de manter a condição de desigualdade social, uma vez que a criança que trabalha geralmente não se dedica aos estudos e, por isso, não tem chances de ocupar os melhores trabalhos na fase adulta, reproduzindo a sua condição de pobreza e exclusão.

### (4) O desejo de muitas crianças de trabalhar desde cedo

Do ponto de vista da própria criança e do adolescente, especialmente nos meios urbanos, a vontade de ganhar o próprio dinheiro é mais um motivo para trabalhar desde cedo. O trabalho significa a independência em relação à família e a possibilidade sedutora de ter acesso a determinados bens de consumo, que não poderiam ser ofertados pelos pais, e cuja posse assume um alto valor simbólico em vista à construção de uma identidade no interior de uma sociedade de consumo de massas.

Desta maneira, Palmeira Sobrinho (2010), destaca que as necessidades de consumo que o capitalismo desperta, principalmente com a utilização da mídia e das novas tecnologias,

exercem uma pressão descomunal nos jovens, os quais se vêem obrigados a venderem cada vez mais precocemente sua força de trabalho para que se sintam “incluídos” nas relações de consumo.

Dados apresentados pela OIT (2001, p. 16), o trabalho precoce interfere diretamente no desenvolvimento infanto-juvenil:

- Físico: porque ficam expostas a riscos de lesões, deformidade físicas e doenças, muitas vezes superiores às possibilidades de defesa de seus corpos;
- Emocional: podem apresentar, ao longo de suas vidas, dificuldades para estabelecer vínculos afetivos em razão das condições de exploração a que estiveram expostas e dos maus – tratos que recebem de patrões e empregados;
- Social: antes mesmo de atingir a idade adulta, realizam trabalho que requer maturidade de adulto, afastando – as do convívio social com pessoas de sua idade.

Galli (2001), destaca que o trabalho infantil é heterogêneo: o tamanho do impacto negativo do trabalho precoce no futuro da criança depende de como aquele trabalho afeta no progresso e desempenho escolar. Trabalhos em período integral provocam os piores impactos no desempenho e evolução escolar, no entanto a autora conclui também que atividades desenvolvidas em tempo parcial, especialmente aquelas que demandam muito esforço físico, podem também prejudicar o processo educativo, pois a criança / adolescente estarão cansados para participar adequadamente das atividades escolares ou para estudar em casa. Neste caso, não se faz distinção entre ser ou não ser atividade de risco ou trabalho remunerado, porque sem exceção eles competem com a educação formal da criança/ adolescente.

### 3 DO FUMO, SEU CULTIVO E O TRABALHO DO MENOR

Este capítulo inicial, tem como objetivo retomar a constituição histórica do cultivo do tabaco no Brasil, bem como o trabalho infantil de crianças e adolescentes e suas consequências dentro desta agricultura que é a segunda maior produção mundial, envolvendo milhares de empregados a serviço de uma indústria que rende milhões de dólares e acha-se expandida por todo o mundo.

Mesmo que as recentes campanhas antitabagistas, endossadas pelos órgãos governamentais, muito especialmente a partir dos Estados Unidos e seguidas por países europeus, sul-americanos e asiáticos, tem ainda muito vigor. Com as proibições mudaram-se comportamentos com relação ao cigarro e ao charuto e hoje filme que apresentasse personagens a fumar, em atitude elegante e sofisticada, seria logo condenado como politicamente incorreto, mas até algumas décadas atrás era chique e superelegante que a heroína ou o herói do filme, especialmente se filme de amor, aparecesse a fumar, um bonito cigarro com longa piteira e o fumante a fazer uma pose não só artificial como, aos nossos olhos de hoje em dia, ridícula. Mudam os tempos e mudam os conceitos. Nas telenovelas, tão em voga, dificilmente aparece uma personagem com cigarro entre os dedos, mas no passado isto era muito comum. Ficou antológica a cena de um clássico do cinema, Casablanca, em que o protagonista, o desencantado dono do bar, representado pelo famoso Humphrey Bogart, aparece com ar de descaso, cigarro entre os dedos, a olhar ternamente para a complexa e belíssima personagem interpretada por Ingrid Bergman. O cigarro era um complemento da elegância, masculina ou feminina, mas hoje o seu uso em público é ostensivamente combatido e politicamente incorreto.

Com todas proibições e uma legislação cada vez mais severa, ainda assim o fumo tem os seus seguidores empedernidos e contumazes. A indústria do fumo rende ainda milhões e milhões de dólares. Os programas e noticiários de televisão continuam a denunciar o sempre constante contrabando de cigarros vindo da zona franca de Ciudad del Este, no vizinho Paraguai.

Ainda que tenha diminuído bastante o seu consumo, o brasileiro, como os demais povos da América do Sul, ainda fuma muito. Pelas ruas, praças, jardins públicos, até na frente de shopping centers, há marca desse consumo persistente do cigarro. Em filmes recentes de Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, para somente citar os mais comuns, há sempre personagens que fumam, não mais com o glamour de Humphrey Bogart em Casablanca, em que o cigarro e a pose do fumante eram emblemáticos, mas ainda como



mostra de uma triste realidade que ainda levará muitos anos para ser erradicada, porque os costumes persistem, mesmo contra a vontade dos Estados.

### 3.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O CULTIVO DO TABACO NO BRASIL

O cultivo do fumo faz parte da história do País como uma das culturas mais antigas<sup>17</sup> e que nos dias atuais é considerada a atividade agrícola não alimentícia de maior relevância para o setor econômico brasileiro. Conforme ainda dados do Boletim do Departamento de Estudos Sócio – Econômicos Rurais (DESER, 2010), o Brasil mantém-se na liderança de maior exportador de fumo em folha desde 1995, e como sendo o segundo maior em produção. Este posto adquirido pelo Brasil, foi consequência da consciência que a União Europeia está tendo sobre as causas e consequências que o cultivo do tabaco podem acarretar para a vida e saúde dos produtores, passaram então, a reduzir drasticamente o seu plantio.

A produção brasileira na safra de 2011/2012 chegou a 850 mil toneladas, segundo dados da Associação dos fumicultores do Brasil 2013 (AFUBRA, 2013), seguida da China, que é a maior em volume de produção. Mais de 85% da produção brasileira de fumo é destinada a exportação para mais de 100 países, sendo sua maior concentração para a União Europeia, com um equivalente a 40%, seguidos pelo Extremo Oriente 27%, América do Norte 12%, Leste Europeu 9%, África/Oriente Médio 7% e América Latina 5%. Mesmo a China liderando o cultivo do fumo, ela importou do Brasil, em 2012, US\$ 478 milhões, o que equivale a 500 toneladas de tabaco em folha.

Nas regiões sulinas concentram - se mais de 96% de toda produção nacional do cultivo do tabaco, e o restante se divide nos Estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Ceará e São Paulo. No entanto, a liderança em produção cabe ao Estado do Rio Grande do Sul com 49% de toda a produção nacional, Santa Catarina 29,3% e Paraná 19,3% (SINDITABACO, 2014).

---

<sup>17</sup> O uso da planta do tabaco é um costume antigo na civilização humana. Nos primórdios, essa planta era utilizada pelos indígenas da América do Sul para uso medicinal e, também, em alguns cerimoniais de culto ao Sagrado. Segundo Sams (1993), o ato de pitar o tabaco era uma forma de oração, que permitia a eles falar a verdade e curar relacionamentos feridos ou rompidos. Com o passar dos anos e o contato com o homem branco, essa planta passou a ser comercializada e beneficiada para a confecção de charutos, cigarros e rapé e inúmeros outros derivados, passando desde então a ser utilizada literalmente sem cerimônia. Do uso em cerimoniais religiosos à industrialização, o tabaco transformou-se um produto para a economia de muitos países que o exploram, numa cadeia bastante complexa, que movimenta diversos setores e gera inúmeros empregos, diretos e indiretos, em todo o mundo (BONATO, 2007).

A fumicultura no Estado do Paraná se consolida com uma área de plantio de 80.000 hectares que equivale a uma safra de 171.000 toneladas, com uma renda bruta na economia do estado de aproximadamente R\$800 milhões. Este cultivo conta com 36 mil famílias fumicultoras, cerca de 144 mil produtores, conforme dados ainda da SEAB, (SECRETARIA DE CULTURA E ABASTECIMENTO DO PARANÁ, 2011 apud GAZETA DO POVO 2012), no Estado, as maiores áreas são registradas naquelas propriedades que apresentam o maior número de trabalhadores, uma vez que o cultivo da planta na sua maioria ocorre no trabalho manual, assim necessitando de uma grande quantidade de mão - de - obra, sendo utilizado 0,7 homem/ hectare. Uma atividade que gerou na safra de 2010/2011, 56.000 empregos somente no campo.

Por mais que o cultivo de tabaco seja uma atividade que gera riqueza, emprego ao País, porém estudos comprovam que a renda mensal das famílias trabalhadoras é de um terço do salário mínimo nacional (ETGES, 2002). Uma crescente conscientização dos fumicultores sobre os riscos da produção de tabaco para a própria saúde e sobre a dependência socioeconômica a que estão submetidos tem gerado desejo de busca por uma atividade mais saudável e rentável.

Na cultura do tabaco, se pensarmos nos prós e contras, percebemos que a rentabilidade nesta produção agrícola é apenas uma aparência de grandes lucros, pois comparado com os males que este cultivo trás para a vida e a saúde dos produtores e também posteriormente aos fumantes.

Os danos provocados pelo tabaco começam muito antes de um cigarro ser aceso por um usuário da nicotina. Numa vasta literatura feita sobre o assunto, organizações e especialistas afirmam que desde seu plantio o fumo causa consequências graves à saúde humana tanto no físico, quanto no psíquico e intelectual.

Segundo Bonato (2007), numa análise dos indicadores que compõem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH – expectativa de vida, taxa de alfabetização, taxa de frequência escolar e renda per capita) mostra que as principais áreas produtoras de fumo na Região Sul apresentam média abaixo do índice estadual, e a taxa de frequência escolar e renda nos municípios onde predomina a fumicultura são inferiores a dos municípios onde não se produz tabaco.

Conforme comprovam os dados estatísticos fornecidos por Bonato (2007), a fumicultura é desenvolvida em pequenas propriedades rurais, em regime de agricultura familiar, onde a mão de obra é bastante exigida para a produção das lavouras de fumo,

associado ao baixo preço pago pelas empresas fumageiras<sup>18</sup> pelo produto final sem tirar as dificuldades financeiras enfrentadas pelos produtores. Na região sulina do País, onde encontramos o trabalho infantil nas pequenas propriedades produtoras de tabaco, há um contrato entre o produtor e as empresas fumageiras. Empresas as quais determinam o preço, a qualidade, as técnicas, os insumos e a maquinaria utilizada no cultivo do fumo.

As entidades: A Terra de Direitos, Via Campesina, Pastoral da Terra região de Guarapuava e Irati (04/06/2008), que atuam em defesa aos direitos humanos dos pequenos agricultores contra as sistemáticas violações realizadas pela cadeia produtiva do fumo. Pela situação de terror instaurada no interior do Estado do Paraná impostas pelas empresas fumageiras, órgãos do Poder Público e alguns órgãos de imprensa através de ameaças às famílias de agricultores acusadas pela utilização da mão de obra infantil nas lavouras de fumo. Estas entidades acima mencionadas esclarecem que, no momento que os produtores iniciam o plantio do fumo, estes agricultores são obrigados a assinar um contrato de adesão de compra e venda do fumo em folha, além das inúmeras cláusulas abusivas que estabelecem a obrigações unilaterais as quais os atrelam a uma dívida que nunca serão capazes de saldar, assim os obrigando a utilizar toda mão de obra existente na família para poder cumprir o contrato. Entretanto, as empresas para escaparem das responsabilidades e dos efeitos trágicos oriundos dos contratos, alegam que se reservam o direito de não adquirir o produto caso seja comprovado o uso de trabalho infantil na lavoura do fumo. Porém, tentam encobrir uma situação que elas mesmas indiretamente impuseram, pois nas cláusulas contratuais há o conhecimento de que para cumprir o contrato é necessário de que toda a família trabalhe no cultivo do fumo, incluindo crianças e adolescentes.

Numa reflexão mais aprofundada no assunto percebemos que as crianças e adolescentes camponeses, passam assim não ter apenas os estatutos de filhos, mas também de empregados, tendo o patriarca da família como patrão, e por menor que seja a contribuição das crianças e adolescentes no trabalho do campo, nenhum braço de trabalho pode ser desperdiçado. Mesmo com toda a família na lavoura, dificilmente o agricultor consegue quitar o contrato devido ao injusto procedimento unilateral de classificação e definição do preço do fumo em folha, assim ficando sempre em débito com a empresa, que executa num mandato judicial a dívida fazendo com que os agricultores percam os poucos bens que possuem. Em casos mais agravantes, há produtores que perdem sua propriedade e todas as formas de sustentar e proteger sua família e acabam se suicidando.

---

<sup>18</sup> No Brasil, o mercado de tabaco encontra-se fortemente concentrado em três grandes empresas, a Universal Leaf Tabacos, a Souza Cruz e a Alliance One.

O tabaco é uma cultura rentável, no entanto ocorre uma má distribuição dessa renda, somente as empresas acabam se beneficiando com os lucros, recebendo numa margem de 20,8% do total, em quanto o agricultor que passa 10 meses trabalhando na lavoura, acaba ganhando apenas 4,5% (BONATO, 2007).

Desta forma, não podemos apontar e condenar os fumicultores como sendo os únicos culpados pelo trabalho exaustivo de crianças e adolescentes na lavoura do fumo, sem questionar o outro lado, o das empresas, e seus contratos com cláusulas abusivas, que fazem com que não sobre outra alternativa a não ser colocar toda a família a trabalhar na fumicultura.

Essa realidade faz com que seja indispensável a utilização da mão de obra infantil, algo que constitui um dos problemas mais polêmicos na cultura do fumo pelas consequências existentes para a vida e a saúde destas crianças e adolescentes. Mesmo com a existência da campanha pela erradicação do trabalho infantil, é quase impossível manter as crianças longe das lavouras de fumo, pois elas representam uma contribuição fundamental para a formação da renda familiar.

Em nosso País, é pouco comum o hábito de crianças tornarem-se fumantes. Por esta razão, a imagem de uma criança consumindo tabaco é, para a grande maioria, motivo de espanto e repulsa. Esse mesmo tipo de sentimento poderia existir também com relação às crianças e jovens, filhos de fumicultores, que correm sérios riscos auxiliando seus pais no cultivo do tabaco. Essa realidade apenas aparentemente insignificante faz parte dos problemas brasileiros, pois segundo dados da Conferência Mundial sobre o tabaco e Relatórios de Saúde, em 2002, cerca de 520 mil crianças menores de 18 anos trabalham no cultivo do fumo, sendo que 32% têm menos de 14 anos de idade (BONATO, 2007).

### 3.2 TRABALHO INFANTIL NO ESTADO DO PARANÁ

Mesmo com a aprovação de políticas públicas em projetos de ajudar na renda familiar para que as crianças apenas estudem e brinquem, temos entre os anos de 2000 e 2010 o índice de crianças e adolescentes que trabalham no Estado cresceu 19% segundo dados do IBGE (2010), analisados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparde), e divulgados pelo jornal Gazeta do Povo em maio de 2012 (BREMBATTI, 2012).

O índice paranaense de trabalho infantil doméstico encontra-se na mesma situação das taxas dos Estados de Ceará e de Pernambuco. O censo indicou uma alta com 42.118 casos no

Paraná que representa 5,8% do total de crianças de 10 a 13 anos. Enquanto o registro em 2000, eram 36.458, o equivalente a 4,9% de crianças na mesma faixa etária.

A Presidente da República, anunciou, há quase um ano, que investiria recursos para tirar 1,2 milhão de crianças do trabalho infantil até este ano de 2014. Desde o anúncio, medidas forma discutidas dentro do governo federal, mas nada foi mudado, ou seja, tudo ficou no papel. No Estado do Paraná, há mais de um ano está em elaboração o Plano Estadual de Erradicação de trabalho Infantil (PETI)<sup>19</sup>. Não há, contudo, dados recentes sobre a evolução das suas atividades.

No entanto, com os passar dos anos o programa com 16 anos de atuação, os números do Censo do IBGE indicam que o trabalho infantil não apenas não foi erradicado, como aumentou.

As crianças e adolescentes encontrados em “situação de risco de trabalho” passam a receber do governo uma bolsa mensal como complemento na renda familiar. Caso a renda familiar por pessoa for inferior a R\$140,00 reais, há a inclusão no projeto Bolsa Família. Nas situações em que a renda per capita da família seja superior a R\$140,00 reais, a família é cadastrada no programa PETI. O valor da bolsa varia de R\$ 25 a R\$ 40 reais. Em 2012, o programa beneficiava 800 mil crianças e adolescentes no Brasil e 30 mil no Estado do Paraná.

Não se pode negar que este valor do programa do PETI venha a ser uma caçoada com o povo brasileiro. Mesmo sendo uma ajuda na renda familiar, como sobreviver com estes valores, com as altas inflações que este governo apresenta a cada dia que passa. E também não podemos deixar de questionar que se há ainda crianças e adolescentes a trabalhar em situações degradantes é por que ocorre alguma falha nestes programas de erradicação de trabalho infantil no estado nacional.

A erradicação do trabalho infantil no Brasil se formos analisar não é uma questão que será solucionada com apenas programas de ajuda na renda familiar (bolsas famílias), mas com ações intersetoriais principalmente entre governo, educação, sociedade, para assim tentar tirar de vez essas crianças e adolescentes da situação de decadência social em que se encontram.

Com os dados apresentados na Gazeta do Povo, mostram uma triste realidade brasileira, o Brasil está muito longe de vingar com o compromisso internacional de erradicar a mão de obra infantil até 2020. Claro que houve em alguns casos em que o trabalho infantil têm sido combatido, no entanto, a fiscalização normalmente encontra dificuldades de

---

<sup>19</sup> O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) criou-se em 1996 com o objetivo principal de eliminar todo e qualquer tipo de exploração da mão de obra de crianças e adolescentes.

impedir ações em fazendas, atividades domiciliares. Segundo dados fornecidos ao jornal Gazeta do Povo, “ no cultivo do fumo no Paraná, por exemplo, estima-se que 4 mil menores de idade trabalhem, sendo 1,1 mil com menos de 13 anos” (BREMBATTI, 2012).

### 3.3 O TRABALHO INFANTIL NA FUMICULTURA NO ESTADO DO PARANÁ

Uma das principais causas que levam ao trabalho infantil no campo, no Estado do Paraná, mormente na sua região centro- sul, é o cultivo e extração do fumo, cultivado por quase toda região Sul do Brasil, em maior ou menor quantidade, em pequenas propriedades rurais, em regime de agricultura familiar.

A característica da pequena produção familiar é a intensa exploração da mão-de-obra do grupo doméstico. A família se vê obrigada a prolongar sua jornada de trabalho e a incorporar a força de trabalho de mulheres e crianças para compensar a pequena área de terra de que dispõe, a fim de extrair a sobrevivência. Desse modo, com base no aumento da quantidade absoluta de trabalho empregado, essa produção familiar consegue maior valor de produção por unidade de área (ANTUNIASSI, 1983, p. 25).

Ao iniciar o seu plantio, os agricultores são obrigados pelas empresas fumicultoras a assinar um contrato de adesão de compra e venda do fumo em folha, com inúmeras cláusulas, que se podem considerar verdadeiramente abusivas por estabelecerem obrigações unilaterais e os atrelam a uma dívida que nunca serão capazes de saldar e que os obriga a utilizar mão-de-obra de toda a família para poderem cumprir o contrato. A desassistência a que está votado o agricultor no País, leva-o, na vã esperança de melhorias de condição e renda, a aceitar esses contratos que o prendem a uma atividade dura e insalubre. A indústria do tabaco explora os fumicultores contribuindo com sua sobrecarga de débitos, enquanto se utiliza da difícil situação econômica deles para argumentar contra esforços de controle do tabaco (MACKAY; ERIKSEN, 2002, p. 4 apud ALMEIDA, 2008, p. 5).

Em reportagem do dia 18 de maio de 2009, que a Rede Globo levou ao ar mostrando uma matéria realizada no interior de Irati, com algumas famílias de fumicultores, sobre a questão do trabalho infantil na produção do fumo, em que Fumicultores, Sindifumo, a Afubra e o Conselho Tutelar contestaram que não existia exploração de menores. Um problema típico de países subdesenvolvidos, o trabalho infantil, infelizmente, ainda existe em larga escala em muitas regiões brasileiras, assim como em Irati, como foi mostrado como matéria veiculada no programa de domingo, Fantástico Show da Vida, da Rede Globo.

O trabalho infantil é repudiado por muitos, usufruído por outros e exercido por cerca de 3,8 milhões de crianças e adolescentes no Brasil, o que vergonhosamente o coloca como o terceiro país da América Latina que mais inviabiliza a infância, segundo dados, da Unicef (2008).

Em Irati, no ano de 2009 havia cerca de 260 menores cadastrados no Programa para Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), que existe desde o ano de 1997. E como o PETI, existem muitos outros programas para evitar a exploração do trabalho infantil que exista no município. Uma vez que o lugar das crianças e adolescentes é na escola, a idade de estudar, dedicando integralmente aos estudos. Por que de nada adianta a criança frequentar a escola, sendo que ela precisa também trabalhar para ajudar a família (FOLHA DE IRATI, 2009).

Desta forma, o menor de idade apresenta um desgaste físico, e, conseqüentemente, não consegue levar adiante com seriedade e responsabilidade os estudos. Porém, isto também não quer dizer que as crianças e adolescentes não precisam ajudar nos afazeres domésticos. O que ocorre muitas das vezes, é que confundem exploração com trabalho em conjunto. Em que todo aprendizado é bem-vindo, normalmente quando se ensina aos filhos desde cedo o que é certo e o que vem a ser errado, dando exemplos de conduta e responsabilidades, sabendo-os educar, porém sem explorar.

Conforme dados da Anvisa (2012), (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) os agricultores, na sua maioria, são vítimas de doenças causadas pelos pesticidas e pelo manuseio da folha de tabaco (a chamada “doença do tabaco verde”, com sintomas que incluem náuseas, vômitos, fraqueza geral, dores de cabeça, tonturas, dores abdominais, dificuldade para respirar e alteração na pressão sanguínea). E é justamente este tipo de trabalho pouco saudável que as crianças e adolescentes de 5 a 15 anos se envolverão, quando nas suas atividades agrícolas na região Sul do Brasil. E o contingente desses jovens trabalhadores chega a 14% devotados ao cultivo do tabaco, durante o qual ficam expostos, como já se tem alertado com insistência, ao perigo de grandes quantidades de agrotóxicos. Segundo estudos apontados pela Agricultura Familiar e Agroecologia:

Na maioria dos casos, as plantações de fumo são feitas muito próximas umas das outras e a uma distância que não chega a 50 metros de outras lavouras, como as nossas, nossos pomares e plantas nativas. Em função desta condição e segundo o que estabelece a Bula do agrotóxico GAMIT, registrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e que recomenda a sua utilização a uma distância mínima de 800 metros da cultura de girassol e milho e de atividades de hortas, pomares, viveiros, casas de vegetação (estufas), jardins, videiras, arvoredos, vegetações ribeirinhas e outras nativas, os técnicos e agrônomos ligados às empresas fumageiras não poderiam sequer receitar tal produto, tendo em vista que a legislação (Decreto 4074/02) o obriga ainda a fazer o diagnóstico da área onde o veneno será

aplicado. Somando-se ainda legislação geral estabelecida pela Surhema no Paraná proibindo a aplicação de agrotóxicos a uma distância menor de 50 metros de residências, escolas, nascentes, e cursos d'água, cuja violação fica facilmente comprovada visitando-se as regiões produtoras (ASPTA, 2011).

O cultivo dessas empresas fumageiras pode ser uma das fontes de riquezas das grandes empresas, especialmente das multinacionais, mas no que tange aos produtores, aos pequenos produtores que se vinculam a elas com pesados contratos, como ficou dito acima, elas são fonte de mal-estar e de sérios problemas de saúde, além de não trazer os lucros esperados por seus cultores.

A OIT (2008) destaca que análises têm demonstrado que o trabalho de crianças e adolescentes na cultura do fumo os expõe à contaminação devido ao manuseio e contato com produtos agrotóxicos até mesmo na própria planta acarretando problemas bem sérios como doenças respiratórias, câncer de pele, envelhecimento precoce e tantos outros transtornos. O contato com esta cultura fumageira traz efeitos não somente para a saúde física, mas também para a saúde psicológica e para o desenvolvimento educacional dos menores. Não esqueçamos que é um trabalho duro e de muita exposição às intempéries São os efeitos negativos e visíveis desse tipo de trabalho.



#### 4 DA QUESTÃO DA ESCOLARIZAÇÃO NO MEIO RURAL

Neste capítulo inicial abordaremos a escolarização no meio rural e suas dificuldades a serem superadas. A educação, suas políticas e processos educativos, tornaram-se primordiais questões nas sociedades contemporâneas.

Há interesse nesta dissertação em traçar-se a questão do trabalho do menor e o quanto isto pode afetar a presença do menor na sala de aula, o quanto a participação indevida no trabalho que deveria ser levado a cabo pelo adulto, pode causar ao menor se ele pelo trabalho, abandona a escola.

A educação, por definir-se como a base do desenvolvimento de qualquer sociedade, é, igualmente, um tema de grande relevância, e por sua vez, um desafio aos governantes, aos pesquisadores, e à própria sociedade brasileira. Cabe a toda a sociedade participante do progresso do Estado e da Nação, procurar valorizar a educação e a sua gestão, uma vez que, é de ressaltar-se, não existe progresso social, nem construção de cidadania, sem o principal de seus fatores, que é a educação de nossas crianças e adolescentes. O Brasil, em pleno século XXI, apresenta ainda inúmeras falhas ligadas ao processo educacional, tais como: o financiamento da educação pública, o desafio de aplicar novas estratégias de ensino que possam atender à comunidade local de cada região.

O Brasil, com sua imensa extensão territorial, apresenta muitas realidades e necessidades distintas, principalmente no que tange à educação no meio rural. Como atendê-las sem modificar a estrutura curricular? Como pensar no Brasil rural, tendo a educação como alicerce e por fim a sua inclusão na sociedade? Por mais que o País apresente maior número populacional urbano, não se pode esquecer que, este mesmo País possui inúmeros e pequenos municípios, vilas e aldeias todos eles envoltos em uma diversificada atividade rural, muitas das vezes na forma de agricultura familiar, dos meios mais simples e frequentes da pequena economia.

Lastimavelmente existe, ainda hoje, enorme preconceito das chamadas elites citadinas e do morador das metrópoles, para com Brasil rural, que é considerado como atrasado, primitivo em relação ao meio urbano. Por que não denominar este conceito precipitado e até certo ponto sumamente preconceituoso como uma das tantas realidades brasileiras, algo que não deixa de ser verdade? O Brasil do campo, o Brasil rural, é uma das partes do País que precisa ser vista com mais seriedade e isenção e, desta forma, que se possa fazer uma possível equiparação e acompanhamento entre o meio urbano e àquele, o campesino, o rural, na qualidade de vida.

A educação tem o seu papel na formação do educando, atua como agente de mudanças, ou seja, agente provocador de modificações sociais e culturais na sociedade envolvente. Assim, os educadores, poderiam promover modificações no comportamento individual dos alunos e, através deles, da sociedade local. A educação é definida pelo pensamento de Durkheim (2001, p. 52), como:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais que lhe exigem a sociedade política no seu conjunto e o meio especial ao qual está particularmente destinada.

Para um dos maiores pensadores da Educação do século XX, o educador americano John Dewey (1978, p. 13-40), a escola deve educar para o tipo de sociedade que pretende estabelecer. Assim, à medida que a escola produzir pessoas com uma visão mais crítica, contribuirá para a melhoria dessa sociedade. Sua frase célebre, “a escola não é uma preparação para a vida; a escola é a própria vida”, significa que a função de uma unidade escolar é vivenciar em seu cotidiano todos os comportamentos que deveriam promover a vida social. Assim, a escola tornar-se-á um viveiro de novos e melhores predicados, como a democracia e o desenvolvimento social, que certamente surgirão naquela sociedade.

O Brasil no decorrer dos anos se transformou em um país urbano, transformação que, ainda de forma incipiente começa com o segundo governo de Vargas, mas, não deixou de ser um país que possui uma vasta área rural, com pequenos municípios inseridos e envolvidos em atividades agrícolas. O Brasil rural, não possui mais as características de um estado nacional primitivo, arcaico, de outrora. Mas é a parte do país que precisa de um olhar especial por parte dos serviços públicos, pelo menos para igualar ao que é fornecido ao que se tem na área urbana, especificamente numa educação adequada.

A educação é a linha que deveria servir para garantir a construção de um equilíbrio da igualdade social entre as áreas rurais e urbanas. Por isso, consideramos de fundamental importância aproximar nosso olhar e nossa curiosidade ao aspecto escolar e sua sensibilidade ao fenômeno do trabalho infantil. Deste modo, pensando em alcançar o objetivo do presente estudo, analisaremos o papel social da escola juntamente com sua clientela, além do que pretendemos trabalhar com os conceitos de escola, educação e trabalho infantil, e de como esta questão é abordada pela equipe pedagógica das escolas e pela secretária da Educação dos municípios.

No seu prestimoso livro *Por uma Educação do Campo* (2009), seus organizadores, Miguel Gonzalez Arroyo, Roseli Salet Caldart e Mônica Castagna Molina, propõem “uma reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais, dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência deste trabalho [o do meio rural, dos lavradores]” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2009, p. 25). Autores que a pesquisadora consultou, apelam para ambas expressões indistintamente, campo e meio rural, que é o que se segue neste estudo. Entre muitas coisas, há, porém, uma consciência de que existe a necessidade de uma escola e, por conseguinte, de uma educação específica para o meio rural, para o homem do campo, que o ajude a vinculá-lo à terra e não que faça mais profundo o fosso que parece existir entre a cidade e o campo, o homem citadino e o homem rural. Um dos colaboradores admite que é preciso preparar o homem do campo para o embate na vida, sempre em movimento, e no final de suas reflexões escreve que

Se a escola é lugar de formação humana, significa que ela não é apenas lugar de conhecimentos formais e de natureza intelectual. A escola é lugar de tratar das diversas dimensões do ser humano de modo processual e combinado (CALDART apud ARROYO; CALDART; MOLINA, 2009, p. 121, grifo nosso).

Esta parece ser uma das falhas mais persistentes no que diz respeito à educação rural, a promoção antes dos conhecimentos intelectuais, a penetração no mundo livresco, deixando de lado aspectos mais próximos da realidade do campo. Nesta situação é de pensar-se realmente que existe uma forte demarcação de limites entre o campo e a cidade, o citadino e o rural. A autora Caldart tem, pois, razão ao advogar uma escola voltada para este outro tipo de vida. É claro que ela depois se refere até com patente admiração às atividades do MST, que cria, na sua opinião, “uma escola em movimento”. Mas o quê fazer, efetivamente?

A estudiosa do assunto tem propostas inteligentes, ao escrever que “a educação do campo identifica uma luta pelo direito de todos à educação” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2009, p. 149). A educação de todos é um preceito da Constituição e acredito que não exista um Estado moderno que não o tenha entre os seus preceitos fundamentais. E falar de “luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação e uma educação que seja no e do campo” (p. 149), é realmente estabelecer uma meta:

1. Uma forma de educação que seja feita no campo; e
2. Uma forma de educação que seja feita do campo, ou seja, dentro da sistemática e da viabilidade do campo, do mundo rural, da coisa rural, a res ruralis.

A autora, então, elabora a questão ao explicar que assim pensa, pois “o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive. O povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2009, p. 149-150).

#### 4.1 O QUE É E COMO SE DESENVOLVE A ESCOLARIZAÇÃO NO MEIO RURAL

O ambiente rural, apresenta grande potencial de produção e exportação, capaz de elevar o País na área econômica, mas não podemos esquecer que, sem uma educação de qualidade, e adequada à realidade rural nossa, elevar e manter esse potencial torna-se tarefa das mais difíceis. Frisamos aqui, uma educação adequada à realidade rural. A falta de sintonia entre a educação oficial e o meio ao qual se destina, tem causado grandes discrepâncias no aproveitamento, com muitas reclamações e descontentamentos.

Pickering, que chamou o problema de um dos desafios da educação no seu *O Desafio à Educação* (1972), olhando a questão da educação de um prisma evolucionista, lembra com argúcia que

No mundo de hoje, a educação talvez seja o mais importante problema; usada corretamente, ela criará uma sociedade melhor; usada erroneamente, poderá destruí-los. Isso porque a educação é o instrumento modelado pela sociedade para moldar a próxima geração; para esse fim, é um instrumento eficaz e praticamente o único (PICKERING, 1972, p. 11).

Pensa com justificada razão que evadir-se da sala de aula, é dificultar essa marcha benfazeja da sociedade. O homem rural bem educado certamente será mais útil na sua interação com o homem urbano e as relações entre eles igualmente mais útil para todos. A educação diz respeito ao aprendizado, comenta Pickering (1972, p. 11).

O ensino educacional no meio rural brasileiro sempre foi alvo de críticas, desprezo por parte da política social e até mesmo pelos próprios educadores, mas com o passar dos anos também tornou-se motivo de estudos direcionados no sentido de fazer conhecer e explicar as muitas profundas causas de suas falhas. A responsabilidade fosse ela no todo ou parcial sendo fruto dos esforços educativos muitas das vezes aqui recaiam e recaem sobre a escola, que é considerada inadequada seguida pela incapacidade de motivar e despertar o interesse da comunidade rural. Claro que, alguns ajustes ajudariam, como fornecer aos educadores um currículo apropriado que atenderia as necessidades específicas do meio rural, para que assim ocorra uma mudança no panorama educacional. No entanto, “não deve ser vista somente em

relação à educação. O seu real significado deve ser buscado na própria população que a educação visa atingir” (GRZYBOWSKI, 1981, p. 30).

Este raciocínio aparentemente muito simples, porém lógico do autor decorre dos fatores negativos que atuam contra a escola, mas não podemos esquecer-nos de associar outros, igualmente responsáveis pelo atraso e fracasso educacional tais como: a distância da residência do aluno em relação à escola, a falta de estudos dos pais, a dificuldade financeira familiar.

Muitos estudos já feitos por pesquisadores na área educacional consideram o aspecto do nível de escolaridade dos pais um fator significativo a ser analisado na relação com o trabalho infantil, uma vez que Cervini e Burger (1996) argumentam que, em países como o Brasil, não é somente o rendimento familiar o responsável pela mão de obra infantil, mas também o nível de escolaridade dos pais é considerado um forte fator decisivo no futuro das crianças, isto é, a educação escolar dos pais tem uma forte influência na formação educacional dos filhos.

Mesmo quando uma alta correlação entre ingresso e escolarização torna difícil a tarefa de separar ou especificar os efeitos de ambas as dimensões, é bastante aceita a ideia de que a educação dos pais contribui com uma parcela em nada desprezível na explicação das desigualdades educacionais dos filhos (CERVINI; BURGER, 1996, p. 29).

Claro que, segundo afirmam os autores, este fato mencionada da baixa escolaridade dos pais estar associada à pobreza em que viviam na época. Entretanto, com a entrada precoce destes no mercado de trabalho, permitiria uma outra ocorrência: a probabilidade de a criança trabalhar por conta de seus pais, terem ingressado, precocemente, no mundo do trabalho, vir a ser analisado pelos filhos como uma forma de seguir os mesmos caminhos dos pais, manter a cadeia que começa nos pais, passa aos filhos e, eventualmente, manter-se-á nos netos... Isto se confirma nas conclusões feitas por Emerson e Souza (apud KASSOUF, 2007), quando analisaram dados do Brasil e atribuíram esse fato as normas sociais, portanto pais que trabalharam na infância reconhecem com mais naturalidade a mão de obra infantil se tornando favorável a incluir seus filhos em uma atividade produtiva.

Com o intuito de aprofundar neste estudo, contudo que já foi dito acima, não são apenas esses elementos já apontados os únicos geradores do trabalho infantil, mas podemos associar na discussão uma contribuição mais complexa que envolve questões culturais, nas quais estão incluídos conceitos sobre o trabalho juntamente com a criança/ adolescente. O mais comum, no entanto, e o mais prejudicial ainda está na coincidência do ano letivo com o período de safra e colheita do lavrador em regime familiar de produção. O trabalho, a

eventualidade a que estes menores de famílias de baixa renda não se podem furtar é, provavelmente, a maior das barreiras opostas ao aprendizado. Mas mesmo nestes casos específicos há exceções de menores que ajudam sua família e conseguem passar de ano, sem quaisquer problemas.

Se a escola quiser constituir-se em um organismo vivo e dinâmico da comunidade, terá que se desenvolver e se tornar permeável às pressões oriundas da ambiência externa, ou seja, transformar-se num sistema aberto ao meio ambiente que a circunda e cultivar um processo de troca de informações e experiências, com vistas a uma maior integração. [...] A valorização do papel da comunidade resultará no fortalecimento das aspirações coletivas, tornando-se sensível às peculiaridades locais (ARAPIRACA apud GRZYBOWSKI, 1981, p. 30).

Na agricultura familiar, em particular é muito comum, que as crianças e adolescentes sejam empregados com frequência, em larga escala, na agricultura familiar, nem sempre em tempo integral é bom que se advirta, mas incompatível com um padrão de vida satisfatória, sobretudo porque a atividade na lavoura só é possível como uma expressão de desprezo pela educação, como dizem os que não aceitam de nenhum modo essa participação do menor. No entanto “os agricultores, reconhecem a importância da escola na formação de seus filhos, pois têm claro que o saber herdado já não dá conta das transformações vivenciadas no campo”. (PASSADOR, 2006, p. 24). Uma vez que o saber adquirido pelos estudantes proporcionará a estes mesmos a possibilidade de se relacionarem com os agentes externos, num patamar de igualdade de conhecimento.

A educação tem um papel fundamental na construção de novos conhecimentos e cultura. A educação não é somente no espaço escolar, com os alunos como era considerado nos anos passados. Agora, o espaço escolar encontra-se aberta para a comunidade, para que ocorra uma aproximação entre escola e comunidade local. Assim a educação rural, como salienta Kolling (apud ARROYO, 2009), que a luta por uma educação voltada à realidade dos sujeitos do campo, tem como finalidade promover o desenvolvimento sociocultural e econômico respeitando diferenças históricas, uma educação que contribua para a permanência e a reprodução dos homens do campo e a melhora de sua qualidade de vida. Para isso não basta ter escolas-campo, mas vai mais além do que este aspecto meramente material da questão. É necessário construir escolas do campo, mas que sejam efetivamente escolas com um Projeto Político Pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo. É vivenciar o campo através de suas escolas e do ensinamento dos seus mestres profundamente vinculados à terra, coisas que nem sempre vemos, pois muitos desses que advogam as tais fixações do homem à terra, vêm de fora, conhecem apenas superficialmente a realidade da terra, e em muitos casos, têm interesse mais político e contestatório do que a vinculação perene com a terra, conhecendo-a, sentindo-a, fazendo-a produzir como fonte de riqueza e trabalho e não como ascensão política, o que infelizmente vemos em muitos casos.

A partir das ideias do autor, é prioridade por parte da escola a investigação da comunidade que ali habita, reconhecendo e valorizando os saberes sociais construídos ao longo das gerações, para que assim, a escola, juntamente com sua equipe pedagógica, possa assumir novas posturas diante das problemáticas apresentadas dentro da comunidade, e, assim, ajudar solucionar o problema que se apresenta e proporcionar um melhoramento para o desenvolvimento desta comunidade. Esta é uma postura que parece vigir não apenas em países em desenvolvimento, como nos chamados países do primeiro mundo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996, no II capítulo, seção I, artigo 28, quando disciplina a respeito do Ensino de 1º e 2º graus, na zona rural define que:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996).

Conforme plano aprovado pela competente autoridade de ensino.

No contexto de uma Lei aprovada pelo governo para que o calendário escolar seja alterado conforme a disponibilidade dos alunos em relação ao trabalho rural, a partir desta, podemos ver o esforço que o governo faz para melhorar a qualidade na educação rural, para que possa formar cidadãos críticos e acabar definitivamente com o trabalho infantil no campo? Proporcionando aos discentes uma condição de aprendiz, como é ofertado pela Constituição Brasileira nos centros urbanos para alunos com 14 anos. Se a educação é proporcionada desta forma, que tipo de cidadãos esta escola rural pretende formar? Por que a educação rural não pode ser a mesma oferecida nos centros urbanos, sendo que o lema é formar cidadãos críticos? Será que estas crianças não merecem ter uma oportunidade para melhorar de vida por meios dos estudos?

Há sempre uma busca incessante por uma educação que sirva a todos e lhes possa trazer a felicidade, alvo maior de todo o homem sobre a face da terra. Critica-se a escola, critica-se a sociedade, critica-se o Estado, mas é bem provável que a maior crítica devesse caber ao homo in societate.<sup>20</sup> Enquanto ele não se desvestir dos seus complexos e vícios, nada poderá mudar. Ao mesmo tempo, trazendo Schopenhauer no seu pessimismo do ser humano, pode-se dizer que o homem sem a sua hominidade, ou seja, a sua qualidade de simples mortal,

---

<sup>20</sup> Expressão latina muito usada em Sociologia. O homem em sociedade, o homem como membro de uma sociedade, ou dentro de uma sociedade.

de ser homem como homem, não poderia formar uma sociedade heterogênea. Seria apenas uma sociedade de fantasmas ou de robôs.



## 5 METODOLOGIA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 5.1 MATERIAL E MÉTODOS

#### 5.1.1 Tipo de estudo

A orientação metodológica adotada baseia-se na perspectiva da pesquisa qualitativa, mas articulada com a utilização de dados quantitativos oficiais sobre o trabalho infantil no Brasil. A realização de pesquisa qualitativa não obedece necessariamente a um procedimento paradigmático, pois pode articular de diversas técnicas e se vale muito da criatividade do pesquisador ou da pesquisadora. A opção pela pesquisa qualitativa deve-se por ela trabalhar “com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” (MYNAIO-GOMEZ; MEIRELLES, 1997, p. 21), o que vem ao encontro do objeto do presente estudo.

A pesquisa qualitativa além de estudar o fenômeno em si, busca entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas, procura compreender o que os fenômenos representam para elas (TURATO, 2005).

Para Minayo (2004), a pesquisa qualitativa permite conhecer os valores culturais e representações de um determinado grupo a respeito de temáticas específicas, também torna possível apreender as relações que os atores sociais estabelecem para enfrentamento da situação e descrever o processo e os resultados do mesmo.

A bibliografia, a pesquisa na biblioteca e na Internet, só, não bastou, ainda que fosse muito vasta e fácil. No mais estrito sentido a pesquisa através da Internet seria didática, pois apresenta como fim precípua a instrução e um caráter imediatista. Mas a esta falta-lhe a profundidade dos velhos textos. Fica à superfície, enquanto o texto clássico mergulha na questão, de onde que se optou pela investigação que se valesse daquilo que outros já haviam escrito sobre o tema.

A Internet ajuda muito com a apresentação imediata de dados recentes, com estatísticas quase sempre muito atualizadas. Friso o seu caráter imediatista: ela corre contra o tempo, quase sempre. Mas quis ir além, tirar minhas próprias conclusões do tema escolhido, concluir de visu, o que me mostravam os livros, partir, em outras palavras, para o trabalho de campo. Mas que este fosse realizado sob modelo adotado pela Universidade, oficial, portanto. Dirigi-me à secretaria da Educação pedindo que aquele órgão oficial sugerisse as instituições a serem visitadas e fizesse, através de seus dirigentes, as apresentações de praxe. Para mais

acentuar a minha neutralidade, deixei que a sugestão das escolas a serem visitadas fosse do órgão que as dirige e supervisiona. Seriam as pesquisas de campo (field researches).

Este estudo optou em ouvir relatos de diretores e membros da equipe pedagógica sobre o fenômeno do trabalho infantil na lavoura de tabaco, e o posicionamento da escola diante desta questão.

### 5.1.2 Métodos de coleta

A técnica utilizada no campo para a coleta de dados foi a entrevista semi- estruturada (anexo), levavam muitos minutos, em geral na sala dos professores ou no gabinete do diretor. Seguiu a pesquisadora, aquilo que o estudioso brasileiro João Álvaro Ruiz, na sua Metodologia Científica. Guia para eficiência dos estudos, ensina que:

Entrevista. Consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para a pesquisa em andamento. Portanto, não só os quesitos da pesquisa devem ser muito bem elaborados, mas também o informante deve ser criteriosamente selecionado.

O entrevistador deve ser discreto, deve evitar ser importuno; precisa deixar muito à vontade o informante. Embora seja sua função dirigir a entrevista e mantê-la dentro dos propósitos dos itens preestabelecidos, o entrevistador deve ser habilidoso e elegante ao evitar que o diálogo se desvie dos propósitos de sua pesquisa. É importante lembrar que o entrevistador deve apenas coletar dados e não discuti-los com o entrevistado; disso se conclui que o entrevistador deve falar pouco e ouvir muito (RUIZ, 1979, p. 51).

Segundo Thiollent (1987), a entrevista é um instrumento privilegiado de pesquisa, pois busca a intensividade, que deve ser compreendida como a possibilidade de se distanciar de uma comunicação superficial, possibilitando o acesso a um nível de comunicação onde se expresse a representação que os sujeitos entrevistados fazem do objeto da pesquisa.

Para Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

Minayo (2004), salienta que a entrevista individual é um instrumento importante para coletar informações para as ciências sociais, pois a fala revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos. Ela permite ao pesquisador fazer um mergulho em profundidade coletando indícios de como aquele indivíduo percebe e significa sua realidade.

Em Nogueira-Martins e Bógus (2004), encontramos que a entrevista semi- estruturada, que foi utilizada neste estudo de campo, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem

amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do entrevistado. O instrumento de coleta de dados denominado “roteiro de entrevista”, contendo as perguntas fundamentais da entrevista, são resultados, não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno que o interessa.

Minayo (2004), menciona que, na abordagem qualitativa não se estuda um somatório de depoimentos, mas se verifica qual a lógica própria do grupo ou suas múltiplas lógicas. Portanto, as modificações do roteiro em campo precisam ser devidamente acompanhadas, constituindo- se num processo reflexivo permanente do pesquisador.

## 5.2 TRABALHO DE CAMPO

### 5.2.1 Entrevistas

Foram convidados a participar voluntariamente do estudo diretores e professores de instituições públicas localizadas no meio rural do centro- sul do Paraná. A opção por este grupo se deu em razão pelo simples fato que estes poderiam fornecer informações sobre o trabalho infantil na fumicultura pela convivência diária com estes adolescentes.

Inicialmente, o convite para a participação voluntária foi feita por email enviados para todos os diretores responsáveis pelos colégios. Os estabelecimentos de ensino foram sugeridos pelo Chefe do Núcleo Regional de Educação de Irati. Com um total de 8 convidados. Sendo quatro diretores e quatro professores. Todos eles além da graduação, tem cursos de pós graduação. Os colégios sugeridos pelo Chefe do Núcleo Regional de Educação foram: Colégio Estadual Gonçalves Junior situado no interior do município de Irati; Colégio Estadual do Campo de Angaí, localizado no interior do município de Fernandes Pinheiro; Colégio Estadual De Faxinal dos Francos, no interior de Rebouças e o Colégio Estadual Nossa Senhora Aparecida este localizado no interior do município de Rio Azul.

Visando evitar constrangimentos e que a presença de um não influenciasse na resposta do outro, as entrevistas foram concedidas separadamente, isto é cada membro da equipe pedagógica conversou em particular com a pesquisadora. As conversas foram gravadas em equipamentos digitais de voz, claro que com ciência e autorização dos entrevistados, e transcritos posteriormente.

Nos contatos prévios para agendar essa conversa, a pesquisadora deixou a critérios dos entrevistados a escolha do local. As entrevistas foram realizadas entre o mês de agosto e

setembro de 2014, foram concedidas em datas, horários e locais escolhidos pelos entrevistados de acordo com a disponibilidade das suas agendas, uma vez que todas as entrevistas foram realizadas dentro do estabelecimento de ensino.

Nos quatro colégios onde se mantiveram as entrevistas com os diretores e professores e se visitaram dependências do estabelecimento, pode-se constatar uma boa estrutura escolar, prédios relativamente amplos e bem cuidados.

### 5.3 ANÁLISE DOS DADOS

A partir das entrevistas foi feita a análise de conteúdo que segundo Bardin (2009) possui duas funções: uma, procura enriquecer a tentativa exploratória, ao aumentar a possibilidade de descobertas, e a outra busca como prova, onde questões e afirmações provisórias serão analisadas sistematicamente para confirmá-las ou negá-las. Essas duas funções podem coexistir de maneira suplementar ou não.

E enfim, poder-se-ia incluir, o uso da triangulação, ou seja, o relacionamento das informações obtidas pelas entrevistas e documentos institucionais, conforme comenta Triviños (1995, p. 138) é uma técnica que tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte do princípio que sustentam os estudiosos da metodologia científica de que se torna quase impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com a macro- realidade social. No momento em que se partiu para este estudo, estes aspectos constitutivos não foram esquecidos, de onde as referências ou comentários históricos e mesmo literários à questão enfocada.

A abordagem qualitativa compreende que o conhecimento não se reduz a apenas análises de dados isolados e conectados por uma teoria explicativa, pois o pesquisador também é sujeito e faz parte do processo de conhecimento, interpretando os fenômenos que ocorre e se manifesta em contextos de relações de oposições, de revelações e de ocultações.

## 6 ANÁLISES E DISCUSSÃO

Nas visitas a escolas rurais, notei, inicialmente, uma certa relutância em responder o professor entrevistado sobre assunto que causa quase receio, de crítica ou de punição funcional: o do trabalho infantil em detrimento da frequência à escola. É como se fosse um tabu. Alguns entrevistados, fingiam desconhecer o problema, dizendo que não havia evasão da sala de aula, mas, aos poucos, os relutantes terminavam por “abrir o jogo”, como comumente se diz. Era quem sabe o receio de vir a ser prejudicado na sua carreira, na sua ascensão profissional e de cair das graças das autoridades municipais. Havia efetivamente evasão, em algumas escolas, mais em umas, enquanto em outras esta evasão podia ser vista como muito reduzida. Fingiam não saber que se tratava de evasão pelo trabalho infantil. Fingiam desconhecer o problema. Ou negavam existir. Na verdade sim, pareceu à entrevistadora que o entrevistado tinha ciência do problema, tem-se a impressão apenas que não desejava envolver-se diretamente na questão-tabu. Não deixa de ser irônico quando se fala tanto de democracia e liberdade esse receio de encarar livremente um fato existente. Comodismo ou medo. Isto porque o assunto é, realmente, delicado. Mas, do meio da entrevista para diante, soltavam-se mais e alguns chegaram a contar até mais do que a entrevistadora esperara.

E foi curiosamente essa espontaneidade das respostas que trouxe também uma surpresa, algo inesperado; a quase unanimidade das respostas contradizendo o abandono da sala de aula por alunos que ajudavam na lavoura, que cuidavam do gado no campo, que ajudavam os pais de uma forma ou de outra, além de a não reprovação por parte dos professores aos alunos que trabalhavam, sendo que eles mesmos haviam trabalhado em sua infância e ajudado seus pais.

Surpresas que deram à pesquisadora uma outra visão da situação na área pesquisada, e mostraram aspectos da questão que nem de longe ela imaginara ao entrar nestes estudos. Havia, por exemplo, uma quase unanimidade de bom acolhimento e respeito pelo trabalho do menor, desde que ele não o prejudicasse nos estudos. Alguns deles se davam como exemplos e afirmavam que haviam trabalhado em meninos e que, nem por isso, haviam deixado de ser “alguma coisa”, ou seja, eram os professores, passados por universidades, aprovados em concursos, que ali estavam diante da pesquisadora, ocupando boas posições na sociedade local e benquistos da comunidade. Era como se dissessem: “Trabalhei em criança e aqui estou a conceder-lhe esta entrevista sobre o menor trabalhador na minha qualidade de professor”. Não era que fosse uma espécie de orgulho, mas sim de íntima satisfação por haverem

realizado algo de bom, para si e para os outros, como a dizer que o trabalho em criança não lhes impedira de serem socialmente úteis e vitoriosos.

Uma das grandes surpresas foi, sem dúvidas, o que enumero aqui em três itens:

1. Esperava condenação peremptória do trabalho do menor e como se lerá das entrevistas, isto não ocorreu;
2. Negam, na maioria dos casos, evasão da sala de aula motivada pelo trabalho no campo, seja no trabalho doméstico, em ajuda aos pais, em casa, seja ao participarem os menores nas chácaras familiares, no trabalho de campo na propriedade de seus pais, ou de outrem;
3. Se todos não defendiam abertamente o trabalho do menor, pelo menos não o atacavam mesmo sabendo que a entrevistadora estava a preparar uma dissertação sobre a questão do trabalho do menor, especialmente voltada para a região do centro-sul do Estado, mormente no município de Irati, Rio Azul, Fernandes Pinheiro e Rebouças. Vê-se, por conseguinte, a poderosa força da tradição familiar da sociedade rural no que tange ao trabalho familiar. Esta tradição, que encontra pleno campo no mundo rural europeu, está bem presente no mundo agrário da região sulina do nosso País, justamente a região que mais recebeu contingentes de trabalhadores rurais, como na fumicultura, na agropecuária, etc.

Então surge uma pergunta: mesmo diretores, professores, pedagogos, de instituições oficiais do ensino, sabendo que há uma acirrada campanha contra o trabalho do menor, algumas altamente corrosivas e violentas, não parecem estar contra o trabalho desse menor, desde que ele não interfira na presença de meninos e meninas nas salas de aulas. Há aí a força do ethos, da conformação da estrutura social local, para a qual o trabalho não deve ser banido da vida dos jovens como desejam as Leis da OIT, ECA, Conaeti, a Constituição Federal de 1988, que pregam a total dedicação do menor às salas de aula.

A primeira escola visitada foi o Colégio do Faxinal dos Francos, no município de Rebouças. O contato primeiro foi com a diretora. Possivelmente pela sua posição administrativa, logo de entrada negou que quaisquer alunos tivessem parte com trabalho do menor:

Diretora:

Então a gente não observa casos nenhum de exploração de trabalho infantil, nós não temos só filhos de fumicultores, temos de pequenos agricultores que trabalham na agricultura familiar, que trabalham para os projetos da Senai, e filhos de fumicultores como temos também filhos de grandes produtores, a nossa clientela a alunos é classes bem variada . Da mais pobre a alunos de classe média alta. E estes que a gente sabe que ajudam os pais em casa, mas eles ajudam assim no contra turno, mas ajudam assim numa forma de cultura

familiar, que os pais cobram que eles têm que aprender a trabalhar e cobram quem ajuda ou não.

Na entrevista, bastante demorada e igualmente franca com a diretora do Colégio do Faxinal dos Francos, malgrado as primeiras tentativas de sair pela tangente, ela terminou por fazer declarações que, novamente, surpreenderam a entrevistadora. Perguntada se “as indústrias de fumo, chegam a apresentar algum projeto [em prol dos trabalhadores do campo], respondeu que sim, que havia vários projetos e que a escola juntamente com outras faziam parte de um projeto chamado “Verde Vida” e que este projeto procurava saber se “os alunos, filhos de fumicultores, estão vindo pra escola, que é uma exigência da empresa, que as crianças estejam matriculadas e frequentando a escola”. E insistindo se havia evasão da sala de aula e se havia exploração de menores no dito “trabalho escravo”, ela foi taxativa que era um equívoco falar-se de evasão apenas dos filhos dos fumicultores, que quando havia era também de outras procedências:

Então a gente não observa casos de exploração de trabalho infantil, nós não temos só filhos de fumicultores. Temos de pequenos agricultores que trabalham na agricultura familiar, que trabalham para os projetos do Senai, e filhos de fumicultores, como temos também filhos de grandes produtores. A nossa clientela de alunos é de classes bem variadas..... E estes que a gente sabe que ajudam assim no contra turno, mas ajudam assim, numa forma de cultura familiar, que os pais cobram que eles têm que aprender a trabalhar e cobram uma certa ajuda tanto dos meninos quanto das meninas que a gente nem sabe quem ajuda ou não. Mas casos de exploração do trabalho não temos, como você [a entrevistadora] nas tuas questões, com sinais de cansaço, ou de evasão da sala de aula por causa do trabalho, que evadiram da escola por não dar conta mais. Nossos alunos quase não faltam. É caso de abandono, de evasão não por causa de trabalho, também acredito por ter não uma cobrança em casa, né, pais que não valorizam mesmo os estudos.

Na mesma escola, outro professor entrevistado, na Entrevista no. II, é mais taxativo quanto ao trabalho infantil. De início lembra que há proibição expressa quanto ao trabalho do menor, mas defende por portas travessas esse trabalho no campo, dizendo verdades candentes, como a defesa do campo dizendo que se todos querem ser médicos, dentistas, “e se a gente não tem eles no campo, o Brasil acaba. Porque é o campo que constrói o Brasil”. É contrário “à escravidão do trabalho infantil, mas não custa nada o cumprir dever de casa, de você ir lá alimentar o animal, ou ajudar o pai numa coisinha leve”. Mesmo a diretora, em meio à conversação, achava que não fazia mal ajudar os pais. Achavam todos que havia exagero por parte dos legisladores e que o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)

é exagerado. Os dois entrevistados do Faxinal dos Francos, passados por Universidade e com bons anos de experiência no ensino. Condenam o trabalho infantil que venha por acaso prejudicar o estudo, mas aceitam que os menores devam estar ocupados, que aprendam como “se virar” na vida, através de trabalho com os pais, em casa, ajudando no cuidado dos animais, etc. Vale a pena ler-se o que responde o professor na Entrevista II, o mesmo que defendeu o lema de que “é o campo que constrói o Brasil”:

E como nós estamos numa encurralada na educação ultimamente, até o ECA, o Estatuto, estar vindo pra ver, eles só vêem o direito deles, mas não vêem o que é direito. E o trabalho infantil está vinculado a isto. Eles vêem que não precisam trabalhar, aí aqueles que são mais conscientes, que o pai tem uma vivência [no campo], uma questão familiar, que são trabalhadores por natureza, eles ajudam o pai. Mesmo sabendo que eles não podem trabalhar [por lei] e que a lei ampara eles. Porque não é todo o mundo que vai lá e ajuda, pra aprender este ofício. Tem gente que quer dizer: “assim não vou trabalhar porque é proibido”. Então se utilizam disto [para não ajudar os pais]. É como eu digo, o ECA, o ECA é uma coisa ultrapassada em termos de escola, o ECA tem mais de dez anos, se não tiver uma reformulação imediata, vai acontecer um ataque aos professores, aos pais, uma desestruturação familiar, porque o jovem tá podendo tudo hoje.

O mesmo professor apresenta uma visão por sinal muito franca da questão e não se prende ao que dizem noticiários e legislação em proteção da criança e adolescente. Surpreendeu a pesquisadora que lhe fez perguntas bastante delicadas. Ele viu a situação sem romantismo nem floreios, mas do ponto de vista social, da situação familiar, da pobreza local, da falta de assistências das administrações locais e do Governo para com os agricultores. Foi possivelmente a mais franca de quantas entrevistas a pesquisadora manteve, inclusive quando perguntou se havia evasão da sala de aula por causa da indústria fumageira na região. Respondeu:

Olha, que eu saiba do nosso relato não há, principalmente em nosso colégio, não há questão de evasão. Mas quando vai ficando mais velho, o aluno vai-se aproximando cada vez mais do trabalho. Se o aluno tem dificuldade na escola, ele procura o trabalho. Evasão acontece, mas é questão de preguiça. Os menores são encaminhados pro Conselho Tutelar.....Eu tenho alunos aqui, eles treinam à tarde comigo, daí eu termino às quatro horas o treino, daí eles vão dar pra comer os bichos..... Agora ele já vai com a ideia de se fazer técnico agrícola, então é esta vertente de ele se aperfeiçoar para voltar pro campo.



Perguntado se este trabalho diário não trazia deficiência no aprendizado e prejudicava o menino, respondeu de imediato que não à pergunta se “estes alunos que estudam no turno da manhã, no contra turno ajudam os pais na fumicultura ou em qualquer outra agricultura, não têm nenhuma deficiência de aprendizagem com relação aos demais”, foi conclusivo:

Não, eu acho assim, que trabalhar não dá deficiência, trabalhar não cria deficiência, na verdade, só dignifica a pessoa, faz com que a pessoa seja mais forte, na forma de vencer os obstáculos, não tem mal algum, apesar de eu voltar a citar, aprendizes não no pesado, mas aprendendo o ofício aos poucos.

Admitia que o fumo e seu cultivo é que permitiam às famílias pobres da região sobreviverem em meio à grande pobreza reinante. O contato com a fumicultura era a única oportunidade de essa gente em extrema pobreza vir a possuir alguma coisa:

A visão deles ainda é meio fechada naquela questão da periculosidade da cultura do fumo, nós os alunos vamos receber o dinheiro deste fumo, daí vamos comprar um carro, melhorar, comprar uma roupa nova, então eles têm esta visão fechada da questão. Eles não fazem uma avaliação ampla que nem a gente tem a capacidade de fazer, se o fumo é bom, se o fumo não é bom e se até nós vamos fazer uma avaliação. Eu sou contra o fumante, eu acho que se tem de preservar a saúde, mas por outro lado você está vendo que a subsistência deles está dependendo deste ramo, então se este ramo está possibilitando melhorias pra nossa região, nós não podemos deixar você ser contra, fuma quem quer e a indústria fumageira se faz na região porque não é apresentada uma nova cultura, vamos fazer hortaliças, e esta dá bem menos, e não tem aquele seguro como as indústrias de fumo dá. O cuidado do fumo é trabalhoso, mas é até menos que uma outra cultura. Enquanto não entrarem culturas novas, a questão do fumo é ainda uma questão que traz desenvolvimento pra região. Quando acabar, se acaba um dia esta questão das indústrias fumageiras, se não tiver uma nova cultura pra este povo, vai ser a miséria total.

Este apontamento feito pelo professor da visão da criança e do adolescente, na vontade de ganhar seu próprio dinheiro, é considerado mais um motivo pelo qual muitos destes menores ingressam mais cedo no mercado de trabalho. Conforme destaca Palmeira Sobrinho (2010) as necessidades de consumo que o capitalismo desperta, principalmente com a utilização da mídia e das novas tecnologias, acabam exercendo uma forte pressão descomunal nos jovens, os quais se vêem obrigados a venderem cada vez mais precocemente sua força de

trabalho para que assim se sintam incluídos nas relações de consumo. Porém também não podemos deixar de considerar a questão cultural da comunidade.

A entrevistadora, então, tocou no ponto mais delicado, na denúncia do trabalho escravo, no trabalho infantil que ameaçava saúde e causava forte evasão da sala de aula.

Aqui, em Rebouças, também teve denúncias no Riozinho de Baixo, mas daí era questão de que a criançada não estava indo pra escola, pegando no pesado, até foi um amigo meu quem fez a denúncia, e se elegeu vereador depois, por causa disto. Ajudou isto pra ele também. Na verdade é porque é uma lei. Você não vai pôr um filho teu no arado precocemente, tem que ter a fase do aprendizado. Espero ter contribuído, porque é uma visão meio diferente a minha, defendendo que tem que ter a presença das indústrias fumageiras enquanto não tiver opção de cultura outra espécie de trabalho para a região.

Como podemos observar neste depoimento do professor, realmente estava ocorrendo a evasão da sala de aula, por motivos de trabalho de crianças e adolescentes, e conseqüentemente prejudicando sua formação educacional e desenvolvimento físico. Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT,2001), o trabalho infantil se caracteriza pela condição de exploração e prejuízo à saúde e ao desenvolvimento da criança ou adolescente que realiza a atividade, bem como o impedimento ou o comprometimento do exercício do direito à educação e ao brincar e considerado crime.

Entrevista realizada no Colégio Estadual Nossa Senhora Aparecida localizada no município de Rio Azul.

A professora I chegou a falar sobre sua visão sobre o trabalho infantil na fumicultura como necessário e argumentou:

vivemos numa sociedade hipócrita, leis idiotas e hipócritas ta, o ECA foi mal interpretado, como que vou educar o meu filho, então eu preciso ficar em casa trabalhando, eu preciso ir para a roça trabalha, meu filho vai fica em casa? Fazendo o que? Não é assim que se dá a nossa educação, nós vamos copiando é a partir destas feições de copias, assim como falava é o Piaget, e outros teóricos da linguagem né, que a gente é tudo por repetição por cópia de gente, transfere né pros outros, e recebe também. A criança quando vê o pai e a mãe trabalhando ele também que trabalha, nós não brincávamos destes pequenos de casinha, de boneca, a gente não queria aprende cuida de casa, a gente queria aprende cuida de filho, heim? Eu acho necessário, é nocivo, mas o que eles vão faze? É a subsistência deles. Eu não, em hipótese alguma você vai deixar o teu filho, daí depois

dos dezesseis anos ele vai trabalhar? Ele não vai quere trabalhar, ele vai ser um vagabundo, uma pessoa mercê do tempo, e dá vida, a criança tem que trabalhar sim, claro não expor né ,tem a nós tudo tem que usar mascará, é desconfortável é, mas é um direito de usa, e eu discordo que o fumo mata, muita coisa mata, muita coisa mata né, então eu acho que se a família é fumicultura, existem pequenos trabalho que o filho pode ajudar ali, ele vai ajuda, para dá valor a existência, para ele dar valor ao sustento, a entrada de dinheiro na família, considero necessário.

Como se pode observar na fala da professora, vem a ser totalmente contra o que diz respeito a defesa da criança e adolescente, ao ECA que apresenta restrições normativas ao trabalho infanto-juvenil conforme consta no art. 60 que é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

No entanto, podemos incluir a visão da professora, no sistema de valores e tradições da nossa sociedade, e que os padrões culturais e comportamentais estabelecidos nas classes populares levam à construção de uma visão positiva em relação ao trabalho de crianças e adolescentes. O trabalho precoce é valorizado como um espaço de socialização, onde as crianças estariam protegidos do ócio, da permanência nas ruas e da marginalidade. As palavras da professora vão também ao que consta em BRASIL (2007), que a questão cultural tem origem na cultura escravocrata brasileira, de que trabalhar contribuiria para a formação do caráter. Para muitos pais, o trabalho infantil não é um meio de subsistência familiar, mas sim uma importante fonte de aprendizagem. Além disso, não se pode deixar de considerar o orgulho dos pais, em algumas situações, como quando transmitem o próprio ofício ao filho.

Quando se perguntou a professora sobre o rendimento escolar destes alunos que trabalham na fumicultura ser inferior aos demais alunos que não tem contato com o trabalho a resposta foi não.

Não, muito pelo contrário, eles tem uma ideia formada que vão trabalhar no fumo (...), por que o que nois estamos preparando é futuro. E o futuro o que nós queremos do futuro, pessoas que só saibam lidar com papel, nós só queremos foram um futuro de doutores? E as outras profissões? Tá na hora de cair esta hierarquia, de vangloria as pessoas que tem maior poder aquisitivo, não, muito pelo contrário, todas as profissões são interessantes, são necessárias, são uteis todas elas.

Nesta mesma pergunta o professor II argumentou que:

aqui teve um tempo que a gente percebeu que a super valorização das outras profissões é, fazia com que estas crianças viesse, e acabava desvalorizando a profissão da família, tinha-se aquela mentalidade de que precisa estudar para ser alguém na vida, e este estuda para ser alguém na vida, eles queriam dizer que só ia ser aquele bem sucedido aquele que tivessem uma profissão, que não fosse, lembro de um professor que foi até meio infeliz numa colocação que ele fez, porque senão estudasse seria como o pai dele que estava trabalhando lá na roça. Isto é uma colocação, e cadê a valorização do agricultor, agora a gente vê que tá a valorização para ele aprende, não para ele aprende e ir lá para fora, lá achar uma outra profissão, mas ele aprender na escola, aplicar na lá lavoura junto com a família aquilo que ele aprendeu na escola.

Numa outra passagem da entrevista com a professora I ela salienta que:

É o que devemos trabalhar em questão de educação, eles precisam vir para a escola sim, eles precisam melhorar o rendimento escolar deles sim, para que lês tenham condições de vive e combate o pior dos preconceitos, não vivemos um preconceito racial aqui que é tão enaltecido, o preconceito sexual etc. Aqui o que eles mais sofrem, o que mais doe pra eles, é o preconceito social, o considerado o Jeca Tatu , eles não são não, é isto que a gente procura passar pra eles, que eles morar no interior, Mas que eles podem ter uma excelente moralidade, vocês podem ler e escrever muito bem, e que eles apliquem todos estes conhecimentos lá. Lá na sociedade. Lá eles mostrem que eu não sou um qualquer, sou uma pessoa letrada. Já que vivemos num mundo de letramento.

Ambos os professores I e II apontaram uma realidade, da escola valoriza e ter como finalidade promover o desenvolvimento sócio cultural, respeitando as diferenças históricas, promovendo uma educação que contribua para a permanência e a reprodução do homem no campo e a melhoria de sua qualidade de vida.

A professora I, chegou a dizer que de tantas leis para dirigir a vida e o pensamento dos meninos e adolescentes, termina por força-los a atitudes que lhes desagradam, pois nem todos têm vontade de prosseguir nos estudos, enquanto o professor II, acrescentou: “São tantos estes direitos em levar o aluno a frequentar as escolas e não as abandonar e terminam acabando é o direito deles de escolha”, ao que a professora I , completou:

Sim, daí eles vem para a escola, mas eles vem revoltados e não se vê a hora de completar os dezoito anos para se livrarem da escola e aí você pode dançar, bordar, etc. Você pode utilizar novas metodologias, motivação, estas coisas lindas que os contos de fadas contam, o professor sonhador, etc. não vai ajudar na mentalidade dele o aluno

que não quer ir à aula, é do caráter, é da personalidade o que ele quer ser. Lidamos com humanos, não com robôs, é impossível programar um ser humano para aprender, condicionar ele a obedecer, condicioná-lo a aprender matemática, português, etc., etc., são fatores humanos.

E mais, o professor II admite que o trabalho no fumo é pesado, que cansa o aluno, que muitas vezes se sente desmotivado para as aulas seguidas. Por outro lado assentiu que as empresas de fumo vistoriam a vinda do aluno para as escolas, preocupam-se com a sua permanência e frequência. Quando o trabalho aperta, eles os alunos preferem a escola mais do que o trabalho no fumo.

Galli (2001), destaca que o trabalho infantil é heterogêneo: o tamanho do impacto negativo do trabalho precoce no futuro da criança depende de como aquele trabalho afeta no progresso e desempenho escolar. Trabalhos em período integral provocam os piores impactos no desempenho e evolução escolar, no entanto a autora conclui também que atividades desenvolvidas em tempo parcial, especialmente aquelas que demandam muito esforço físico, podem também prejudicar o processo educativo, pois a criança / adolescente estarão cansados para participar adequadamente das atividades escolares ou para estudar em casa. Neste caso, não se faz distinção entre ser ou não ser atividade de risco ou trabalho remunerado, porque sem exceção eles competem com a educação formal da criança/ adolescente.

Ao questionar sobre a saúde destes alunos que trabalham juntamente com seus familiares na lavoura do fumo obtivemos a seguinte resposta do professor II:

Aqui temos aula a noite e tem alunos com mais de dezoito anos e eles ajudam na época da colheita, daí eles trabalham e chegam aqui daí eles não se alimentam para sair porque pelo horário e muitos já falam que não conseguem comer a noite, fazer a refeição, a janta, eles não conseguem, porque devido ao cheiro que fica, mesmo tomando banho, fica.

A OIT (2008) destaca que análises têm demonstrado que o trabalho de crianças e adolescentes na cultura do fumo os expõe à contaminação devido ao manuseio e contato com produtos agrotóxicos até mesmo na própria planta acarretando problemas bem sérios como doenças respiratórias, câncer de pele, envelhecimento precoce e tantos outros transtornos. O contato com esta cultura fumageira traz efeitos não somente para a saúde física, mas também para a saúde psicológica e para o desenvolvimento educacional dos menores. Não esqueçamos

que é um trabalho duro e de muita exposição às intempéries São os efeitos negativos e visíveis desse tipo de trabalho.

Estas consequências apontadas pela OIT (2008), também pode ter influência na revolta dos alunos apontados pela professora sobre a escola, da obrigação de estudar, pelas dificuldades que encontram na aprendizagem, o cansaço físico etc... . Tudo são possibilidades que não podem ser descartadas.

Estas entrevistas mostraram aspectos conflitantes acerca do posicionamento de professora e professor entrevistados e perguntados sobre a má influência da indústria do fumo nessa microrregião estudada. Alguns entrevistados chegaram mesmo a defender a posição das fumageiras, como sendo fatores de progresso e bem estar econômico para o lugar e nada ter, diretamente, contra a evasão de alunos das salas de aulas. Havia hesitações em uns entrevistados, mas quase todos eles evitaram críticas fortes ao procedimento das fumageiras, porquanto era, segundo eles, fator de progresso.

Entrevista realizada no Colégio Estadual de Gonçalves Júnior localizado no município de Irati Paraná.

De início ao perguntar a professora sobre o conhecimento do trabalho infantil dos alunos no contra turno nas lavouras de fumo, a resposta foi positiva, que realmente haviam o conhecimento que os estudantes do ensino médio trabalhavam nas lavouras, principalmente os alunos que estudam no período noturno, que tudo indica passam a maior parte trabalhando. Mesmo sendo alunos do ensino médio, estes alunos são menores, pois não tem idade maior que 18 anos. Enquanto os alunos do ensino fundamental do período matutino, alguns ficam no contra turno no PETI, mas alguns ficam em casa trabalhos domésticos. Porém todos apresentam um bom rendimento escolar, uns com mais facilidades e outros apresentam algumas dificuldades.

Ao perguntar a professora se em anos anteriores em que as leis não eram tão rigorosas em relação ao trabalho do menor, se os alunos iam trabalhar no cultivo do fumo. A resposta se relacionou novamente com respostas anteriores dadas por outros professores de outros colégios a questões culturais e da criança conviver mais tempo com os pais, o que se pode observar na resposta da professora foi que o programa do PETI não é bem visto, pois tira o aluno da convivência com os pais, uma vez que não podemos nos esquecer que o interior tudo é longe e de difícil acesso, em que muitas vezes os alunos passam duas ou mais horas dentro de um ônibus para chegar ao destino.

(...) o PETI já existe alguns anos aqui na escola e os pais assim no interior, eu lembro quando eu era criança eu ia pra roça, e se eu ia eu ia pra ficar junto dos meus pais e não pra trabalha, nós ia e ficava brincando na carroça, ou no mato ali pertinho, nós ficava sobre os olhos dos pais nos ia pra roça, mas não pra trabalha, e a gente vê que muitas famílias ainda seguem isto até hoje, eles levem os filhos pra cuida, mas não isto é muito bom a convivência com a família, de repente o aluno fica oito hora na escola, então ele sai de madrugada de casa os pais, ele pouco vai ter um convívio com a família, a questão cultural, as tradições vão sendo esquecida, e a criança que tem convívio ali vinte e quatro horas, ou tem um tempo maior com a família que só vem pra escola durante um período, ela vai ter muito mais conhecimento das suas raízes vai ter amor naquilo que os pais fazem, então eu vejo que as crianças que vão pra roça não vão pra trabalha, eles vão pra acompanha os pais e pra fica sobre a guarda dos pais.

Ao perguntar se o PETI é uma forma de evitar o trabalho infantil destes alunos, a resposta foi novamente negativa ao programa ofertado pelo governo, embora ele se desenvolvido por alunas que estão estudando no magistério, sendo professoras contratadas.

Que eles fiquem em casa, só que no meu ver no meu entendimento falta muita estrutura pra esta criança ficar o dia todo. Assim do jeito que tá não está bom. (...)

Não, eu acho que deveria mudar muito, muito, mas infelizmente...

Ao perguntar em que sentido deveria mudar o programa.

A questão da criança ter mais condições que ela fica numa escola integral que ela deveria ter mais materiais, não estes materiais consumíveis cartolina que se faz cartazes, que aqui a dois dias eles jogam fora e não é nem aproveitado aquilo, mas uma coisa que ele produz que ele aprenda um trabalho manual, que ele aprenda.

Ao questionar a resposta se era numa forma de aluno aprendiz.

Isto, que enquanto ele está ali ele aprenda como plantar um pé de árvore de fruta, de como cuidar, e de vai dar desta fruta quais as vantagens de ter um pé de árvore frutífera no teu terreno. Ter durante este período que ele fica a mais na escola ele ter uma palestra sobre a agricultura, os venenos, não é para ele ficar jogado, como a gente vê, como na maioria é assim, ele fica por ficar pra não ir embora, mas não há um acompanhamento, não sei eu não percebo, eu não vejo, talvez eu esteja errada porque eu fico em minha sala e não vejo, mas não tem um trabalho mais aprofundado sobre estas coisas.

Na última pergunta feita a professora ainda sobre a questão do PETI sobre quantos alunos frequentavam o programa a resposta foi assustadora para um programa que quer o bem estar da criança e do adolescente.

O PETI quem responde é a diretora do município, ela que cuida desta parte. Eu trabalho no município e sou professora do jardim três, então a gente vê, muito aquém do que, eu acho que são projetos excelentes do governo federal vai chegando vai chegando aonde deveria acontecer é morto, no Brasil muita coisa é assim. A ideia é boa a questão deles ficarem na escola, mas quando você chega lá, lá onde deveria a criança, a criança, ela não sabe o que está fazendo. O por que, desorientada, e sem estrutura, a infraestrutura eles estão como nosso PETI hoje está ali no clube, um lugar bem complicado porque é feito baile gente que aglomera lá, não tem baile com frequência, mas já aconteceu de ter baile no sábado e a criança estar lá na segunda, a higiene não é adequada os banheiros, então eu como professora que vejo, infelizmente não posso contar isto porque senão sei que vou ser punida por isto, mas é bem um caos, então a questão assim é bem complicada.

Conforme consta no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), para que o município participe é necessário que existam casos de trabalho infantil. Esse levantamento é feito pelos estados e municípios, por meio de seus órgãos gestores de assistência social

O (PETI) é um programa criado pelo Governo Federal, é uma iniciativa que visa proteger crianças e adolescentes, menores de 16 anos, contra qualquer forma de trabalho, garantindo que frequentem a escola e atividades socioeducativas. Seu objetivo principal é erradicar todas as formas de trabalho infantil no país, em um processo de resgate da cidadania e inclusão social de seus beneficiários.

Conforme o depoimento da professora, e o que consta no programa desenvolvido pelo governo, o distrito de Gonçalves Júnior apresenta casos de trabalho infantil. Porém o programa está longe de apresentar atividades socioeducativas, começando pelo ambiente onde estas atividades são desenvolvidas.

Numa outra coleta de informações, esta referente ao calendário escolar a professora respondeu:

o calendário, é feito assim, Irati como um todo é um local que atende alunos que estão no interior, então o calendário é feito em conjunto com todos os diretores e existe a possibilidade sim se for o caso, mas como os nossos alunos não trabalham no fumo é um trabalho proibido e os pais estão conscientes disto hoje, então não tem como a



gente fazer um calendário mais específico ainda, então ele é bem dividido assim já é tradicional eu acho que todas as escolas de Irati seguem um calendário só, e isto é bom porque tem alunos que mudam de lugar, se eles estão aqui e mudam pra outra escola, então eles tem uma consequência, então o calendário atende assim a questão, assim o mês em que os pais trabalham mais na lavoura que de repente fica mais difícil de mandar o aluno pra escola, é dezembro e janeiro e fevereiro e estes meses são os meses de férias dezembro e janeiro, então o calendário já é pensado, o mês de junho também, então já é pensado nestes dias, no meu ver é um calendário que esta bem ajustado,, esta bem coerente com a realidade nossa aqui sabe do interior, assim não tem o que mudar mais por que a realidade, o fumo é uma cultura que exige o ano todo, os pais estão envolvidos, começam a lidar com as sementes com os canteiros, então se for pensar não tem, mas o que apura mesmo é no final do ano onde os pais tem que ficar, amanhece na estufa e encaminhar o filho fica mais difícil e é o período de férias da escola.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996, no capítulo II, seção artigo 28 (LDB) quando disciplina a respeito do ensino de 1º e 2º o atual ensino fundamental e ensino médio, na zona rural define a organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Conforme o depoimento coletado, crianças e adolescentes possivelmente se dedicam ao trabalho de colheita e de plantio de fumo durante as férias escolares. Nesse caso, a flexibilização do calendário escolar pelo ritmo do trabalho atua favoravelmente à exploração do trabalho infantil pela indústria do tabaco.

Uma observação feita pela pesquisadora é que o Brasil é o país da Leis, no entanto as Leis se contradizem, como por exemplo se formos comparar o que dizem as Leis da LDB e ao PETI, ambas implantadas pelo governo federal.

A primeira diz que o calendário é preciso estar organizado conforme as fases do ciclo agrícola que no nosso entender relacionado as épocas de plantios e colheitas da lavouras, que são especificamente os meses de junho, julho, dezembro e janeiro, normalmente período de férias do alunos. O programa do PETI também criado pelo Governo Federal é uma iniciativa que visa proteger crianças e adolescentes, menores de 16 anos, contra qualquer forma de trabalho. O que se pode concluir que o ensino no meio rural ainda não é visto com bons olhos pelo governo, porque senão jamais ia implantar uma lei como consta na LDB. Uma Lei que é prol ao trabalho do menor nas lavouras em qualquer que venha a ser o cultivo.

Na entrevista realizada com a diretora do mesmo Colégio em Gonçalves Júnior, perguntada se ela tinha conhecimento do trabalho infantil na fumicultura, ela respondeu:

Acho que posso ser bem objetiva nesta resposta: eu acredito que a visão das famílias hoje está bem esclarecida, bem disseminada a ideia de que a criança deve estar na escola e estudar, e o trabalho na fumicultura fica mais reservado para os adultos. Então a gente tem todo o trabalho de anos de conscientização, de incentivo na escola. E do meu conhecimento dos alunos, eles têm frequência nas aulas e o trabalho na lavoura é reservado aos adultos.

A diretora do Colégio Gonçalves Junior, considera que um dos meios mais efetivos de manter o aluno nas salas de aula e não haver evasão ou o abandono em prol do trabalho no fumo, seria “um pequena ideia a escola em tempo integral”, como existe em outros lugares. E frisou, fazendo suas palavras de muitos pais, de que “o lugar da criança é na escola”. E explica então:

A visão que os pais demonstram e a gente percebe (eu também tenho irmãos que também têm a questão de filhos pequenos e que trabalham com agricultura a fumicultura) e todos eles fazem todo um esforço até maior de suas possibilidades para manter a criança na escola, fazem questão de que estudem. Pelo que conheço desses pais, eles valorizam a escola e querem que os filhos estudem e aquela preocupação de dar o melhor. Pai que ama, sabe o que é a escola e que é melhor pro filho.

Quanto ao problema da evasão, atribui a desinteresse pelos estudos, mudança de escola quando o aluno vinha de outra, em outra localidade, problemas familiares ou, quanto às meninas por motivo de casamento precoce. Em geral, o aluno que abandonava a escola, é porque

...tem um problema social da família, ou casos de reprovação, então ele está com uma idade em que deveria estar no ensino médio e ainda está no ensino fundamental. E outro caso de evasão é a de um menino que veio transferido de Irati e tem toda uma história de vida traumática, sem pai, sem mãe, e agora abandonou a sala de aula e foi morar com o irmão.....uma situação que extrapola os muros da escola, uma situação familiar bem complicada.

A Diretora deixou claro também que, o trabalho infantil é abordado de uma forma interdisciplinar, que cada disciplina em determinado momento se faz a abordagem do tema trabalho infantil, fazendo este assunto parte das discussões e dentro das propostas pedagógicas do Colégio.

Com relação ao programa do PETI, a diretora relatou que:

(...) inclusive alunos meus daqui do colégio estão matriculados na sala de recursos e também no PETI, então no momento que eles estão na sala de recurso, porque trabalham direcionados as dificuldades apresentadas pelos alunos, a hora que eles não estão na sala de recurso, eles já estão envolvidos com as atividades do PETI, então seria assim uma pequena mostra, uma pequena ideia de o que seria a escola em tempo integral. Então este projeto que a gente oferece uma vez por semana no período da tarde ele já está voltado com a ideia de escola em tempo integral e a gente só não fez não aderiu esta questão do aluno com mais atividades com mais tempo na escola com período integral devida da dualidade administrativa, tanto a escola municipal, quanto o colégio que funcionam no mesmo espaço a gente está deixando de aderir nossos programas do governo federal que estão incentivando a questão do tempo integral devido a questão do espaço. E na medida hoje há uma grande expectativa em relação na construção da nova escola municipal aqui no distrito daí a escola municipal terá espaço para que ela também faça adesão a estes programas e começa.

O que podemos concluir é que o programa PETI só funciona uma vez por semana, o que concluí é que a criança e o adolescentes estão sujeitos a trabalhar nos demais dias da semana na lavoura do fumo, uma vez que o cultivo do tabaco é a renda familiar e o desenvolvimento econômico do local.

Nas entrevistas realizadas no Colégio Estadual do Campo de Angaí localizada no município de Fernandes Pinheiro do estado do Paraná.

Na questão sobre se o colégio apresenta problemas com evasão escolar de alunos, a resposta foi bem assustadora e bem preocupante a relação da evasão escolar. Podemos dizer que é o colégio que mais apresentou problemas de evasão de alunos da escola.

Diretora: do ensino fundamental até tranquilo, agora do ensino médio falando hoje de manhã a respeito, assistindo uma reportagem ontem pelo Fantástico de cada dez alunos três, concluem o ensino médio, fiquei assustada com esta notícia e aqui no ano passado tivemos o primeiro ano do ensino médio e este ano segundo e terceiro. Então é começo, e assim mesmo a gente está tendo assim, a gente

anda meio assustado por que do início do ano até agora mais ou menos uns dez alunos né Marli, que param de vir este ano.

Professora: Foi é que completaram dezoito anos e já o conselho tutelar não tem ação sobre eles, meninas que casaram e que entendem que depois que se casa não precisa mais vir pra escola, e assim por trabalho mesmo dois ou três, bem pouco.

Diretora: Mas primeiro eles tem dezoito anos, dai a lei não obriga mais e optam por sair pra trabalhar. Então a evasão se dá neste sentido. Em questão de trabalho assim deles acharem que, e precisam trabalhar mesmo, estas crianças que ficaram defasadas que reprovavam e chegam ainda aos dezoito anos e estão no ensino médio, eles não se sentem muito à vontade sabe, embora temos o Eja a noite que vem, só que o Eja é só com dezoito anos e este ano tivemos bastante problemas porque eles readequaram o sistema do Eja e abriram pra fazer matriculas quatro etapas no ano só. Mas como não temos uma demanda muito grande de alunos muitos alunos que evadiram voltaram pra fazer cadastro no Eja. Só que eles só vão conseguir disciplinas ano que vem. Porque dai a gente inicia o ano com uma disciplina e as vezes esta disciplina vai até no final do ano. Então na metade do ano ele não consegue ser inserido no Colégio. Pro ano que vêm a gente vai montar um calendário específico do Eja. Que contém abertura de disciplinas durante o ano.

Ao questionar sobre o rendimento escolar das crianças que trabalham obtivemos respostas positivas diferentemente dos alunos que se enquadram nas Leis que defendem que o lugar e o dever da criança e do adolescente é estudar, apresentando um rendimento inferior aos que trabalham.

Diretora: Eu acredito, eles são responsáveis, eles acabam tendo um termo de responsabilidade maior, a responsabilidade que eles vem aprendendo é algo nítido, eles tem compromisso com as coisas, com as entregas dos trabalhos.

Professora: Agora aquelas crianças que a tarde fica na internet, fica passeando pela rua, que não pode trabalha ajuda, é aquela criança que não tem compromisso com a entrega de trabalho, aquela criança de baixo rendimento, responadona, é bem assim nós temos uma divisão bem clara.

Diretora: Por isto eu falo que isto a gente vem percebendo isto gradativamente. E isto tá aumentando, porque se fala muito nesta ideia que a criança não pode trabalha, mas o que a criança não pode trabalha é aquele trabalho escravo que a criança deixa de ir para aula ou a criança não é alimentada ou criança é penalizada nas tarefas este sim é um trabalho que a gente condena também, mas este trabalho que a gente vê que ele cresce que ele ajuda a desenvolve muitas vezes, dali parte por ele toma gosto pela própria propriedade dele investi, faz um curso mais tarde pra traze inovação pra propriedade, então este a gente tem que incentivar sempre, porque

não adianta nada a gente fica falando que planta isto não é bom, e não abri também opção pra estas crianças perceberem que podem crescer ali mesmo, e tenta ajuda os pais, melhora a propriedade de diversifica, porque vamos induzi esta criança pra ir pra cidade, achar um emprego no mercado, de caixa no mercado, e ficar o resto da vida fica trabalhando ali e ganhando um salário mínimo, e comendo um salário e meio. Então quando a gente tem as reuniões com os pais, a gente sempre está valorizando as famílias. Eu particularmente acho que o trabalho no campo é difícil, mais difícil fisicamente, mas psicologicamente as pessoas faz bem pras pessoas.

Professora: Conhecemos pessoa que deixam o ensino médio que deixam o campo e vão pra cidade, dia vão viver num lugar pequeno, uma vida difícil, num stress da cidade, que não enxergaram isto que tinham aqui, que tem possibilidades por aqui mesmo.

Diretora: Como esta última menina que tínhamos aqui que estudava no Eja e que foi pra cidade, os filhos são em bastante em casa, daí tem os meninos e daí pra ela menina ir para Irati ganhar um salário mínimo é melhor do que ficar ajudando na roça, só que daí ela já era Eja. Eu penso que logo, logo ela vai começa a pensa, mora num quartinho, sozinha, sabe tem algumas coisas que eles acabam penso e logo voltam.

Ambas as entrevistadas também fizeram apontamentos positivos em relação dos alunos trabalharem, pois consideram o trabalho uma forma de transmissão de cultura familiar.

Diretora: tem por exemplo outras atividades como a colheita de batata, onde os alunos também participam os maiores, os do ensino médio, eles participam também, então tem várias outras atividades em épocas de agricultura que eles participam e que a gente até considera até valoroso para eles, eles criam assim um senso de responsabilidade de ter que trabalhar, ajudar, porque afinal de contas o mundo deles é este o campo, porque se eles não aprenderem a gostar a toma gosto neste setor, não tem nenhum sentido.

Ao questionar se o colégio apresenta um calendário escolar diferenciado ao que é sugerido pela LDB, para que assim possam abolir que ocorra o trabalho de menores em lavouras de fumo, batata etc. Na resposta foi bem explicativa e coerente com a realidade educacional brasileira.

Diretora: calendário diferenciado a gente até fala sempre que na hora das propagandas, uma fantasia de fazer um calendário, o calendário diferenciado, acompanha os agravantes: por exemplo os professor daqui, concursados nós temos cinco professores, os restantes são todos pss, pegam um pouquinho aula aqui, outro ali. Então se fizéssemos um calendário diferenciado, já nem iria conseguir professor, porque este professor iria ter férias agora aqui, e

depois terá que trabalhar em outra escola e ele não iria ter férias. O transporte escolar, já precisamos andar em dualidade com o município, mais ou menos os calendários iguais do município, porque o mesmo ônibus que devolvem os nossos na hora do almoço, trás os pequenininhos pra a tarde, então existe uma situação elevada: ela é muito bonita, existe a lei, mas quando chega no finalmente, esbarra em muitas dificuldades, a não ser que fosse uma escola totalmente independente com seus professores concursados, efetivos. Professora; Por se fosse lá no campo, se fosse lá mesmo, ela e do campo, mas não está no campo, e mesmo assim, por exemplo vi que tudo é a mesma situação em questão de professores, os professores não conseguem pegar aula só numa escola pra suprir toda a carga horária dele. Ia dar bastantes problemas, já ia entrar nas lei trabalhistas.

Das entrevistas feitas nestes colégios com diretores, pedagogos e professores ao perguntar sobre o trabalho de aluno na condição de aprendiz como consta nas Lei da OIT; todos respondem que o governo somente disponibiliza são as atividades complementares, que são quase todas voltadas ao esporte, exceto no Colégio de Angaí que tem o teatro incluído como atividade complementar.

Da análise das entrevistas, tem-se uma visão bastante diferente da que se trazia de fora, após ler denúncias em jornais e na televisão acerca do trabalho escravo do menor. A pesquisadora entrou nas averiguações com as entrevistas sem qualquer posição pré-concebida. Teve surpresas, algumas bem gritantes, como ficou dito anteriormente, mas teve as boas, também. Como quando se deu conta da sinceridade com que diretores e professores falavam da situação da sua escola, do problema dos alunos que trabalhavam ou ajudavam seus pais na lavoura, como preferem dizer, assim como as seduções, vantagens desvantagens que a fumicultura apresenta aos agricultores, seus filhos, para a sociedade local e para a escola. Notou, ainda, a pesquisadora que nas declarações de alguns professores, os mais ousados e francos, que havia uma estranha e conflituosa relação amor-ódio quando falavam abertamente sobre a indústria do fumo, a sociedade local, os seus moradores e a escola. Para que se possa tirar uma melhor conclusão do assunto, todas essas entrevistas acham-se apensadas no fim da dissertação, por ordem cronológica, mantendo-se nessas reproduções todo o tom coloquial e a fala corrida, sem que nada fosse corrigido, para que não perdessem a autenticidade e naturalidade. A pesquisadora teve sempre em mente os ensinamentos de Umberto Eco no seu livro sobre Como se faz uma Tese. Há um desafio constante, inclusive nessas surpresas, nas declarações e informações jamais esperadas. Diz o humanista italiano:

[...] há uma satisfação de charadista em encontrar, após muito refletir, a solução de um problema que parecia insolúvel. Viva a tese como um desafio. O desafiante é você: foi-lhe feita no início uma pergunta a que você ainda não sabia responder. Trata-se de encontrar a solução em um número finito de lances (ECO, 1985, p. 183-184).

E partimos, pois, para as conclusões a que chegamos ao fim da caminhada de dois anos de pesquisas e trabalho contínuo, ou, melhor ainda, depois desse desafio a que se refere Eco e que se podem ler na parte final desta Dissertação.

## 7 CONCLUSÕES FINAIS

O importante é fazer as coisas com gosto.

Umberto Eco in Como se faz uma tese

Se bem que seja verdade que não existe em um trabalho acadêmico um final, porquanto eles se refazem constantemente, seja através de novas pesquisas e descobertas, seja por novos entendimentos a respeito dos temas estudados, ou mesmo porque, com o perpassar do tempo e de novas leituras, o pensamento do pesquisador mudou. Tudo muda sobre a terra, e este axioma é bíblico, antecedendo ao do filósofo grego de que tudo flui. Mas para fins acadêmicos há sempre conclusões finais, até que novos estudos, novas investigações, novas leituras levem a outras conclusões.

A importância da pesquisa sobre a exploração do trabalho infantil decorre de uma questão humanística, da compreensão de problemas relativos à materialidade das relações sociais as quais se iniciaram no processo de industrialização ocorrido a partir do século XVIII na Europa e que depois se espalhou pelo mundo alterando o modo de produção até então conhecido pela humanidade e que persistem até a atualidade. Buscamos compreender a relação entre a educação e o trabalho infantil tendo em vista a confusão existente entre a exploração de crianças e adolescentes, as formas culturais de educação familiar, além da tendência das políticas públicas, no âmbito do Estado, combaterem a exploração de crianças e adolescentes via escola.

Contextualizamos o fenômeno por meio do cruzamento de informações da escola, da legislação, e de análise da bibliografia. A ilegalidade do trabalho infantil, diante da necessidade de contribuição da criança à sobrevivência da família, tende a estimular seu desenvolvimento de forma clandestina e invisível. Por isso, desenvolvemos a investigação via escola e com o cruzamento de informações sobre a problemática.

Ao estudarmos sobre a exploração do trabalho infantil, observamos que este tema também foi explorado em textos literários universais, bem como foi preocupação de uma figura universal chamada Gandhi que se preocupou com a educação das crianças indianas, e também dos que lideraram marchas contra o trabalho infantil e foram merecedores do Prêmio Nobel, são eles a paquistanesa Malala e o indiano Kaylash. Nesta investigação que foi uma mera curiosidade intelectual foi possível compreender que as crianças eram tratadas como propriedade privadas e objeto de interesse familiar, da condição de vida da família na época.



Além da participação na produção, eram também preceitos religiosos e ritmos impostos pela família.

A partir de estudos feitos sobre Legislações e Constituições que defendem os direitos de crianças e adolescentes e de estudiosos que abordam a questão concluem que a escola é um fator primordial para o desenvolvimento cultural e social destes seres em desenvolvimento. Que a escola atua como meio de regulação da degeneração prematura imposta pela sociedade capitalista.

Portanto, ao pesquisarmos a exploração do trabalho infantil na fumicultura no Estado do Paraná, observamos que o cultivo do tabaco ocorre em pequenas propriedades agrícolas familiares, mediada por um contrato de integração entre empresas e o trabalhador rural que se submete às cotas, insumos, técnicas e preços determinados pela empresa contratante. Como o trabalho de crianças e adolescentes neste aspecto ocorre no âmbito familiar, ele é confundido com ajuda educativa, uma vez que essa forma de exploração diferencia-se da real ajuda à organização da vida familiar onde as crianças organizam seus brinquedos, ajudam na organização da casa. Essa ajuda vem a ser bem diferente de ter que colher folhas de fumo durante as férias ou pior ter que cuidar das estufas onde as folhas são secadas. Podemos dizer que este tipo de trabalho é considerado como forma de sobrevivência familiar.

Ao relacionar especificamente o cultivo do fumo na região paranaense com a forma de produção estabelecida pelas indústrias do tabaco, percebemos que este tipo de trabalho na agricultura familiar é um meio de produção de lucro econômico resultante da ampliação do trabalho familiar. Em que a principal característica da pequena produção familiar está marcada pela intensa exploração da mão-de-obra de todo o grupo doméstico, incluindo a força de trabalho de mulheres e crianças, a fim de extrair a sobrevivência.

Os depoimentos dos diretores e professores das escolas no meio rural revelam que as crianças e os adolescentes do campo desenvolvem inúmeros trabalhos rurais e domésticos: dar trato aos animais, colher, plantar, podar arvoredos, limpar a casa, etc. Estas atividades sendo desenvolvidas todas em contexto familiar.

Os dados coletados também evidenciam que escola é, também o local do não trabalho, onde as crianças e os adolescentes podem desenvolver conhecimentos, encontrar amigos da mesma idade e poupem-se do trabalho árduo. Assim podemos constatar que as férias escolares transformam-se no momento de maior trabalho, pois coincidem com o plantio (julho-agosto) e colheita (dezembro, janeiro e fevereiro) da fumicultura.

Ao analisarmos as soluções implantadas pelo Governo Federal ao problema da exploração do trabalho do menor, observamos que a legislação proíbe o trabalho de crianças e

adolescentes, uma vez que o trabalho somente é válido na condição de aprendiz a partir dos 14 (quatorze) anos de idade, a escola torna-se obrigatória e as políticas com um projeto de complemento na renda familiar, tentam resolver o problema ignorando suas origens estruturais. Sem êxito, a exploração do trabalho infantil persiste, como atestam os dados apresentados no decorrer do terceiro capítulo. O acesso à escolarização e ao conhecimento historicamente acumulado são direitos de todos os seres humanos para seu desenvolvimento social, cognitivo, emocional, físico. Mas ainda segundo Arroyo, Caldart e Molina (2009, p. 149-150), em que salienta que o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive, tendo direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais.

No entanto, isso é diferente de considerar a escola capaz de solucionar os problemas cuja origem está entranhada nas contraditórias relações, ou seja, os fatores que determinam as motivações e as causas que submetem o desenvolvimento do trabalho nesta sociedade rural.

Alguns estudiosos do caso, Cervini e Burger (1996) argumentam que, em países como o Brasil, não é somente o rendimento familiar o responsável pela mão de obra infantil, mas também o nível de escolaridade dos pais é considerado um forte fator decisivo no futuro das crianças, isto é, a educação escolar dos pais tem uma forte influência na formação educacional dos filhos.

A escola é, ao mesmo tempo visto como um meio capaz de instrumentalizar o trabalhador contra sua opressão, entretanto insuficiente e incapaz de erradicar a exploração de menores. Não podemos ter a ilusão que unicamente a escola é capaz de transformar e solucionar os problemas universais.

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996 voltada para o ensino no meio rural, combinam um ensino apropriado ao desenvolvimento local e regional com calendários adequados às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas.

Através da Lei podemos observar que, a escola não é universal efetivamente no Brasil, no entanto proporciona um acesso desigual e limitado para os filhos do campo. Podemos observar nesta Lei também que, ela é totalmente contraditória comparada com um outro programa desenvolvido e aprovado pelo governo federal o PETI.

Primeiramente notamos que, se a educação deva ser com conteúdo e metodologia apropriadas e focada dentro da realidade da zona rural conforme está na Lei, por que os colégios agrícolas se encontram estabelecidos no meio urbano e não no seu verdadeiro local que é na comunidade rural!

Mas a pior vem a ser que a do calendário ser flexível e adequado às fases do ciclo agrícola, que contradiz o programa do PETI, que é um projeto de erradicação do trabalho infantil. Como podemos ver o Brasil é o país da Leis mais absurdas e contraditórias já vistas. Tirando a falta de infraestrutura dos estabelecimentos em que o governo exige implantar programas como o CELEM, o PETI, se nem estrutura para desenvolver os cursos as escolas possuem, por mais que venham ser amplas. Como disse uma professora em seu depoimento o PETI é desenvolvido no salão da comunidade onde ocorrem bailes no sábado e na segunda tenho o PETI, sem nenhuma higiene no local. O que pensar sobre a educação no meio rural?

Muito fácil culpar o outro, o professor, mas vemos que ele acaba sendo uma vítima como as crianças e adolescentes que trabalham. Pois trabalhar sem material, sem infraestrutura e conseguir educar assim mesmo, entre as dificuldades é porque tem amor pela profissão.

Nas entrevistas observamos que os professores entrevistados nasceram e vivem no meio rural, e que todos trabalhavam juntamente com os seus familiares, assim podemos concluir nos depoimentos uma visão positiva para que a criança trabalhe e estude. No entanto, estes mesmos professores que defendem que crianças e adolescentes devam associar a escola, os estudos com o trabalho do campo, acabam abordando a questão do trabalho infantil em sala de aula, de uma maneira interdisciplinar.

Destacamos que um dos desafios colocados para a escola do campo é um ensino voltado para as suas realidades, a inclusão de escolas agrícolas, onde estes possam desenvolver técnicas e assim tornar um incentivo para cursar o ensino superior nas áreas agrárias, para futuramente aplica-las na propriedade de seus familiares.

E, para concluir a exploração do trabalho infantil, ainda está bem longe de ter um fim, mas a luta pela erradicação deste fenômeno é, na realidade, uma maneira de denunciar e pressionar a sociedade para a elaboração de alternativas que preservem os direitos da infância e do adolescente e que também implicam criar condições que modifiquem a vida dos adultos. Os órgãos governamentais no Brasil com suas políticas acabam agindo de forma descontextualizadas, abordam a questão do humanismo, mas apoiam a instalação das indústrias do tabaco no país, mesmo sabendo das malfeitorias que isto traz para os agricultores, aumentando o índice de trabalho infantil, tendo o pensamento somente voltado para a economia e lucros atribuídos a este cultivo. Enquanto governantes de países europeus e asiáticos baniram quase por completo o cultivo do tabaco pensando no bem estar do camponês. Podemos assim finalizar que, o governo ajuda a criar todo este conflito de trabalho infantil dentro da lavouras fumageiras.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFUBRA - Associação dos Fumicultores do Brasil. Relatório de Atividades 2012/2013, 2013.

ALBORNOZ, Suzana. O que é trabalho. 9. ed. São Paulo: Editora Brasilense, 2008.

ALGER, Jr. Horatio. Ragged Dick. Or, Street Life in New York with the Boot Blacks. Introduction by Alan Trachtenberg. Nova Iorque: Signet Classic, 1990.

ALMEIDA, Guilherme. Um novo horizonte para o controle do tabaco: aspectos socioambientais da fumicultura. 2008. Disponível em: <[http://www.actbr.org.br/uploads/conteudo/118\\_Aspectos-Socioambientais-da-Fumicultura.pdf](http://www.actbr.org.br/uploads/conteudo/118_Aspectos-Socioambientais-da-Fumicultura.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2015.

ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. Trabalhador Infantil e Escolarização no Meio Rural. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Sem tabaco. 2012. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/wps/content/anvisa+portal/anvisa/sala+de+imprensa/menu+noticias+anos/2012+noticias/cigarro+nao+combina+com+a+saude+do+planeta+nem+com+a+sua>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

ARÏES, F. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC; 2006.

ARROYO, Miguel González; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). Por uma Educação do Campo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ASPTA - Agricultura Familiar e Agroecologia. Agricultores familiares denunciam contaminação por agrotóxicos usados na fumicultura, 2011. Disponível em: <[aspta.org.br/.../agricultores-familiares-denunciam-contaminacao-por-agr...](http://aspta.org.br/.../agricultores-familiares-denunciam-contaminacao-por-agr...)>. Acesso em: 4 jun. 2015.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BONATO, A. Perspectivas e desafios para a diversificação produtiva nas áreas de cultivo de fumo: a realidade da produção de fumo na região Sul do Brasil. Curitiba: DESER, 2007. Disponível em: <[http://www.deser.org.br/pud\\_read.asp?id=109](http://www.deser.org.br/pud_read.asp?id=109)>. Acesso em: 10 fev. 2015.

BRANCO, Camilo Castelo Branco. Novelas do Minho. II volumes. Lisboa: Prceria António Maria Pereira, 1965. (Volume XVII das Obras de Camilo Castelo Branco.)

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)>. Acesso em: 12 jul. 2015.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 12 jul. 2015.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 12 jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Módulo 12: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Programa de Erradicação do Trabalho Infantil: cartilha do Peti. Brasília: MDS/Secretaria Nacional de Assistência Social, 2004. Disponível em: <[www.mds.gov.br](http://www.mds.gov.br)>. Acesso em: 24 jan. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Trabalho Infantil: diretrizes para atenção integral à saúde de crianças e adolescentes economicamente ativos. Brasília: Editora MS, 2007.

BRASIL. Terra de Direitos. Esclarecimento sobre o Trabalho Infantil na Fumicultura, Curitiba, 04 jun. 2008a. Disponível em: <<http://terradedireitos.org.br/2008/06/04/nota-de-esclarecimento-sobre-o-trabalho-infantil-na-fumicultura/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BRASIL. Decreto n. 6.481, de 12 de junho de 2008b. Regulamenta os artigos 3º, alínea “d”, e 4º da Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que trata da proibição das piores formas de trabalho infantil e ação imediata para sua eliminação, aprovada pelo Decreto Legislativo no 178, de 14 de dezembro de 1999, e promulgada pelo Decreto no 3.597, de 12 de setembro de 2000, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm)>. Acesso em: 12 jul. 2015.

BREMBATTI, Katia. Trabalho infantil uma praga difícil de erradicar. Gazeta do Povo. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/trabalho-infantil-uma-praga-dificil-de-erradicar-2c45k63pg11bafweulmva3232>>. Acesso em: 3 jun. 2015.

CALDEIRA, Clóvis. Menores no meio rural. (Trabalho e Escolarização). Rio de Janeiro: INEP, 1960.

CAMPOS, Humberto de. Memórias. Primeira parte: 1886-1900. 4. ed. São Paulo: Livraria José Olympio, 1933.

CERVINI, Ruben; BURGER, Freda. O menino trabalhador no Brasil urbano dos anos 80. In: FAUSTO, Ayrton; CERVINI, Ruben (Org.). O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

CONDE, Soraya Franzoni. A escola e a exploração do trabalho infantil na fumicultura catarinense. Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/964642012>>. Acesso em: 3 jun. 2015.

DELGADO, Maurício Godinho. Curso de direito do trabalho. 3. ed. São Paulo: LTr, 2004.

DESER - Departamento de Estudos Sócio – Econômicos Rurais. Boletim eletrônico do Deser. 2010. Disponível em: <[www.deser.org.br/boletim](http://www.deser.org.br/boletim)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

DEWEY, John. Vida e educação. 10. ed. São Paulo. Melhoramentos, 1978.

DICKENS, Charles. David Copperfield. Londres: Penguin Books, 1994. (Serie: Penguin Classics).

DICKENS, Charles. *Hard Times*. Londres: Penguin Books, 1994.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2001.

ECO, Umberto. *Como se faz uma Tese*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

ETGES, Virgínia E. O impacto da cultura do tabaco no ecossistema e na saúde humana. *Textual*, Porto Alegre, v. 1 n. 1, p. 14-21, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.sinpro-rs.org.br/textual/fumo.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FINDLAY, J. N. *La Disciplina de la Caverna*. Versión española de Jesús Díaz. Biblioteca Hispánica de Filosofía. Madrid: Editorial Gredos, 1969.

FNPETI - Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil. O trabalho infantil doméstico no Brasil: Avaliação a partir dos microdados da Pnad/IBGE (2008-2011). 2013. Disponível em: <[http://www.fnpeti.org.br/download/pnad\\_IBGE\\_tid.pdf](http://www.fnpeti.org.br/download/pnad_IBGE_tid.pdf)>. Acesso em: 01 ago. 2015.

FOLHA DE IRATI. 2009. Disponível em: <[www.folha.de.irati.com.br](http://www.folha.de.irati.com.br)>. Acesso em: 17 jun. 2015.

FORD, Henry. *Minha Vida e Minha Obra*. Tradução de Silveira Bueno. São Paulo: Companhia Graphico/ Editora Monteiro Lobato, 1925.

GALASSO, L. O trampo, a saúde, o futuro... trabalho dos adolescentes, problemas e caminhos para uma vida melhor. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2005.

GALLI, R. The economic impacto of child labour (discussion paper on line). 2001. Genebra: ILO Decent Work Research Programme. Disponível em: <<http://www.ilo.org/public/english/bureau/inst/publications/discussion/dp12801.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015

GANDHI. *An Autobiography. The Story of my Experiments with Truth*. With a foreword by Sissela Bok. The only authorized American edition. Translated from the original in Gujarati by Mahadev. Boston: Beacon Press, 1993.

GRZYBOWSKI, C. 1º Seminário sobre Meio Rural e Educação. Realizado pelo IESAE, da Fundação Getúlio Vargas de 14 a 16/10/1981. Brasília: CNPq, 1981.

HARDY, Thomas. *Judas o Obscuro*. Tradução e Introdução de Octavio de Faria. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958.

KASSOUF, A. L. (Coord.). *O Brasil e o trabalho infantil no início do século 21*. Brasília: OIT, 2004.

KASSOUF, A. L. O que conhecemos sobre o trabalho infantil? *Nova Economia*, ago. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-63512007000200005&Ing=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512007000200005&Ing=en&nrm=isso)>. Acesso em: 18 ago. 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: Editora Universitária, 1986.

MEDEIROS, M. Problema está ligado a questão cultural, e não à baixa renda familiar. Folha de S. Paulo, 28 dez. 2011; Caderno Poder: A5, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MYNAIO-GOMEZ, Carlos; MEIRELLES, Zilah Vieira. Crianças e adolescentes: um compromisso para a saúde coletiva. Rio de Janeiro, 1997.

MIRBEAU, Octave. Segredos de Alcova. Romance. Tradução de Alfredo Ferreira. Coleção "Eros". São Paulo: Prometeu, 1947.

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; BÓGUS, C. M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo de ações de humanização em saúde. Saúde e Sociedade. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 44-57, set- dez. 2004.

OIT - Organização Internacional do Trabalho. Convenção n. 182, de 1 de junho de 1999. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/node/518>>. Acesso em: 10 maio 2015.

OIT - Organização Internacional do Trabalho. Combatendo o trabalho infantil: guia para educadores (monografia na internet). Brasília: OIT, 2001. Disponível em: <[http://white.oit.org.pe/ipecdocumentos/escola1\\_br.pdf](http://white.oit.org.pe/ipecdocumentos/escola1_br.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2015.

OIT - Organização Internacional do Trabalho. Boas práticas de combate ao trabalho infantil: os 10 anos do Ipec no Brasil. Brasília: OIT, 2003.

OIT - Organização Internacional do Trabalho. Decreto n. 6.481, de 12 de junho de 2008 - Presidência da República. 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm)>. Acesso em: 10 maio 2015.

PALMEIRA SOBRINHO, Z. O trabalho infantil: um balanço em transição. In: NOCCHI, A. S. P.; VELLOSO, G. N.; FAVA, M. N. (Orgs.). Criança, Adolescente, Trabalho. São Paulo: Ltr; 2010. p. 21-44.

PASSADOR, Cláudia Souza. A Educação rural no Brasil. O caso da escola do campo no Paraná. São Paulo: Annablume, 2006.

PIOVESAN, F.; LUCA, G. Gênese e atualidade da proteção ao trabalho infantil nas normas internacionais: trabalho infantil como violação aos direitos humanos. In: NOCCHI, A. S. P.; VELLOSO, G. N.; FAVA, M. N. (Orgs.). Criança, Adolescente, Trabalho. São Paulo: Ltr; 2010. p. 361-382.

PICKERING, Sir George. O Desafio à Educação. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.



RUIZ, João Álvaro. Metodologia Científica. Guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Editora Atlas, 1979.

SINDITABACO. Tabaco supera exportações em 2013. 2014. Disponível em: <[sinditabaco.com.br/tabaco-supera-exportacoes-em-2013](http://sinditabaco.com.br/tabaco-supera-exportacoes-em-2013)>. Acesso em: 12 jun. 2015

SOUZA, I. F. A exploração do trabalho de crianças na Revolução Industrial e no Brasil. Boletim Jurídico, n. 197, 2006. Disponível em: <<http://www.Boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=1561>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

SÜSKIND, Patrick. O Perfume. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1995.

THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1987.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 39, p. 507-514, 2005.

UNESCO. Declaração de Dakar. Educação para Todos. 2000. Disponível em: <[www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educacao](http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educacao)>. Acesso em: 20 abr. 2015

UNICEF. Tendências para a Educação Integral. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2008.

UNICEF. United Nations Children's Fund. Child Labour, Education and Policy options. New York, 2007. Disponível em: <[http://www.unicef.org/socialpolicy/index\\_45202.html](http://www.unicef.org/socialpolicy/index_45202.html)>. Acesso em: 20 ago. 2015.

UNICEF/FLACSO. O Trabalho e a Rua. Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80. São Paulo: Cortez, 1996.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VILANI, J. A. S. Trabalho infantil. São Paulo: Brasiliense, 2010.

VIVARTA, V. (Coord.). Crianças invisíveis: o enfoque da imprensa sobre o trabalho infantil doméstico e outras formas de exploração. São Paulo: Cortez; 2003. Disponível em: <[www.deser.org.br/pub\\_read.asp?id=85](http://www.deser.org.br/pub_read.asp?id=85)>. Acesso em: 10. Maio 2015.

## APÊNDICE A - Entrevista no Colégio Estadual Nossa Senhora Aparecida

Município: Rio Azul estado do Paraná

Professores participantes: Professora e pedagogo.

Pergunta 1: Gostaria de saber primeiramente da senhora como a senhora vê a questão do trabalho infantil na fumicultura.

Resposta da Professora: Necessário, vivemos numa sociedade hipócrita, leis idiotas e hipócritas ta, o Eca foi mal interpretado, como que vou educar o meu filho, então eu preciso ficar em casa trabalhando, eu preciso ir para a roça trabalha, meu filho vai fica em casa? Fazendo o que? Não é assim que se dá a nossa educação, nós vamos copiando é a partir destas feições de copias, assim como falava é o Piaget, e outros teóricos da linguagem né, que a gente é tudo por repetição por cópia de gente, transfere né pros outros, e recebe também. A criança quando vê o pai e a mãe trabalhando ele também que trabalha, nós não brincávamos destes pequenos de casinha, de boneca, a gente não queria aprende cuida de casa, a gente queria aprende cuida de filho, heim? Eu acho necessário, é nocivo, mas o que eles vão fazer? É a subsistência deles. Eu não, em hipótese alguma você vai deixar o teu filho, daí depois dos dezesseis anos ele vai trabalhar? Ele não vai quere trabalhar, ele vai ser um vagabundo, uma pessoa mercê do tempo, e dá vida, a criança tem que trabalhar sim, claro não expor né, tem a nós tudo tem que usar máscara, é desconfortável é, mas é um direito de usa, e eu discordo que o fumo mata, muita coisa mata, muita coisa mata né, então eu acho que se a família é fumicultura, existem pequenos trabalho que o filho pode ajudar ali, elevai ajuda, para dá valor a existência, para ele dar valor ao sustento, a entrada de dinheiro na família, considero necessário.

Pergunta 2: O rendimento escolar destes alunos que trabalham na fumicultura é diferenciado dos demais alunos que não tem contato?

Resposta professora : não muito pelo contrário, eles já tem uma ideia formada que, vou trabalhar no fumo né, então eles terão que escolher entre a caneta e a enxada, eles sabem que a enxada é mais pesada que a caneta. É da consciência de cada um, é criar os seus objetivos né, meu pai foi agricultor, não é por isto que só. Eu não precisei trabalhar na roça né, por ser produção de feijão né, mas convivi sempre com pessoas que trabalham, dou aula dou aula para alunos que trabalham na roça no pesado no mato, não só com fumo, mas desgalhando, quem que vai lá e faz. É só dar um pouquinho mais de valor a vida. Por que o que nós estamos preparando futuro. E o que nós queremos do futuro, pessoas que só saibam lidar com papel, nós só queremos formar um futuro de doutores? E as outras profissões? Tá na hora de cair esta hierarquia, de vangloria as pessoas as pessoas que tem maior poder aquisitivo, não, muito pelo contrário, todas as profissões são interessante, são necessárias, são uteis todas elas.

Professor pedagogo: Aqui teve um tempo que a gente percebeu que a super valorização das outras profissões é, fazia com que estas crianças viesse, e acabava desvalorizando a profissão da família, tinha-se aquela mentalidade de que precisa estudar para ser alguém na vida, e este estuda para ser alguém na vida, eles queriam dizer que só ia ser aquele bem sucedido aquele que tivessem uma profissão, que não fosse, lembro de um professor que foi até meio infeliz numa colocação que ele fez, porque senão estudasse seria como o pai dele que estava trabalhando lá na roça. Isto é uma colocação, e cada a valorização do agricultor, agora a gente vê que ta a valorização para ele aprende, não para ele aprende e ir lá para fora, lá achar uma outra profissão, mas ele aprender na escola, aplicar na lá lavoura junto com a família aquilo que ele aprendeu na escola, por que agora a gente vê a tecnologia ta bem avançada, desde maquinários, então principalmente aqui na comunidade, o que a gente percebe por que, eu nasci e me criei aqui, então antigamente era só a lavoura era só com cavalo o arado tudo,

agora tão vendendo tudo, o cavalo aqui desvalorizo por que é tudo trator e maquinário que vai fazer o trabalho, o cavalo praticamente estão dispensado praticamente.

Professora : hoje é o produtor rural que injeta, principalmente aqui nesta região produtor de fumo, que injeta dinheiro na economia de Rio Azul, se Rio Azul tem a economia que tem, e por conta da produção de fumo. Indiferente é plante um alquere de feijão e um de fumo, para ver o rendimento econômico.

Professor pedagogo: O fumo dá numa pequena área de terra, vc consegue fazer a safra tua, agora quem tem mais terra já vai para outra cultura.

Professora 1: Soja geralmente né. A gente aqui em terno de educação, a gente tem trabalhado com valorização, resgate, para que a alta estima deles né já enaltecida e que eles se sintam é privilegiados por eles morarem no interior, por eles trabalharem na roça, porque são eles que levam dinheiro no banco, para os empresários poderem emprestar do banco. São eles que vão lá e pagam as contas em dia, produtor de fumo não deve, qualquer outro morador da cidade está cheio de dividas.

Entrevistadora: Na verdade é o interior que sustenta a cidade.

Professora : Com certeza, e daí vc entra num banco e v o produtor de fumo está com um pacotinho plástico debaixo do braço, esperando esperando ali, com um chapeuzinho simplório, ai chega o bambam da cidade e o gerente levanta, isto que eu tenho nojo, o gerente que vai que vai buscar ele na porta né, e o produtor de fumo fica ali esperando pra vê se alguém tem a boa vontade pergunta para ele, eu quero depositar estes cinquenta mil na minha conta lá, a então ta, e vamos vê se o dinheiro dele não tivesse valor, por que nós moramos numa cidade de aparência, se vc tem um titulo, se vc tem alguma digamos uma fama vc é alguém, agora se vc é um trabalhador, vc não é nada. É o que devemos trabalhar em questão de educação, eles precisam vir para a escola sim, eles precisam melhorar o rendimento escolar deles sim, para que lês tenham condições de vive e combate o pior dos preconceitos, não vivemos um preconceito racial aqui que é tão analtecido, o preconceito sexual etc. Aqui o que eles mais sofrem, o que mais doe pra eles, é o preconceito social, o considerado o Jeca Tatu, eles não são não, é isto que a gente procura passar pra eles, que eles morar no interior, Mas que eles podem ter uma excelente moralidade, vcs podem ler e escrever muito bem, e que eles apliquem todos estes conhecimentos lá. Lá na sociedade. Lá eles mostrem que eu não sou um qualquer, sou uma pessoa letrada. Já que vivemos num mundo de letramento.

Pergunta: Estes alunos então estudam no periodo diurno e no período vespertino eles ajudam os pais daí .....

Resposta professora. Quando há necessidade, nem sempre eles vão para a roça, mas eles realizam outras atividades em casa.

Resposta professor pedagogo. Que nem agora que esta na época que eles semearam o fumo, então eles semeiam nas bandejas, daí eles fazem o que eles chamam de repica o fumo, então este repita, vc já viu aquelas bandejas de verdura, que é a mesma. Então quando tem mais de uma muda naquele quadradinho, eles tiram e isto os filhos ajudam a fazer, eles tira aquela mudinha e colocam no outro. Então é este o trabalho que eles fazem, mas eles sentam numa sombra lá colocam as bandejas e fazem.

Resposta professora 1. De certa forma preparados para a vida, porque na vida podemos fazer só o que gostamos? Não podemos escolher, porque enquanto somos criança posso escolher o que quero fazer, e depois a vida vai me dá esta oportunidade?

Marcia. Precisamos ter conhecimento em várias áreas para sobreviver?

Resposta professora 1: com certeza, uma questão de sobrevivência.

Resposta professor pedagogo : aqui no começo teve muito problema, e até hoje ainda reflete este problema das leis de proteção a criança e adolescente.

Resposta professora: Tenha pais de família sendo preso, porque os filhos estavam ajudando. Pera ai, eu tenho nove filhos, quanto fumo eu preciso produzir para sustenta estes nove filhos, eu vou deixa estes meus nove filhos lá em casa se matando aprontando alguma coisa, ou quizá correndo na rua ai né. E daí o pai e a mãe agüentam.

Marcia : Eu li um jornal de Irati.

Resposta professora . Passou no fantástico, acho um absurdo. Não é assim não. Eles que não se metam aqui no interior, aonde a criança ainda podia ser educada. Por que tudo isto foi o Eca foi mal interpretado, conselho tutelar é para garantir que exista o direito da criança respeitado, o que vem acontecendo, obrigando a criança a vir a escola, obrigando adolescente. Que democracia é esta em que estamos vivendo. Se eu não tenho direito de escolha. Eu tenho que ir para a escola uma coisa que odeio faze, mais eu gosto de ir para a roça, e eu não posso. Quantos não preferem ficar na roça trabalhando cuidando do gado que nem no meu caso lidando no mato,e não virem para a escola é um direito deles. Vivemos num país totalmente demagógico, aonde se fala de democracia onde não existe, onde vive uma criança e não é respeitado a vontade dela. Se eu não quero seguir este caminho, não quero e acabo poxa. Se mais tarde se eu quiser eu vou lá e faço. Deixa, agora é isto que eu quero. Não tem que impor nada. É por isto que existe(17.06 ) escolar.

Professor pedagogo : é por que estes direitos, eles acabam, quem nem eles colocaram tantos direitos, que eles esquecerem de falar que junto paralelo a estes direitos ele tem o dever também.

Professora 1: Com certeza, como que eu vou preparar esta criança para a sociedade.

Professor pedagogo: ele esta achando que só tem aqueles direito e não tem nenhum compromisso por que aqui a gente já ouviu pai chega e disse assim, olá o meu filho agora não pode trabalha lá ajudando por que tem lei que ele não pode trabalha ele tem que fica. E como o pai vai ensina alguma coisa pro filho.

Marcia sendo ele do campo.

Professor pedagogo: depois dos dezoito o que o jovem vai fazer depois dos dezoito. Ele vai quere arrumar um emprego, e daí como ele vai arrumar um emprego.

Professora Como ele vai querer arrumar um emprego se ele não quer trabalhar no pesado. Quer emprego de doutor.

Pergunta: daí neste tempo ocorre muita evasão escolar destes alunos que ajudam nas lavouras de fumo?

Resposta professora: daí que eles vem,quando o trabalho fica puxado, porque é uma oportunidade deles ficarem na escola. Quando as coisas estão puxando daí que não faltam, no final de ano.

Resposta professor pedagogo: É verdade eles preferem a escola do que o trabalho no fumo

Pergunta: As industrias de fumo, elas ficam vistoriando a vinda dos alunos a escola?

Professora : permanência

Professor pedagogo : freqüência

Professora: uma coisa que eles deveriam observar que eu sempre falo para eles, eu gostariam que vc cobrassem o rendimento, porque tem pais que obrigam o filho a vir a escola, só para eles tirarem o pedido do fumo. Depois o filho não vem mais. Ora sim, ora não. Tem está falha na industria fumageira e não da escola.

Professor pedagogo: Por que o orientador vai lá na casa, faz o pedido pro pai do aluno, mas ele não leva o pedido a firma, primeiro ele vem aqui na escola e pede para ver a freqüência do filho, para ver se o filho esta freqüentando a escola. Ai ele concretiza o pedido. Pois caso o filho não tive não tive freqüência. Tanto é que tivemos o caso do aluno do 9º ano, o que aconteceu o pai dele foi faze pedido, o instrutor veio aqui vê a freqüência dos filhos e daí só

tava de um, pois ele tem dois. E este mais velho fez agora em setembro completa 18, só que enquanto não completo dezoito, então o instrutor queria frequência, e só demos do mais novo, do outro não foi dado. Não veio nenhum dia. Daí o que aconteceu, na metade do ano o pía, daí o pai veio aqui conversa para vê se tinha como matricula, daí a escola não pode dizer não, porque mesmo na metade, perdeu dois bimestre, o pía veio, daí o diretor disse não então vamos matricula, foi matriculado, mas o que aconteceu, agora ele vai completa os dezoito daí não terá vindo mais.

Professora: é aquilo que eu disse, como vc quer obrigar o ser humano. Ele tem sua personalidade própria, ele não vai render porque ele não quer, agora quem que vir para escola, e quer trabalhar no contra turno, vai vir, vai trabalhar na escola, vai trabalhar em casa e vai ser alguém. É do ser humano é do caráter. Não, não quem que faz.

Professor pedagogo: estes tantos direitos também acaba, tirando o direito deles de escolha.

Professora: sim daí eles vêm para a escola, mas eles vêm revoltados e não vê a hora de completar os dezoito anos para se livrarem da escola e vc pode dançar, borda, de utilizar de novas metodologias, motivação, estas coisas lindas, que os contos de fadas contam, o professor sonhador, etc... não vai ajudar na mentalidade dele, é do caráter é da personalidade, ele que ser, lidamos com humanos, não com robô, é impossível programar um ser humano para aprender, condiciona ele a obedecer, condiciona-lo a aprender matemática, português, etc, etc, são fatores humanos. Hoje estou cansada, veja eu trabalho só como professora, mas tem dias que estou cansada, mas quem disse que meu cérebro não rende tanto. Porque sou humano.

Professor pedagogo: A gente também vê que na lavoura, eles trabalham daí eles trabalham, daí dependendo do dia eles querem vir um pouco mais cedo, até umas horas e vir para casa descansar, agora a gente não pode fazer isto.

Pergunta: seria o cansaço físico e o cansaço mental?

Professor pedagogo Isto.

Professora: Um teórico que fala sobre estas questões é o Junge e o Gerald Garnet, das múltiplas inteligências, que também ajuda embaça isto daí, porque não adianta nós lidamos com fatores humanos, como eu quero programar um indivíduo, só porque ele trabalha no fumo, não já dei aula lá nas escolas do centro, muito pior trabalhar com alunos do que fumo.

Professor pedagogo: no que mais vc trabalha além de dar aula?

Professora: muito pior, porque aquele aluno que tem as novas linhas mídias que está conectado não quer estudar.

Professor pedagogo: E esse negócio de tecnologia ele está tirando até

Pergunta: O convívio social entre pais e filhos? Não há mais aquele contacto entre pai e mãe.

Professor pedagogo: Não tem, eu vi agora na semana passada, e esta semana, que eu tinha que lidar com aqueles cursos, estou fazendo um curso nos sábados e a distância do PAC.

Professora: Este aí vai ser para acabar com o ensino médio, vai ser um passar de alunos, o governo está para aumentar o analfabetismo funcional.

Professor pedagogo: daí eu vinha de manhã e à tarde, eu fico por cá. Daí aqueles dias eu tive que chegar em casa almoçar, porque daqui muita coisa aqui da escola, porque o nosso sistema da internet é precária, bem precária. Até antes de ontem levei para casa e mais aquele curso, a gente acaba deixando, a gente nem conversa quase na família. Se for este como esta se encaminhando os primeiros módulos do curso, o ensino médio vai ser.

Professora: vai decair muito, não estou fazendo, mas estou acompanhando, sou amiga da coordenadora do PAC, e leio os textos e a gente discute. Eu acredito que porque o professor é tão atacado hoje, porque somos nós os mediadores do conhecimento, expansão de

conhecimentos, expansão de idéias, comentários. Então o que eles querem fazer? Querem tornar aquela coisa assim, vc vai, se vc apreender, vc apreendeu se não vai do mesmo jeito.

Professor pedagogo: O que dá para entender, é aquela aprovação, não ter reprovação.

Pergunta: Estas indústrias de fumo fiscalizando os pais, por colocarem os filhos assim para ajudar no trabalho?

Professora: eles fazem esta fiscalização, o orientador vão fazer visitas, até o orientador se ele chega num fumicultor lá e percebe que tem criança trabalho, ele tem que chamar a atenção, até ele assina um termo onde ele advertiu este fumicultor, porque eu lembro que o ano passado, além disso eles tinham porque quem planta fumo agora, não podem cortar madeira branca. É só eucalipto, ou bracatinga, não pode cortar outro tipo de madeira tipo, caneleira. E no ano passado se o orientador, chega na estufa, tem lenha que não seja de eucalipto, eles são advertido.

Pergunta: E as estufas são somente a lenha, não tem a gás?

Professor pedagogo: não tem as elétricas, que vai lenha também. Mas bem menos lenha.

Professora: olha só a exploração, olha o erro e a falta de conhecimento do fumicultor, ele é dono da terra, dono da mão de obra, ele tem que pagar pela estufa, e ele ainda não se manda, não manda na sua própria produção, na sua própria propriedade.

Marcia Ah não!

Professora: não porque ele tem que seguir as regras da indústria fumageira. Ele não pode usar lenha, mas na sua propriedade dele tem, não proteção ambiental. O produtor não sabe nada. É bem por isto por esta falta de informação, e de alto valorização. Porque uma coisa que eu fiquei indignada que a indústria fumageira não tem um plano de saúde, por um a caso o produtor de fumo fica doente, não pode produzir aquele não, por consequência do trabalho, daí ele não tem um seguro de saúde, de nenhum tipo. E ele trabalha debaixo das ordens da fiscalização.

Professor pedagogo2: o único seguro que eles tem é chega ele falece, daí a família fica assegurada.

Professora: mas como índice de câncer, imagina estas pessoas que precisam trabalhar, para se sustentar,, muito, muito errado. A indústria fumageira é uma máfia, eu considero. Porque coitados são explorados, pela sua ignorância.

Professor pedagogo: até agora mudou um pouco, porque antes eles plantavam e tinham que entregar para aquela firma que fizeram o pedido. Só que agora eles com tanta reunião que fizeram com sindicatos, então eles descobrimos que eles não precisam só entregar para aquela firma, para pagar a dívida deles. Se ele acham que vão pagar mal o fumo, o plantador pode trazer de volta e não vender para a firma, daí vendem para outra e pagam a dívida. Daí eles refinanciavam por que acabavam ficando devendo, eles fazem outro pedido e já parcelavam a dívida.

Professora: em relação ao uso do agrotóxico, na soja no feijão, é usado muito mais agrotóxico do que no fumo, nos legumes é muito mais usado agrotóxico, do que no fumo.

Não vem me disser que é o fumo porque não, isto só esta servindo para judiar este povo, claro que eles ficam doente, porque 50% do ser humano é alto estíma, trabalho deles é sofrido desmerecido, trabalham como cavalos e não se sentem ninguém.

Professor pedagogo: Eles não tinham aquele cuidado, pra manusear os agrotóxicos, agora já tem mais, porque as próprias firmas tem que fornecer, fornece não compra das indústrias os equipamentos.

Professora: Veja o produtor paga, e não se manda em nada, e não existe tecnologia, porque para trabalhar na colheita do fumo, ou em qualquer fase que seja a roupa não é confortável,

tem pessoas que passam muito mal com a roupa de proteção do que sem. Sejam a desmaiar, estando com a roupa apropriada, dependendo do dia a temperatura.

Professor pedagogo. Aqui temos aula a noite e tem alunos com mais de dezoito anos e eles ajudam na época da colheita, daí eles trabalham e chegam aqui daí eles não se alimentam para sair porque pelo horário e muitos já falam que não conseguem comer a noite, fazer a refeição, a janta, eles não conseguem, porque devido ao cheiro que fica,, mesmo tomando banho, fica.

Professora: mas com tudo mundo que trabalha com a terra fica com cheiro.

Professor pedagogo: porque ultimamente, estão falando que quando forem tomar banho, não tomar na água norma. Porque eu sei porque passei mal porque eu trabalhei com fumo, então na época das férias a gente sempre ia trabalha com um e outro ali, porque eu tinha um sobrinho que morava junto daí ele plantava um pouco e daí eu ia ajuda, daí tinha chovido colheu de manhã, de manhã e depois vamos colhe a outro pedaço a tarde que esquentou o sol e daí quando esquentava levanta aquele vapor, então aquilo que faz muito mal. No começo não faz mal, mas quando chega pela tarde. Depois que tomei banho é que ficou pior. Depois a água norma faz com que abre os poros e o agrotóxico entre.

Pergunta: Daí estes alunos chegam a passar mal na escola?

Professor pedagogo. sim.

Professora: Tinha que ter uma mascara apropriada para usar. E outra pelos poros que vai absorver, não tem como.

Pergunta: e a escola não tem um calendário diferenciado?

Professor pedagogo: Não. Aqui por exemplo o que mais apura é na época da colheita e daí os alunos já estão de férias.

## APÊNDICE B - Entrevista no Colégio Estadual de Faxinal dos Francos localizado no município de Rebouças

### Entrevista com Diretora

Diretora: Então a gente não observa casos nenhum de exploração de trabalho infantil, nós não temos só filhos de fumicultores, temos de pequenos agricultores que trabalham na agricultura familiar, que trabalham para os projetos da Penai, e filhos de fumicultores como temos também filhos de grandes produtores, a nossa clientela de alunos é de classes bem variada. Do mais pobre à alunos de classe média alta também. E estes que a gente sabe que ajudam os pais em casa, mas eles ajudam assim no contra turno, mas ajudam assim numa forma de cultura familiar, que os pais cobram que eles tem que aprendem a trabalhar e cobram uma certa ajuda tanto dos meninos quanto das meninas que a gente nem sabe quem ajuda ou não. Mas caso de exploração do trabalho não temos, não temos alunos como você colocou nas tuas questões com sinais de cansaço, ou de evasão por causa do trabalho, que evadiram da escola por não da conta mais, que chegaram uma certa situação que eles percebem que vão perder o ano de tantas faltas, ao contrário, nossos alunos quase não faltam. Porque eles sabem se eles faltarem, por que eles sabem se eles faltarem a escola, dai eles vão ficar em casa, e dai que os pais vão por pra trabalhar, ou pelos menos a maioria deles. Grande parte deles a gente sabe que vai agir desta forma. Então para eles não tem sentido ficar em casa e perder aula. É bem mais interessante vir pra aula. Do contrário assim as questões de evasão por exemplo este ano estou com dois casos, né, um dos casos já se pode considerar como evasão, acredita-se que não vai voltar, mas simplesmente o menino do oitavo ano com quatorze para quinze anos já é iniciou o ano e não queria vir pra escola e a gente chamo, veio, começo, agora paro novamente, fizemos todos os encaminhamento, por que é sim se o aluno começa a falta, primeiro a gente faz uma investigação com a família, porque o aluno não esta avindo pra escola. A gente liga, manda bilhete, se isto não dá resultado dai a gente faz o encaminhamento pro conselho tutelar, faz toda aquela ficha e faz o relatório com o total de faltas, com até que dia que veio, daí é o conselho tutelar que faz as visitas e que toma as providencias. A maioria volta pra escola, mas tem lá um e outro que não volta, mesmo com o conselho tutelar que é o caso deste menino do oitavo ano que não retorno pra escola. Não volto. Dai o que vai acontece, é o conselho tutelar que vai encaminha ao ministério publico, mas é um caso de abandono de evasão não por causa de trabalho, também acredito por não ter uma cobrança em casa né, pais que não valorizam mesmo os estudos. A outra situação é de uma menina que tá grávida e que também não tá vindo e que a gente esta buscando né, já foi encaminhada pro conselho, o conselho já visito ela, já chegaram até a escola, mas ela não tá vindo pra escola e ela também não tem atestado médico que de um amparo legal pra ela ficar faltado. Não é situação também de trabalho, ou que abandono a escola por causa do trabalho, porque tem que trabalha para se sustenta ou ajuda os pais. Nesta situação então de evasão escolar por causa de trabalho de que tem que ganhar a vida de algo forma neste sentido nós não temos nem um caso. E os índices de evasão já foram mais altos, hoje a gente esta conseguindo contorna tanto que hoje são estas duas situações que eu relatei pra você, não tenho nenhuma outra situação até porque a rotatividade de aluno aqui é baixa, nós não temos muita troca de aluno, aluno de família que, porque a gente sabe que tem comunidades aonde as famílias chegam e vão né vem de fora não se adaptam não dá certo e vão embora aqui nossa rotatividade é bem pequena são poucas famílias que vem quanto vão embora porque a maioria das famílias aqui dos alunos do colégio já são famílias residentes daqui do entorno, já moram há anos já tem seu pedacinho de terra, como já coloquei alguns são fumicultores outros da agricultura familiar, e grandes proprietários de terra, mas assim que trabalham para segundos ou para terceiros são poucos.



Pergunta: Então na área da fumicultura os alunos que estudam do quinto ao oitavo ano eles ajudam no contra turno...

Diretora: a gente não pode afirma, dizer olha tenho conhecimento, tenho certeza, que isto acontece, pela questão assim por a gente conhecer estas famílias a muito tempo né a gente sabe que a maioria delas colocam os filhos assim pra já os mais crescidos já os maiores cada um dá um apoio, dá uma ajuda né, mas a gente não pode afirma, afirma com toda a certeza que isto ocorre realmente até porque como isto é proibido até mesmo aquela família que de repente aquela que solicita a ajuda dos filhos elas não admite e não vão admitir que fazem isto, porque isto é proibido por lei. menores lá dentro da estufa trabalhando ou na roça ou em qualquer lugar que seja. Mas se isto ocorre é de uma maneira natural não se caracteriza por exploração do trabalho infantil, ao contrario acho que é uma forma dos pais de repente tá ensinando os seus filhos a trabalha até porque estão na idade de aprender um pouquinho, o que na minha opinião pessoal acredito que não esta errada é a idade correta pra se ensina o adolescente a trabalha a valoriza da onde que vem o seu material a sua roupa, o seu calçado e o custo que tudo isto tem pros pais pra manter os filho na escola. Se isto acontece se eles ajudam na lavoura, na horta, ou na estufa é de uma maneira natural, que não caracteriza como exploração de trabalho infantil.

Pergunta: Assim os alunos também não tem problemas os que trabalham, não venham ter, apresentar problemas de saúde, de desmaio, fraqueza, um diferencial no aprendiz?

Diretora: nós temos, temos situações de dificuldades de aprendizagem, mas não que a gente observe que seja por esta situação até porque eu coloquei se ocorre por situações esporádicas, porque os pais tem assim consciência de primeiro a obrigação a escola, então as que temos dificuldade de aprendizagem, como temos alguns que apresentam baixo rendimento de aprendizagem, não esta relacionado diretamente a isto, ou pelos menos não se fez assim um levantamento, não se procuro realmente verificar lá, os casos mais graves de dificuldade de dificuldade de aprendizagem de reprovação, através de avaliação psicopedagógicas constato que são problemas de mesmo deficiência intelectual, onde os alunos são atendidos em sala de recursos no contra turno, mas dai eles apresentam um laudo neurológico, é uma situação diferente. e temos outros casos de baixo rendimento de estão com notas baixas, mas a gente sabe que dai vem o desinteresse, o desinteresse pela escola, a falta de apoio familiar a maioria de nossos problemas baixo rendimento e ou de indisciplina na escola estão diretamente ligados a desestrutura familiar, problemas familiares, não relacionados ao trabalho infantil das crianças e dos adolescentes.

Pergunta: O colégio também não apresenta um calendário diferenciado por questões dos adolescentes que trabalham em contra turno?

Diretora: Não, não nós não temos nada diferenciado, porque não temos nada que diga que na época tal nós meses tal colheita de tal produto certas famílias vão estar trabalhando nisto e precisem que seus filhos vão ajudar. Então neste aspecto não temos nenhum conhecimento, nada certinho que estas crianças realmente vão lá, se isto ocorre é esporadicamente de uma maneira bem discreta e natural. Que a escola ninguém assim tem o conhecimento mesmo que de que forma isto ocorre na prática mesmo lá nas famílias. As ações que a escola faz pra tirar, assim como eu falei a gente não tem nenhum caso assim concreto, mas a escola busca trazer o aluno o mais que pode pra dentro do pátio da escola. Por que eles estando aqui dentro , aqui dentro do pátio da escola, ele vai tá de alguma forma fazendo um trabalho que vai melhorar no seu crescimento pessoal, no seu crescimento científico, melhorar no seu rendimento. Então no turno da manhã nos temos ai as turmas regulares que vão do sexto ao nono ano, e da 1ª a 3ª série do ensino médio, e no contra turno da escola é dualidade administrativa, municipal e estadual e no contra turno, nos temos projetos estaduais, nos temos o PAK; um de treinamento

esportivo (futsal) e de um aprofundamento na linguagem que é de língua portuguesa. Temos mais um de treinamento esportivo pra os alunos do ensino fundamental, também para o ensino fundamental também temos futsal, temos ainda um professor que faz um trabalho voluntário, que faz um projeto de teatro, ele também recebe um grupo de alunos no contra turno, com este grupo de teatro a sala de recursos que a gente trabalha com as deficiências intelectuais também funcionando no contra turno. Então são vários alunos que ficam o dia todo na escola em dias diferentes, pois como eles necessitam do transporte escolar, eles não tem como voltar pra casa, a aula termina no turno da manhã e eles não tem como voltar pra casa e retorna pra cá no horário de 13:00h, então eles recebem o almoço, ai eles participam destas atividades de contar turno, fazem lanche das 15horas e depois retornam as 17horas pra casa.

Pergunta: Então estes contra turno seria uma forma de projeto aprendiz?

Diretora: Ele não se enquadra num projeto de aluno aprendiz, pra nós já tivemos cursos de aprendizado, cursos técnicos, como eles não são cursos técnicos, são só atividades complementares curriculares no contra turno, então eles só visam mesmo, a proporcionar ao aluno a um momento a mais na escola, a gente pode trabalhar com o aluno de repente assim que este apresentando problemas de disciplina, problemas de rendimento, traze ele pra este contra turno, pra ocupa mais o tempo dele, pra despertar outros interesses, prioritariamente são os alunos que se encaixam digamos numa situação de risco, seja ela, risco de evasão, risco de reprovação, o que esta apresentando dificuldades a mais, então traze este aluno pra o contra turno, até pra ele de repente interagir melhor na escola, gosta mais da escola, que aproveita este momento a mais na escola e assim ele vai tá longe de casa e de repente se for o caso do trabalho, ele vai tá longe deste trabalho, de repente não é a situação, porque área rural, mais de repente este tempo que ele esta em casa ansioso, sem fazer nada até mesmo de repente de confusão ou discussão com os pais, ai ele vai tá aqui dentro da escola fazendo atividades, que vai despertar neles ai o interesse o gosto pelo esporte, já que são atividades diferenciadas e não cursos técnicos. Já tivemos cursos técnicos administrativos pelo Senac/ Senai até no ano passado, dai direcionados aos jovens aprendizes, mais este ano não podendo abrir, nem um deles, mesmo por falta de clientela, por não conseguir fechar um total de solicitados de vagas. Considerando que normalmente este tipo de curso eles colocam faixa etária para aqueles que podem fazer, e ainda ele vê no caso a escolarização, porque senão poderíamos abrir pra comunidade, mas normalmente eles exigem uma graduação no mínimo de estudo, então não é todos que conseguem se encaixar pra fazer estes cursos, normalmente é priorizado aos os alunos, e como nossa escola é pequena tem poucos alunos, então estas vagas são transferidas e abriam na cidade, temos vários alunos que fazem cursos na cidade, especialmente de informática, curso de inglês, mas dai é lá na cidade, acabam fazendo as inscrições e fazendo lá pela secretária da agricultura, pela secretária da educação, temos alunos fazendo cursos administrativos, mas dai isto na cidade, no município da cidade, na sede.

Pergunta: As industrias de fumo, elas chegam a apresentar algum projeto?

Diretora: A nossa escola já participo por muitos anos do projeto Verde Vida, principalmente a escola municipal, assim com parceria com o colégio estadual, eu mesmo já participei e já estive frente do projeto Verde Vida, aqui pela escola municipal, aonde a gente fez viagem pra Santa Cruz do Sul no Rio Grande do Sul, recebemos vários prêmios, tanto municipal quanto estadual, inclusive fomos primeiro lugar de todos os três estados PR, SC e RGS, lá em Santa Cruz do Sul no Rio Grande do Sul. Hoje a escola municipal não participa mais do projeto Verde Vida, por alguma razão eles acabaram caindo, saindo do projeto, nós sempre recebemos as empresas de fumo pra fornecer a declaração de matricula e frequência que eles sempre estão fazendo este apanhado pra vê se estes alunos filhos de fumicultores estão vindo pra escola, que é uma exigência da empresa, que as crianças estejam matriculadas e frequentando

a escola, e também abrindo portas pra concursos, nos temos uma empresa mas não ligada diretamente ao fumo de inseticida, de agrotóxicos que realizou, que convidou alunos aqui de 11 a 12 anos para participarem do concurso, agora tem dos meses a premiação ate ocorreu na semana passada, aonde a nossa aluna uma das participantes ficou em primeiro lugar. O texto dela foi falando da importância de ser agricultor, a importância do agricultor. Então este concurso foi realizado por esta empresa aonde a menina recebeu o premio de primeiro lugar um netbook, foi capa de jornal, então não esta se sentindo tanta a presença das empresas nas escolas, isto já aconteceu mais hoje já um pouco menos, mas acredito que estão sempre, a gente sempre esta sempre recebendo os visitantes pra vê esta questão das crianças estão matriculados e frequentando a escola.

Pergunta: Então as empresas de fumo não fazem mais palestras sobre a fumicultura o trabalho infantil dentro das lavouras do fumo ?

Diretora: Então, se a gente solicitasse, porque veja bem nós não podemos simplesmente chamar um palestrante sem ter um objetivo com esta palestra. Então de acordo com a data com o calendário a gente sempre esta buscando fazer parcerias principalmente com a saúde de Rebouças, com a saúde e prefeitura, agora se vc solicitar se vc achar necessário ou seja por causa da data ou por causa de algum evento que esteja acontecendo se solicitar estas empresas virão. Só que ai é como falei pra vc como a gente tem toda uma carga horária, tem todo um plano de trabalho pra cumprir, vc tem que ver em que momento isto pode se encaixar se a escola a equipe pedagógica julga necessário é uma questão de solicitar e que ele vai recebe. Agora por iniciativa deles que eles ou tentem agendar pelo menos no ano passado e este ano não estou lembrada que isto tenha ocorrido.

#### □ Entrevista II com professor

Pergunta: Eu gostaria de saber do professor como é visto a questão do trabalho infantil ?

Professor: em termos legais o trabalho infantil é proibido, é proibido hoje, se for pego um pai que o filho execute o trabalho infantil existe punições, então em termos legais é proibido, em termos assim de aprendizado eu acho que é muito válido o filho começar a trabalhar junto com o seu pai não de maneira forçada, mas na questão de aprendizado, eu tenho um projeto meu que é do jovem aprendiz, é uma lei, eu sou vereador de Rebouças, então a gente criou esta lei do jovem aprendiz motivando que o comercio local contratasse jovens de 14 a 18 anos dando incentivo fiscal para que o comercio contratasse como diz jovem aprendiz e na agricultura não é diferente há raízes e como nós estamos num momento que poucos estão saindo do campo pra procura otros, procura uma medicina, uma odontologia, na verdade estão saindo pra se aperfeiçoar e voltar pra suas comunidades, isto é bom se a gente não tem eles no campo, o Brasil acaba. Porque é o campo que constrói o Brasil. Dai nesta lógica e nesta logica este inicio do trabalho infantil esta ajuda é importante, não a escravidão infantil, mas não custa nada o dever de casa de vc ir lá alimentar o animal, ou ajudar o pai numa coisinha leve, até a observação que vc vai ter futuramente.

Pergunta: Esta questão do trabalho infantil, este tema é abordado dentro da escola?

Professor: Não, no meu ponto de vista ele é só abordado somente na questão que é proibido. E como nós estamos num encurralada na educação ultimamente, até o Eca o estatuto esta vindo pra ver, eles só vêem o direito deles, mas não vêem o direito, e o trabalho infantil também esta vinculado a isto. Eles vêem que não precisam trabalha, ai aqueles que são mais conscientes que o pai já tem uma vivencia uma questão familiar que são trabalhadores por natureza, eles ajudam o pai. Mesmo sabendo que eles não podem trabalhar e que a lei ampara

eles. Porque não é tudo mundo que vai lá e ajuda pra aprender ter este ofício, tem gente que quer dizer assim não vou trabalhar porque é proibido é proibido então se utilizam disto. E como eu digo o Eca, o Eca é uma coisa ultrapassada em termos de escola, o Eca tem mais de dez anos, se não tiver uma reformulação imediata, vai acontecer um ataque aos professores, pais uma desestruturação familiar, porque o jovem tá podendo tudo hoje.

Pergunta: Então não há nenhuma evasão de alunos em questão que querem ajudar os pais?

professor: Olha o que eu saiba do nosso relato não há, principalmente em nosso colégio não há questão de evasão. Mas quando vai ficando cada vez mais velho, o aluno vai se aproximando cada vez mais do trabalho. O aluno tem dificuldade na escola, eles procuram o trabalho. Hoje a gente não sabe de alunos evadidos em nosso colégio, em nosso entorno por causa do trabalho. Por que isto vinha mais do ensino médio. Acontece evasão às vezes, mas é questão de preguiça. Os menores são encaminhados pro Conselho Tutelar. Dai retorno com aquela má vontade de estuda as vezes, e os maiores que as vezes são retidos por muito tempo procuram o Eja, mas evasão por causa do trabalho não é bem dividido, a maioria dos nossos pais dividem bem isto de manhã escola, depois trabalho, depois tarefa e depois vai jogar a sua bolinha, então tem esta divisão. Eu tenho alunos aqui, eles treinam a tarde comigo daí eu termino as quatro horas o treino, daí vão dar pra come os bichos lá, sai daí o rapaz e esta no nono ano. Agora ele já vê ai com a ideia de fazer técnico agrícola, então é esta vertente de ele se aperfeiçoar pra volta pro campo.

Pergunta: Então estuda num colégio Agrícola.

Professor: Num colégio agrícola, ou florestal, pra eles volta ou uns vão pra agronomia, pra eles voltar mais apto pra trabalha no campo.

Pergunta: E estes alunos que estudam no turno da manhã, no contra turno ajudam os pais na fomicultura ou em qualquer outra agricultura não tem nenhuma deficiência de aprendizagem com relação aos demais.

Professor: Não, eu acho assim que trabalha não dá deficiência, trabalha não cria deficiência na verdade dignifica a pessoa, faz com que a pessoa seja mais forte, na forma de vencer os optacolos, não tem mal algum assim de apesar eu volto citar, aprendizes não no pesado, mas aprendes o ofício aos poucos.

Pergunta: O colégio também então não tem um calendário diferenciado, por conta destes alunos por conta da fomicultura.

Professor: Não, porque ainda assim no nosso em torno da escola, os pais ainda tem a cabeça por sorte que primeiro os estudos, existe a subsistência deles que é a agricultura vamos supor a fomicultura que é um jeito de sobreviver e é o jeito de sobreviver de nossa região não podemos afugentar disto porque é uma maneira mais pratica onde até quem tem pouco terreno, consegue fazer, tem uma casinha boa um carrinho, isto graças a agricultura, a pequena agricultura, aos pequenos agricultores, e a fomicultura de nossa região. mas eles levam ainda em consideração que o aluno venha pra escola, as vezes se perde um aluno porque ele acha um emprego na cidade, como tem um rapaz agora que foi pro Eja agora como eu vi, mas ele ficou trabalhando de menor de atendente de uma oficina de mecânica, fugiu, da sim ele fugiu da área agrícola por outros motivos, queira ou não queira hoje tá queira ou não tá apertando mais cedo pro jovem, o jovem tá vindo aos quinze dezesesseis anos já tá começando tem que ajudar em casa a situação muda quando a gente assinava carteira no passado com dezoito dezenove anos, hoje não, hoje bem mais cedo, não assinar a carteira mais trabalha, então tem estes detalhes que são fundamentais, mas o pai não deixa da escola

por causa do serviço, pode raramente perde um dia ou outro de aula, mas é caso de extremo que nem quando eu fui diretor aqui por um tempo teve um pía de que ficou duas semanas que justifico que seu pai se machuco que era bem na época da colheita, e ele que fez, ele estava no ensino médio terminando, daí veio batalho se formo, está no campo continuo o ofício do pai, então tem casos e casos.

Pergunta: Então tem bastante fumicultores nesta região?

Professor: Na região de Rebouças tem bastante fumicultores. Aqui ainda tem comunidades de Faxinal ainda, tem um Salto é aonde que eles não trabalham muito a fumicultura quase nada, mas eles estão trabalhando com a pequena agricultura, eles estão produzindo alface, cheiro verde, aquela beterraba pra vende nestes projetos que tem do governo estadual e federal. Principalmente pra merenda escolar, eles produzem num pedacinho de terra pra ter sua subsistência isto aqui região de Faxinal do Salto, porque aqui no Faxinal, acabo o Faxinal tinha as porteiras que foram tirados, então acabo faz anos o Faxinal o Faxinal dos Francos e daí começa a ter as lavouras de fumo, tem estas industrias fumageiras, então tem bastante aluno, que pai que trabalha neste ramo aqui.

Pergunta: E qual é a visão dos alunos em relação da agricultura do fumo?

Professor: A visão deles ainda é meu fechada naquela questão, nós vamos receber o dinheiro deste fumo daí vamo compra um carro, uma casa, melhora, compra uma ropa nova, então eles tem esta visão fechada, eles não fazem uma avaliação ampla que nem a gente tem a capacidade de faze, se o fumo é bom, se o fumo não é bom e se até nós vamos faze uma avalição, eu só contra o fumo, eu só contra o fumante eu acho que tem se preservar a saúde, mas pro outro lado você tá vendo que a subsistência deles esta dependendo deste ramo, então se este ramo esta possibilitando pra nossa região, nós não podemos deixar entre você ser contra, fuma quem que, e a indústria fumageira se faz da região, porque não é apresentado uma nova cultura, vamos fazer hortaliças, e dá bem menos, e não tem aquele seguro como as industrias de fumo dão, o cuidado do fumo é trabalhoso, mas é até menos que uma outra cultura, enquanto não entrar culturas novas a questão do fumo ainda é uma questão que traz o desenvolvimento pra região. Quando acaba si, acaba um dia esta questão das industrias fumageiras, se não tiver uma nova cultura pra que este povo sobreviva vai ser a miséria total. Porque muita gente sobrevive disto, então se já não ter uma psicultura, uma profissão pra contratar tratoristas, fruticultura, só que daí já é uma questão de longo prazo, e vejo que muita gente não esta se precavendo se um dia der uma racha nisto ai, diminuir bastante. Eles já deveriam estar se armando um pedaço de outro terreno com uma outra saída de sobrevivência pra eles ali no campo, porque eles não vão pode inventa, mesmo porque não vão poder buscar emprego na cidade pois tem pouco já lá o município é pequeno. Então tem este lado.

Pergunta: E as empresas fumageiras elas dão algum seguro de vida para os fumicultores ou não?

Professor: Eu não sei como é o seguro, eu só sei que eles tem o seguro da plantação, caso assim, chuva de pedra, se ela destruí eles estão segurados, este seguro que eles pagam, eles não ficam no prejuízo. Fica elas por elas, mas ficam devendo, eu desta espécie de seguro, seguro de vida eu sei se eles tem.

Pergunta: As industrias fumageiras fazem palestras no colégio, tem projeto de estudos com os alunos?

Professor: Nas escolas estaduais não, as escolas estaduais algum tempo atrás tinha até restrições pra assina um registro pra comprova que o aluno estava frequentando a escola, porque eles cobram, o filho tem está matriculado e ter frequência na escola, pra evita que ele

perca os recursos da fumageira, porque senão não libera recurso, tem este critério.

Pergunta: Então o aluno precisa estar na escola.

Professor: Sim precisa estar matriculado é bom até que vc de uma pesquisada com alguma empresa, bem certinha, mas eu lembro quando era diretor tinha que assinar que o aluno estava na escola, estava com frequência, pra eles continuar ter os programas, recebendo das empresas e contrato renovado com a empresa, senão não renovava, a empresa por um lado, ela também cobra o estudo, todos os filhos tem que estar na escola, com frequência e nota.

Pergunta: E pra eles não estarem na lavoura trabalhando.

Professor: e não tarem na lavoura trabalhando. Já meio pra eles se defenderem da questão do trabalho infantil.

Pergunta: Porque havia uma questão que li no jornal sobre uma denuncia de trabalho infantil, em Rio Azul.

Professor: Aqui em Rebouças também teve no Riozinho de Baixo, mas dai era questão que a criança não estava indo pra escola, pegando no pesado, até foi um amigo meu que fez a denuncia, e se elegeu vereador depois, por causa disto. Ajudou isto pra ele também. Na verdade é porque é uma lei. Vc não vai por um filho teu no arado precocemente, tem que ter a face de aprendizado.

Espero ter contribuído, porque é uma visão meio diferente a minha, defendo que tem que ter enquanto não tiver novas opção de cultura.

## APÊNDICE C – Entrevista Colégio Estadual de Gonçalves Junior

## Entrevista I

Professora: A diretora me deixou várias anotações aqui, vc não sei o que vc vai perguntar, ou como vai proceder.

Pergunta: eu gostaria de saber se tem muita evasão dos alunos dentro do Colégio.  
professora: bem a diretora colocou aqui : em 2009 a gente iniciou no Ensino Médio eram 25 alunos na primeira série, neste ano teve 4 desistentes, nesta turma de 25, os 20 alunos concluíram em 2011. Destes alunos 9 estão fazendo universidade e 1 está fazendo magistério, vendo assim teve bem pouca desistência, e estes que desistiram é por causa do matrimônio, aqui costumam casar principalmente as meninas, os meninos até continuam, mas as meninas casando elas param de estudar. Até nós temos agora no 3º ano do ensino médio, tem duas meninas elas assim são nossa, uma delas a Franciele é uma menina muito inteligente, ela tem uma facilidade de resolver atividades, só que ela terminando este ano o ensino médio ela vai para casa e só ficar daí na lavoura no fumo. A gente fica pensando é bom que tenha o segundo grau, só que é uma pena ela não continuar pelo potencial que ela tem. Então a questão de evasão em 2010 de 20 alunos teve um desistente. Em 2011, 22 alunos na primeira série, cinco destes estão na universidade. A maioria não fez o vestibular, questão financeira, questão lavoura.

Pergunta: Na lavoura do fumo?

Professora: Infelizmente no fumo.

Pergunta: Então vcs professores tem conhecimento do trabalho no fumo destes alunos? Os alunos estão pela manhã e pela tarde ajudam nas lavouras?

Professora: Eles estudam a noite, o nosso ensino médio é a noite, e de manhã e a tarde eles ajudam nas lavouras de fumo.

Pergunta: E os do ensino fundamental também ajudam na lavoura do fumo?

Professora: Ai eles já são menores, crianças, ai tem alguns que ficam no Peti, mas alguns ficam em casa, agora que a lei está mais rigorosa, os pais estão cuidando mais, então as crianças menores não estão assim indo ao fumo, eles ficam em casa, fazem atividades, ajudam a fazer servicinhos leve de casa sabe. não estão mais indo a roça quando é lavoura de fumo.

Pergunta: Então o rendimento dos alunos sendo eles do interior, e alguns ajudando em casa, chega a ser todo igual?

Professora: Sim, alguns alunos morram aqui, na comunidade mesmo de Gonçalves Junior, e que vem das comunidades da redondeza, de Mato Queimado, Volta Redonda, Campina, Linha B, Invernadinho, então são comunidades que ficam próximas, então eles vem com o transporte escolar até aqui. O rendimento é bem diferente, tem aqueles que se dedicam mais, tem aqueles que tem mais facilidade, tem aqueles que tem um histórico familiar diferente, então o que assim a gente percebe são alunos que se dedicam bastante, eles não faltam aula, eles não gostam quando é dispensado aula para curso ou reunião de professores, eles não gostam de faltar na aula. Durante o dia a gente também não tem falta de aluno só quando tem problema de ônibus de transporte, daí a gente tem a falta dos alunos, mas gostam de vir pra escola, eles frequentam com bastante agilidade, assim dificilmente faltam e para eles a gente vê na minha opinião a escola é um lugar no interior, não tem um lugar pra divertimento, nos temos falta assim de cultura, de teatro, os jovens possam participar de coisas saudáveis, então

eles tem esta falta, então a escola é o ponto de encontro, onde eles vêm contar sobre o dia, e eles se dedicam bastante aos estudos, a gente vê que são turmas tranquilas, os professores gostam de pegar aulas aqui, muitos destacam que deixam de pegar aulas no centro, apesar do asfalto como vcs viram não esta nada fácil, mas eles preferem pegar aulas aqui porque é fácil a convivência em sala de aula, são alunos assim que trazem toda aquela cultura tradição familiar de respeito, assim o professor ainda é uma figura bem importante na comunidade, então são assim alunos que a gente conversa, a família é bem presente nas reuniões, então a gente tem a participação da família, a conversa com a família é bem tranquila. E isto ajuda bastante em sala de aula, o rendimento e a participação dos alunos .

Pergunta: O calendário escolar de vcs também não é modificado, segundo a LEI da LDB?

Professora: o calendário, é feito assim, Irati como um todo é um local que atende alunos que estão no interior, então o calendário é feito em conjunto com todos os diretores e existe a possibilidade sim se for o caso, mas como os nossos alunos não trabalham no fumo é um trabalho proibido e os pais estão conscientes disto hoje, então não tem como a gente fazer um calendário mais específico ainda, então ele é bem dividido assim já é tradicional eu acho que todas as escolas de Irati seguem um calendário só, e isto é bom porque tem alunos que mudam de lugar, se eles estão aqui e mudam pra outra escola , então eles tem uma consequência, então o calendário atende, então o calendário atende assim a questão, assim o mês em que os pais trabalham mais na lavoura que de repente fica mais difícil de mandar o aluno pra escola pra apronta, é dezembro e janeiro e fevereiro e estes meses são os meses de férias dezembro e janeiro, então o calendário já é pensado, o mês de junho também, então já é pensado nestes dias, no meu ver é um calendário que esta bem ajustado,, esta bem coerente com a realidade nossa aqui sabe do interior, assim não tem o que mudar mais por que a realidade, o fumo é uma cultura que exige o ano todo, os pais estão envolvidos, começam a lidar com as sementes com os canteiros, então se for pensar não tem, mas o que apura mesmo é no final do ano onde os pais tem que ficar, amanhece na estufa e encaminhar o filho fica mais difícil e é o período de férias da escola.

Pergunta: E antigamente em que a lei não era tão rigorosa, assim com relação ao trabalho do menor, eles os alunos iam pra lavoura de fumo ou não?

Professora: não o plantio do fumo aqui em Gonçalves Junior começou a intensificar a uns cinco anos assim , porque antes era uma ou outra família que plantava, então era bem pouca, agora nos últimos anos que a gente vê porque é a única cultura não que de dinheiro entre aspas ele oportuniza a compra é tudo mais fácil pra o agricultor e isto muitos vêm como lucro, é para todos os dia o feijão hoje tem que ir atrás da semente não tem quem venha na casa, o que o fumo faz hoje nenhuma outra cultura nenhuma cooperativa nada assim que a gente vê não traz nada tão fácil ao agricultor, então a gente vê que quase tomo conta das nossas terras o fumo, uma planta que é um vicio e não um alimento é uma tristeza a gente ver isto , porque deveria ser diferente. Invés do fumo deveria ser planto comida, daqui alguns anos o reflexo disto vai ser bem complicado vai se sentir bastante o que assim o trabalho infantil, o Peti já existe alguns anos aqui na escola e os pais assim no interior, eu lembro quando eu era criança eu ia pra roça, e se eu ia eu ia pra ficar junto dos meus pais e não pra trabalha, nós ia e ficava brincando na carroça, ou no mato ali pertinho, nós ficava sobre os olhos dos pais nos ia pra roça, mas não pra trabalha, e a gente vê que muitas famílias ainda seguem isto até hoje, eles levem os filhos pra cuida, mas não isto é muito bom a convivência com a família, de repente o aluno fica oito hora na escola, então ele sai de madrugada de casa os pais, ele pouco vai ter um convívio com a família, a questão cultural, as tradições vão sendo esquecida, e a criança que tem convívio ali vinte e quatro horas, ou tem um tempo



maior com a família que só vem pra escola durante um período, ela vai ter muito mais conhecimento das suas raízes vai ter amor naquilo que os pais fazem, então eu vejo que as crianças que vão pra roça não vão pra trabalhar, eles vão pra acompanhar os pais e pra ficar sobre a guarda dos pais.

Pergunta: E a questão deste trabalho infantil já foi alguma vez assunto no Colégio, em reunião de pais.

Professora: Sim a gente tem muito trabalhado a questão do ECA nas aulas, eu trabalho com a disciplina de História, então a gente destaca bastante, os pais, e a gente teve várias reportagens da Rede Globo no fantástico teve problemas, então assim foi bem divulgado, todos estão conscientes e é bastante falado na escola nas salas de aula, reuniões de pais estão todos bem cientes da questão da lei do Eca, da lei que protege a criança que o contato com o fumo e o perigo o problema com o veneno então aquele ir pra roça como quando eu era criança que eu ia pra roça que era uma festa, era um passeio a carroça a gente brincava a tarde toda enquanto os pais trabalham eu ficava ali brincando, hoje é outra realidade por que naquele tempo a gente não tinha o uso do veneno, hoje a criança ir pra roça com o pai que planta fumo é bem complicado, porque tá ali o tempo todo, ele tá carregando o veneno, hoje já não vai mais carroça é o trator já é uma coisa um pouco mais perigosa porque a carroça ele ia devagarinho, e o trator já é mais perigoso e sempre tá sendo usado pra passar agrotóxicos, a criança ali só com o contato com o trator já vai ter a contaminação do veneno, então mudou bastante a realidade, mas a questão de trabalho infantil tá bem consciente e não acontece a gente não vê nenhum aluno assim, a gente não percebe em sala de aula, que nenhum aluno é explorado, eles fazem aquele servicinho básico aqueles serviços educativos. Ajuda, auxilia na organização da casa, na organização das coisas, a gente sempre vê todos os alunos e a gente sempre está atento a esta questão, mas graças a Deus a gente não percebe, eu nas minhas aulas eu trabalho com todas as turmas desde o jardim da educação infantil da escola municipal eu não percebo nenhuma criança que sofra com esta questão de trabalho forçado de que os pais, não é uma questão educativa, e a questão do fumo a criança esta bem afastada, a gente percebe que hoje estão bem conscientes de que é problema e que não se pode levar a criança a este contato.

Pergunta: E os pais que levam mesmo as crianças por não terem onde deixar, eles apresentam algum sintoma de vômito, algum mal estar por terem contato direto com o veneno?

Professora: Eu não percebi assim de veneno, normal quando vêm pra aula, acho assim que há todo um cuidado da família que a gente percebe quando eles tem que lidar com o veneno, acho que mãe fica em casa, então neste dia a mãe procura ficar distante estas que tem criança pequena, nas na colheita que não dá tanto uso do veneno.

Pergunta: Tem bastante plantação de fumo para esta região?

Professora: Infelizmente, infelizmente é um problema uma questão financeira, chegamos a este ponto, há algum tempo atrás sempre comento com os meus alunos que uns quinze anos atrás na época de fevereiro vivia coberto o asfalto e era bonito de ver muito feijão secando é comida é alimento e com o passar dos tempos a gente só vê carretas, tratores passando com fumo, fumo, fumo tomo conta por causa da questão de incentivo e de assistência mesmo, eu acho que o agricultor tá bem sozinho e o fumo eles vem na casa tem o rapaz o instrutor que vem na casa faz toda a documentação a pessoa é cômodo ela não precisa sair de casa, agora para fazer uma outra cultura eu lembro que meu pai assim ele tinha que ir várias vezes ao banco, passava dias, horas dentro do banco até lá conseguir um financiamento toda esta burocracia desta pessoa pra ser avalista daí passava o tempo lá plantava-se com aquela

dificuldade eu lembro quando criança a gente passava bastante dificuldade nesta questão ai eles colhia e pagava um caminhão para leva esta produção, ai chegava lá no depósito olhavam quando tinha bastante olhava-se o produto lá achavam defeito voltavam com toda a carga e tinham que pagar novamente o frete acabavam vendendo pela metade do preço, então durante anos isto foi desgastando e dai as pessoas viram no fumo infelizmente, até quando a gente fala em sala de aula agora até esta bem mais tranquila a questão, mas no inicio a gente percebia que as crianças transmitam o que os pais pensavam e foi a salvação só seguro as pessoas aqui no interior só seguro as pessoas aqui em Gonçalves Junior se não tivesse a produção do fumo infelizmente da cultura do fumo hoje estaria deserta só estariam os aposentados aqui. O que seguro ainda as pessoas mais novas que não foram embora foi a cultura do fumo que começou a dar uma renda um pouco melhor, olhando bem esta renda ela é a facilidade de chegar na renda é um troca troca se você for ver. Só que é o que esta segurando as pessoas aqui no interior.

Pergunta: E estes instrutores das industrias de tabaco eles vem visitar o Colégio para ver se os filhos dos fumicultores estão frequentando as aulas?

Professora: Eles tem uma frequência que eles tem que preencher, então eles comparecem na escola, eles vem ver se o aluno está na escola, e se não esta tem todo um problema de financiamento, mas ainda tem bastante problemas que ainda, existem alguns alunos que passaram da idade e assim acabam desistindo dois ou três alunos, que se matriculam na época de fazer o financiamento dai quando esta tudo fechado eles desistem da escola mais ainda são pouquíssimos que estão nesta, mas eles vêem os instrutores sempre vêem pra escola eles tem uma ficha pra preencher pra vê se os alunos estão vindo pra escola frequentando a escola.

Pergunta: A empresa não apresentam nenhum projeto com os alunos da escola pra manter eles na escola no contra turno?

Professora: Eles tem o Peti.

Pergunta: E as industrias como a Afubra não fizeram nenhum projeto como o Verde Vida com os alunos?

Professora: Sim nós tínhamos estes projetos no Colégio só que no governo foi a questão da cultura do fumo não ser falada na escola não ser, sabe incentivado mais. Então nestes projetos a gente tinha o clube da árvore tínhamos uns incentivos bons, bons entre aspas porque a empresa da pouco e quer muito em retorno a gente ate na escola municipal que sou professora a gente teve no inicio do ano passado a gente ia ter um projeto bom nós íamos produzir, mas nosso trabalho era muito e a empresa dava nem adesivo porque a cota lá era pouca, então eu acho que a criança que participa, se empenha que trás sementes pra escola ela merece um caderno melhor uma caneta melhor de qualidade, não como uma coisa com o nome da empresa, mas uma coisa que valorizasse dai que a escola não acabou participando porque a gente começou a questionar e vimos que não era.

Pergunta: É um projeto de pura propaganda?

Professora: É e a qualidade não é boa os alunos coitadinhos ficavam hiper felizes porque eles ganharam uma malinha, uma caixa de lápis de cor e um caderninho pequenininho e depois eles davam um caderno um pouco maior, mas isto era durante o ano eu sempre falo isto sempre nas salas de aulas nas aulas de História pra eles começarem a ler os contratos na hora que o instrutor vai lá que eles tenham o hábito de lê no que esta escrito naquelas clausulas bem miudinhas.

Marcia: É eu já li reportagem que os agricultores na verdade estão como empregados destas indústrias, que eles nunca conseguem pagar a dívida.

Professora: Eu comparo isto quando vou trabalhar a Idade Média, Feudalismo então eu faço eles entender como o processo mudou o nome, mas se eles forem ver eles estão hipotecando a casa tudo o que tem e se eles não paga eles vão perde.

Pergunta: E já teve caso em que perderam?

Professora: Não chegou a perde, mas ainda esta na justiça ainda tá tudo aquele, mas tem uma família que trabalha aqui na escola municipal, ela trabalha de merendeira, mas ela teve um problema sério por não conseguir pagar porque as terras que eles usavam eram muito fraca e o fumo não produziu, e não conseguiram, ai na época passo teve uma reportagem tudo, mas aquilo eu até gravei aquela reportagem mais depois daquilo não se falou mais, não sei em que pé se fico. Mas é triste porque geralmente eles não leiam assinam e aquela coisa de facilidade que te falei, comodismo, é mais fácil ele vem na casa, ele trás tudo a firma faz o maior empenho na hora da propaganda e depois a gente vê que depois de amarrado não pode pular mais fora e é a questão que acaba, são poucos que conseguem aquelas pessoas um pouco mais que leiam mais que se informam mais, que cobram mais, elas tem um pouquinho mais de lucro, mas precisava muito mais de a firma precisava investir bem mais, na questão do Peti os materiais é complicado.

Pergunta: O Peti é uma forma de evitar o trabalho infantil?

Professora: Que eles fiquem em casa, só que no meu ver no meu entendimento falta muita estrutura pra esta criança ficar o dia todo. Assim do jeito que tá não está bom.

Marcia: Não?

Professora: Não eu acho que deveria mudar muito, muito, mas infelizmente...

Marcia: Mas em que sentido mudar?

Professora: A questão da criança ter mais condições que ela fica numa escola integral que ela deveria ter mais materiais, não estes materiais consumíveis cartolina que se faz cartazes, que aqui a dois dias eles jogam fora e não é nem aproveitado aquilo, mas uma coisa que ele produz que ele aprenda um trabalho manual, que ele aprenda.

Marcia: Um aluno aprendiz?

Professora: Isto, que enquanto ele está ali ele aprenda como plantar um pé de árvore de fruta, de como cuidar, e de vai dar desta fruta quais as vantagens de ter um pé de árvore frutífera no teu terreno. Ter durante este período que ele fica a mais na escola ele ter uma palestra sobre a agricultura, os venenos, não é para ele ficar jogado, como a gente vê, como na maioria é assim, ele fica por ficar pra não ir embora, mas não há um acompanhamento, não sei eu não percebo, eu não vejo, talvez eu esteja errada porque eu fico em minha sala e não vejo, mas não tem um trabalho mais aprofundado sobre estas coisas.

Marcia: E o Peti é desenvolvido por professores também?

Professora: Ela esta estudando no magistério, é contrato, agora ela já tá dois anos e cada vez esta mudando, monitores que vão atender estas crianças.

Marcia: E são muitas crianças de ficam no Peti?

Professora: O Peti quem responde é a diretora do município, ela que cuida desta parte. Eu trabalho no município e sou professora do jardim três, então a gente vê, muito aquém do que, eu acho que são projetos excelentes do governo federal vai chegando vai chegando aonde deveria acontecer é morto, no Brasil muita coisa é assim. A ideia é boa a questão deles

ficarem na escola, mas quando vc chega lá, lá onde deveria a criança, a criança, ela não sabe o que esta fazendo. O por que, desorientada, e sem estrutura, a infraestrutura eles estão como nosso Peti hoje está ali no clube, um lugar bem complicado porque é feito baile gente que aglomera lá, não tem baile com frequência, mas já aconteceu de ter baile no sábado e a criança estar lá na segunda, a higiene não é adequada os banheiros, então eu como professora que vejo, infelizmente não posso contar isto porque senão sei que vou ser punida por isto, mas é bem um caos, então a questão assim é bem complicada.

Marcia: Então não tem um lugar específico para desenvolver o trabalho?

Professora: Não

## □ entrevista II

Pergunta: Gostaria de saber da senhora qual a visão e o conhecimento sobre o trabalho infantil na fumicultura?

Diretora: Acho que posso ser bem objetiva nesta resposta, eu acredito que a visão das famílias hoje está bem esclarecida, bem disseminada a ideia que a criança deve estar na escola e estudar, e o trabalho na fumicultura fica mais reservados para os pais, ou especialmente reservados para os adultos. Então a gente tem todo o trabalho de anos de conscientização, de incentivo na escola, e do meu conhecimento os alunos, eles tem frequência as aulas e o trabalho na lavoura é reservado aos adultos.

Pergunta: O trabalho infantil é um tema abordado na escola?

Diretora: Sim, de uma forma interdisciplinar, então ele faz parte das discussões das propostas pedagógicas do Colégio, então cada disciplina tem determinados momentos de uma forma mais intensa, faz parte do planejamento da atuação dos professores.

Pergunta: Os alunos do ensino fundamental eles estudam pela parte da manhã e pela tarde ajudam em casa no trabalho?

Diretora: Sim, muitos alunos estão no programa Peti, alunos que se enquadram na especificidades do programa, eles frequentam o Peti no período da tarde. Hoje por exemplo, na quarta feira nos temos projeto de esporte e lazer, que os alunos frequentam nas quartas feiras, mas isto é uma parte dos alunos que frequentam este projeto, os demais eles estudam no período da manhã e na tarde tem atividades com a família, muitos auxiliam nos pequenos trabalhos domésticos que é muito positivo, agora se estão diretamente ligados a lavoura do fumo, pelo conhecimento que eu tenho é os adultos que fazem o trabalho, e as crianças assim não tem o envolvimento direto ou sistemático com a plantação de fumo, então é um trabalho que compete aos adultos, esta é a conscientização, esta é a orientação, e assim eu acredito que todo este trabalho que já foi feito e é feito, as próprias empresas fumageiras elas constantemente estão ai no colégio pegando declaração de frequência, ontem ainda a empresa pediu a declaração de frequência e matricula dos alunos no colégio, então a gente não tem caso de crianças que evadiram e estão diretamente ligado nas lavouras de fumo.

Pergunta: E porque as industrias vem pedir frequência dos alunos?

Diretora: tem toda uma politica de governo que nas clausulas que dos contratos acredito eu que os financiamento das lavouras, uma das condições é que o aluno esteja matriculado e frequentando regularmente o colégio, então há um dizer, podemos dizer assim falar das famílias, que os próprios alunos que a continuidade das produção a renovação dos pedidos de plantação de fumo estão condicionados a matricula e frequência dos alunos no colégio.

Marcia: E isto está relacionado com uma denúncia que ocorreu uma vez no Rio Azul por conta do trabalho de crianças na fumicultura?

Diretora: eu não tenho conhecimento desta denúncia, mas eu acredito que todas as situações em que as crianças estão fora da escola tem todo um trabalho, o núcleo de educação de Irati, ela tem a rede de proteção, então esta rede ela é formada por profissionais de diferentes áreas, então são pedagogos diretores, o pessoal da patrulha escolar, do conselho tutelar, e os movimentos organizados do município, então se tem todo um cuidado de zelar pela frequência e aproveitamento do aluno, enquanto escola, enquanto aluno. Então estas situações assim é esporádicas de crianças fora da escola, elas são analisadas pelos órgãos competentes e as medidas são tomadas, então aqui no colégio por exemplo tem situações de alunos frequentando normalmente as aulas, e não conheço situações que estas crianças sejam exploradas no trabalho. então tem um trabalho de conscientização de anos da importância da criança estas frequentando de ela ter o tempo assim disponível pra estudo tarefas escolares, pesquisas, então os pais valorizam muito esta questão de o aluno estudar, até agora pouco tempo atrás, estava uma mãe aqui, pois a gente faz uma reunião bimestral pra entrega dos boletins, a gente tem uma participação muito boa dos pais nas reuniões são feitas reuniões no mesmo dia, na parte da manhã e pela noite, com o intuito de atingir todas as famílias, e aquelas por ventura não tem condições de vir no dia da reunião, elas continuam mesmo depois da reunião bimestral, continuam a procurar o colégio, assinando a lista de presença, retirada dos boletins a gente conversa chama os professores como foi no caso de hoje de manhã, então aquele relacionamento muito próximo de escola e família, uma parceria e escola.

Marcia: Vocês tem algum conhecimento sobre a visão dos pais com relação ao trabalho na agricultura na ajuda em casa?

Diretora: a visão que os pais demonstram e a gente percebe, eu também tenho irmãos que também tem questão de filhos pequenos e trabalham com agricultura e fumicultura, então a visão deles é que o lugar da criança é na escola, eles fazem todo um esforço até maior do muitas vezes de suas possibilidades pra manter a criança na escola de fazer questão que estudem, pelo o que eu conheço dos pais, eles valorizam e querem que os filhos estudem e aquela preocupação de dar o melhor, pai que ama sabe que a escola é o melhor pro filho, então a gente tem esta consciência bem presente, eles querem algo de bom pros filhos, isto se concretiza com as frequências nas aulas, no tempo que eles disponibilizam pros filhos estudarem, tem muitas situações dos alunos irem após no horário contrário fazer pesquisas no laboratório de informática, na biblioteca, ontem a tarde por exemplo alunos do ensino médio estavam a tarde toda fazendo um trabalho de biologia é comum na sexta feira estar agendado alunos do primeiro não vão estar na biblioteca e no laboratório de informática fazendo um trabalho, então semanalmente a gente tem presença de alunos no horário contrário principalmente do ensino médio pra fazer pesquisa, trabalho de estudos em grupo.

Marcia: E o Peti ele trabalha com que?

Diretora: O trabalho do Peti é direcionado como te falei pra algumas famílias alguns alunos que se enquadram dentro das especificidades do programa. Ele é totalmente organizado e conduzido pela prefeitura municipal. O Peti tem a monitora que é contratada pra trabalhar com estes alunos em horário contrário, eles participam de treinamentos o próprio programa disponibiliza materiais, principalmente esta questão de artesanato, arte, aí as monitoras procuram desenvolver este artesanato, arte, e aí as monitoras procuram desenvolver este lado cultural, artesanal, eles tem momentos de esporte, lazer, eles usam bastante a quadra do colégio, eles tem momentos próprios pra realizações de tarefas e estudos, e eles ficam durante toda a semana. Inclusive alunos meus daqui do colégio estão matriculados na sala de recursos e também no Peti, então no momento que eles estão na sala de recurso, porque trabalham

direcionados as dificuldades apresentadas pelos alunos, a hora que eles não estão na sala de recurso, eles já estão envolvidos com as atividades do Peti, então seria assim uma pequena mostra, uma pequena ideia de o que seria a escola em tempo integral. Então este projeto que a gente oferece uma vez por semana no período da tarde ele já está voltado com a ideia de escola em tempo integral e a gente só não fez não aderiu esta questão do aluno com mais atividades com mais tempo na escola com período integral devida da dualidade administrativa, tanto a escola municipal, quanto o colégio que funcionam no mesmo espaço a gente está deixando de aderir nossos programas do governo federal que estão incentivando a questão do tempo integral devido a questão do espaço. E na medida hoje há uma grande expectativa em relação na construção da nova escola municipal aqui no distrito daí a escola municipal terá espaço para que ela também faça adesão a estes programas e começa a oportunizar a educação talvez parcial em tempo integral num futuro totalmente e a mesma ao colégio. então acredito que no próximo ano as possibilidades de mais alunos estarem frequentando o contra turno com atividades diversificadas vai ser possível devido ao espaço.

Marcia: Vocês tem algum projeto de aluno aprendiz?

Diretora: Já tivemos, vários cursos de jovem aprendiz desenvolvidos aqui com intermédio da escola nos espaços alternativos da comunidade, então foram vários momentos de cursos oportunizados aos jovens, não só cursos diretamente dos jovens aprendiz. Então foram direcionados aos alunos, cursos direcionados pra comunidade, pras mães através do Senar, Provopar, então durante estes últimos anos podemos citar vários cursos que foram voltados pra formação de pessoas moradoras do interior.

Marcia: O colégio apresenta evasão escolar?

Diretora: Nós temos até ontem preenchemos uma planilha nós temos duas situações de evasão no ensino fundamental, um aluno que todo a um problema social da família ele tem necessidade, é um aluno que teve reprovação, então ele está com uma idade que deveria estar no ensino médio e ainda está no ensino fundamental, aí ele iniciou a frequência das aulas no mês de abril, todo um trabalho do conselho tutelar, assistência a família, aí ele retornou pro colégio num período assim em que o trabalho, como lhe posso dizer assim, não tinha condições de ainda estar no colégio, agora devido as dificuldades da família ele precisa trabalhar, ele é assim um caso diferente do conhecimento do conselho tutelar, que ele é uma fonte de renda pra família, já esta jovem, então este é um caso que está fora do colégio. E outro caso de evasão é de um menino que veio transferido de Irati e tem toda uma história de vida traumática sem pai sem mãe e agora abandono e foi morar com o irmão. Então o conselho tutelar o trouxe, fez a matrícula teve todo um trabalho, mas a situação do menino tão delicada veio morar com o irmão, não deu certo ele evadiu, uma situação que extrapola os muros da escola, uma situação familiar bem complicada. Os nossos alunos são moradores daqui, que tem moradia fixa aqui, eles são alunos que frequentam normalmente, caso de reprovações existem sim, com caso de dificuldade de aprendizagem, temos casos de desinteresse de alunos, temos isto, não negamos, mas é um número pequeno, e o normal o comum é o aluno frequentar o ensino fundamental, o ensino médio, muitos dos nossos alunos do ensino médio bem significativo de alunos que concluíram o ensino médio e estão frequentando a universidade. Então das três turmas que a gente já formo, em torno de 60 alunos, nós estamos com 29 alunos na universidade, podemos dizer que é um terço, e o outro terço optaram em fazer o ensino profissionalizante uma boa parte destes alunos, optam apenas em fazer o ensino médio, é o caso de casamento por parte das meninas, elas planejam ter o ensino médio e toca a vida principalmente na agricultura já sendo pequenos produtores, então é uma característica do lugar, pelos agora uma aluna excelente do terceiro ano e ela está casando agora no meio do mês de setembro e vai optar só de ficar com o ensino médio.

Marcia: Nesta região tem bastante área de fumicultura?

Diretora: Devido a característica do lugar são pequenas propriedades, então a questão da fumicultura veio de encontro com o desgaste das terras a questão de produção em quantidade maior devido a questão dos terrenos a questão do uso de máquinas como hoje é comum nas lavouras é um investimento que não compensa devido o tamanho das propriedades. A grande maioria já tem maquinários pra que possa tocar uma lavoura de fumo com mais agilidade, mas não é um foco grande de produção, a fumicultura se adapta devido as características, pequenas propriedades, um trabalho familiar e como uma alternativa devido ao preço do produto, até então plantado não corresponderam, muito trabalhosos e a renda familiar baixa, então é um investimento grande e um retorno muitas vezes pequeno, diferente da plantação de fumo, que menos espaço de terra você tem um retorno melhor, esta é a visão.

## APÊNDICE D - Entrevista com o Colégio de Angai

Marcia: Qual a relação das indústrias de fumo com a escola?

Diretora: periodicamente, não periodicamente, de tempo em tempo, acho por bimestre, eles pra nos uma ficha pra gente coloca se aquela criança filha de tais agricultores esta frequentando direitinho, venham aqui colhem a assinatura da gente o carimbo da escola, tudo bem certinho, porque segundo eles uma família que esteja trabalhando com eles não pode ter nenhum filho fora da escola, é uma norma da empresa, na verdade de todas elas', porque a gente recebe de várias empresas.

Marcia: E o rendimento dos alunos é igual aos demais alunos?

Professora: É igual, porque eles nem sempre trabalham.

Diretora: tem por exemplo outras atividades como a colheita de batata, onde os alunos também participam os maiores, os do ensino médio, eles participam também, então tem várias outras atividades em épocas de agricultura que eles participam e que a gente até considera até valoroso para eles, eles criam assim um senso de responsabilidade de ter que trabalhar, ajudar, porque afinal de contas o mundo deles é este o campo, porque se eles não aprenderem a gostar a toma gosto neste setor, não tem nenhum sentido.

Marcia: O calendário assim tanto pra colheita de batata ou na área da fumicultura vocês tem calendário diferenciado?

Diretora: calendário diferenciado a gente até fala sempre que na hora das propagandas, uma fantasia de fazer um calendário, o calendário diferenciado, acompanha os agravantes: por exemplo os professor daqui, concursados nós temos cinco professores, os restantes são todos pss, pegam um pouquinho aula aqui, outro ali. Então se fizéssemos um calendário diferenciado, já nem iria conseguir professor, porque este professor iria ter férias agora aqui, e depois terá que trabalhar em outra escola e ele não iria ter férias. O transporte escolar, já precisamos andar em dualidade com o município, mais ou menos os calendários iguais do município, porque o mesmo ônibus que devolvem os nossos na hora do almoço, tras os pequeninhos pra a tarde, então existe uma situação elevada: ela é muito bonita, existe a lei, mas quando chega no finalmente, esbarra em muitas dificuldades, a não ser que fosse uma escola totalmente independente com seus professores concursados, efetivos. Professora; Por se fosse lá no campo, se fosse lá mesmo, ela e do campo, mas não esta no campo, e mesmo assim, por exemplo vi que tudo é a mesma situação em questão de professores, os professores não conseguem pegar aula só numa escola pra suprir toda a carga horaria dele. Ia dar bastantes problemas, já ia entrar nas lei trabalhistas.

Marcia: Com a fumicultura existe evasão escolar?

Diretora: do ensino fundamental até tranquilo, agora do ensino médio falando hoje de manhã a respeito, assistindo uma reportagem ontem pelo Fantástico de cada dez alunos três, concluem o ensino médio, fiquei assustada com esta noticia e aqui no ano passado tivemos o primeiro ano do ensino médio e este ano segundo e terceiro. Então é começo, e assim mesmo a gente esta tendo assim, a gente anda meio assustado porque do inicio do ano até agora mais ou menos uns dez alunos né Marli, que param de vir este ano.

Professora: Foi é que completaram dezoito anos e já o conselho tutelar não tem ação sobre eles, é casaram, meninas que casaram e que entendem que depois que se casa não precisa mais vir pra escola, e assim por trabalho mesmo dois ou três, bem pouco.

Diretora: Mas primeiro eles tem dezoito anos, dai a lei não obriga mais e optam por sair pra trabalhar. Então a evasão se dá neste sentido. Em questão de trabalho assim deles acharem que, e precisam trabalhar mesmo, estas crianças que ficaram defasadas que reprovavam e



chegam ainda aos dezoito anos e estão no ensino médio, eles não se sentem muito à vontade sabe, embora temos o Eja a noite que vem, só que a Eja é só com dezoito anos e este ano tivemos bastante problemas porque eles readequaram o sistema da Eja e abriram pra fazer matriculas quatro etapas no ano só. mas como não temos uma demanda muito grande de alunos muitos alunos que evadiram voltaram pra fazer cadastro no Eja. Só que eles só vão conseguir disciplinas ano que vem. Porque daí a gente inicia o ano com uma disciplina e as vezes esta disciplina vai até no final do ano. Então na metade do ano ele não consegue ser inserido no Colégio. Pro ano que vêm a gente vai montar um calendário específico da Eja. Que contem abertura de disciplinas durante o ano.

Marcia: E a questão do trabalho infantil, este tema é trabalhado em sala de aula pra tenta evitar a evasão dos alunos?

Professora: É trabalhado bastante, sempre foi trabalhado.

Marcia: E como os alunos vêem está questão?

Diretora: Na verdade, agora a gente esta fazendo pacto né Marli, está evasão do trabalho no caso do infantil é pouco, um caso ou outro que também as vezes temos dois casos este ano, que as meninas casaram, mesmo sendo do nono ano.

Professora: Na verdade a Mirene mudou de escola, não mora mais aqui.

Diretora: São casos assim que faz parte, mas estes alunos nossos do ensino médio que a gente não tinha este conhecimento que existia esta evasão tão grande mesmo assim, é feito este trabalho, só que como eu disse pra você, quando o aluno ainda na idade bem certinha ele consegue, quando ele já reprovo tá com dois anos de defasagem dá bastante diferença de uma criança com dezesseis e daí um moço de dezoito anos. Eles sentem necessidade de trabalhar, ele precisa largar para ir trabalhar, ele já quer sair, ele quer comprar a moto dele, então ele precisa de dinheiro e pra isto ele precisa trabalha.

Professora: Mas o trabalho infantil mesmo não existe eu acho forçado trabalho escravo. Existe o que a gente sempre fala em reunião com os pais que eles devem ensina as crianças o do dia a dia, leva uma comida pro animal, dá agua e isto não é considerado trabalho infantil, trabalho infantil é aquele que prejudica, como trabalha na fumicultura, forno de carvão este que a gente entende que é que vem a prejudicar.

Marcia: E estes filhos de fumicultores eles trabalham nas lavouras de fumo?

Diretora: Pelo que temos conhecimento não, até por conta destas visitas não por a escola, mas essas empresas que fazem estas vigilâncias, então um sistema bem fechado, é proibido, é proibido, então digamos que neste período existe uma fiscalização se existir eles tem uma fiscalização, caso a família receba esta fiscalização e uma destas crianças estejam trabalhando.

Professora: mesmo que estejam na escola naquele horário.

Marcia: E no contra período eles podem ajudar?

Professora: A maioria se matricularam nos programas que tem na escola eles ficam no período da tarde, temos três tardes na semana com atividade complementar que é vôlei, futsal e teatro

Diretora: Nós não temos conhecimento, porque é o pai da Cintia que é fumicultor, Tailson e o Kelbim , Fabiana Moura e eles estão no programa, mas pelo que a gente saiba eles não participam nas lavouras.

Professora: se estiver a gente não tem nenhum conhecimento de um trabalho infantil, mas estes alunos que estamos falando pra você que tem as famílias na fumicultura eles tem desenvolvimento normal que nem os outros alunos, acompanham normalmente.

Marcia: E as empresas de fumicultura eles veem fazer palestras?

Diretora: Nunca vieram.

Marcia: E eles nem veem visitar a escola?

Diretora: Visitar a escola não, eles veem pra ver a frequência.

Marcia: e as empresas desenvolveram já algum projeto com a escola e alunos?

Diretora: Na escola não.

Professora: Nós tivemos uns anos atrás o projeto da Afubra, mas já não foi voltado para os anos finais do ensino fundamental, que era um projeto de leitura.

Diretora: Agora tem uma empresa que só manda por email nem vem na escola, mesmo aqui na escola.

Marcia: e vocês aconselham os pais pra ensinarem os alunos a trabalhar?

Diretora: Não, nós pensamos assim, em questão de campo, como nós vamos colocar assim a gente, principalmente eu enquanto hoje na direção e como já morei no campo, acho assim que a gente não pode disser assim pro nosso aluno: Ah vocês precisam estudar pra, há precisa estudar pra ser alguém na vida, não podemos dizer isto, porque assim vou estar desmerecendo os seus pais, que as vezes não tem estudo nenhum e daí ele vai tá lá no campo, ele tem o sitio dele, produz, seja qual agricultura ele esteja produzindo, seja na fumicultura, assim os riscos todos os professores de ciência, todos nas disciplinas eles trabalham, só que a gente precisa estar bem consciente, como vou dizer pra meu aluno do sexto ano; olha teu pai esta fazendo coisa errada tá trabalhando com isto ou aquilo, vocês não devem mais trabalhar assim, eles estão vindo de uma geração que o avô trabalho, o pai trabalha as vezes eles sofreram restrições pra construir uma estufa daí eu aqui na escola, quem disse que eu sei mais do que uma cultura da vida deles, eu acho que é bem contra a nossa situação como educadores, então temos que colocar para eles que exista a possibilidade deles trabalharem na roça, deles continuarem, como temos alunos que os pais trabalham na agricultura familiar, que trabalham com produtos orgânicos também, várias situações do a ao z, então não podemos dizer pra este aluno, não você esta errado, se os pais são da área de fumo e na escola que esta gente esta trabalhando, mas nós disse pra nosso aluno que teu pai esta fazendo errado, e esta frase que você precisa estuda pra ser alguém eu condeno totalmente, os pais destes alunos como já disse, não tem nem quarta série tá lá trabalhando sustento uma família inteira, educa as crianças de uma forma correta, não podemos desprezar toda uma cultura deles, e assim na escola né Marli, reflete muito bem aquelas crianças que são educadas com responsabilidade com deveres são os melhores alunos, com as maiores notas, o melhor desenvolvimento em sala de aula. Quando a criança é criada com estas coisas mais modernas, que não pode isto que não pode aquilo, já começa a cria uma ideia de que não precisa este não é pra fazer, e isto não vem a ser uma questão de escravização de crime, de trabalho infantil, não estamos falando de crianças, eles brincam, eles tem as atividades, mas também a questão da responsabilidade, assim que se vai criar um adulto responsável. E pela escola a gente percebe visivelmente, quando você faz reunião de pais.

Professora: A gente consegue observa aquele que tem o compromisso que sabe cumprir com responsabilidades, cujo os filhos ajudam nas tarefas de casa, porque daí eles conseguem entende, meu pai e minha mãe trabalham, sofrem na roça, então eu vou estudar que talvez um dia um trabalho mais leve, alguma coisa assim. Mas esta ideia de estudar pra ser algum na vida não pode ser discutida.

Diretora: Então a gente não gosta, a gente já teve algumas vezes esta falha, a gente pega firme, porque cada trabalho deve ser valorizado, as vezes a gente tem bastante alunos do assentamento, agricultura familiar bastante, e daí como podemos dizer que é só estudando que

se consegue. Não os pais destas crianças conseguem sustenta as crianças.

Marcia: Então os alunos que estudam pela manhã e pela tarde trabalham são os melhores alunos?

Diretora: Eu acredito, eles são responsáveis, eles acabam tendo um termo de responsabilidade maior, a responsabilidade que eles vem aprendendo é algo nítido, eles tem compromisso com as coisas, com as entregas dos trabalhos.

Professora: Agora aquelas crianças que a tarde fica na internet, fica passeando pela rua, que não pode trabalha ajuda, é aquela criança que não tem compromisso com a entrega de trabalho, aquela criança de baixo rendimento, respondona, é bem assim nós temos uma divisão bem clara.

Diretora: Por isto eu falo que isto a gente vem percebendo isto gradativamente. E isto tá aumentando, porque se fala muito nesta ideia que a criança não pode trabalha, mas o que a criança não pode trabalha é aquele trabalho escravo que a criança deixa de ir para aula ou a criança não é alimentada ou criança é penalizada nas tarefas este sim é um trabalho que a gente condena também, mas este trabalho que a gente vê que ele cresce que ele ajuda a desenvolve muitas vezes, dali parte por ele toma gosto pela própria propriedade dele investi, faz um curso mais tarde pra traze inovação pra propriedade, então este a gente tem que incentivar sempre, porque não adianta nada a gente fica falando que planta isto não é bom, e não abri também opção pra estas crianças perceberem que podem crescer ali mesmo, e tenta ajuda os pais, melhora a propriedade de diversifica, porque vamos induzi esta criança pra ir pra cidade, achar um emprego no mercado, de caixa no mercado, e ficar o resto da vida fica trabalhando ali e ganhando um salário mínimo, e comendo um salário e meio. Então quando a gente tem as reuniões com os pais, a gente sempre esta valorizando as famílias. Eu particularmente acho que o trabalho no campo é difícil, mais difícil fisicamente, mas psicologicamente as pessoas faz bem pras pessoas.

Professora: Conhecemos pessoa que deixam o ensino médio que deixam o campo e vão pra cidade, dia vão viver num lugar pequeno, uma vida difícil, num stresse da cidade, que não enxergaram isto que tinham aqui, que tem possibilidades por aqui mesmo.

Diretora: Como esta ultima menina que tínhamos aqui que estudava no Eja e que foi pra cidade, os filhos são em bastante em casa, dai tem os meninos e dai pra ela menina ir para Irati ganhar um salário mínimo é melhor do que ficar ajudando na roça, só que dai ela já era Eja. Eu penso que logo, logo ela vai começa a pensa, mora num quartinho, sozinha, sabe tem algumas coisas que eles acabam penso e logo voltam.

Marcia: Então pra vocês professores, diretores, o trabalho vem a ser uma forma cultural de ensino?

Professora: Eu acredito que sim, e que a gente tem que respeitar muito no contexto que vivemos hoje, porque nós ensinamos aqui que o trabalho é valorizado tem seu valor e a gente preza tudo isto, se o pai trabalha por dia até, o filho não pode ter vergonha disto, ele tem que respeitar e entender que aquilo é algo de valor e foi o jeito que o pai encontrou pra sustentar a família com honestidade. A gente vê muito nos grandes centros pais que dão uma vida muito mais tranquila pros filhos e da onde vem os recursos, coisas abstratas que a gente não tem como provar, mas sabe que não são corretas, pelo menos os nossos alunos eles aprendem desta forma e a nossa intenção na escola é sempre valoriza este trabalho deles, do campo de permanecer, de cada um progredir e cada um comprar mais um pedacinho de terra, as famílias vão crescendo.

Marcia: E o colégio apresenta aqueles cursos de aluno aprendiz?

Diretora: Nós tivemos um em 2012, dos cursos com parceira com o Senac, este ano não abriu

curso nenhum, daí tinha uma promessa de outros curso, agora são pras pessoas da comunidade, eles abriram um que nem sei o nome do curso, mas não específico pra nossos alunos, também não pra nossos alunos porque tem que ter dezoito anos completos.

Marcia: E o governo também não dá nenhum curso de jovem aprendiz?

Diretora: Não, a única coisa são as atividades complementares que dentro destas atividades complementares tem assim os macro campos que a gente pode escolhe, mas para isto a gente tem que fazer o projeto por exemplo foi feito em 2011 aquele primeiro projeto que foi futsal e vôlei, porque nós colocamos estas atividades, porque nós entendemos que a nossa criança já trabalhava, já ajudava, não ela precisava ter uma espécie de recreação, então a gente fez por este lado, então mas só pro fundamental e não pro médio, daí 2012 deu continuidade, 2013 também, em 2014 temos em teatro, onde os professores trabalham todas as historias; o trabalho infantil, drogas, violência que pra gente é bem interessante, as crianças desde pequenininhos eles aprendem. E nós não temos nenhum voltado pro ensino médio porque quando fizemos o projeto em 2013 nós não tínhamos o ensino médio implantado neste estabelecimento.

Marcia: E destes projetos ocorre evasão dos alunos?

Professora: tem fila, então a gente faz assim quando um apronta e que a gente não esta de acordo que aprontam ou que faltam a gente substitui por outro.